

REVISTA

PORQUE AMAMOS
LIVROS

conexão Literatura

Junho/2021

nº 72

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA

José M. S. Freire

autor de *Tamara Jong - A Guerra de Rarzok*

* *Confira* *Quelle Émotion! Quelle Émotion?* e *Physiologia das Paixões*: duas obras para mergulhar nos estados da alma

* *Confira* *ENEIDA*: o corpo, a voz e a escrita da resistência feminina na Literatura



E MAIS

ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

JUNHO DE 2021

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
Entrevista com José M. S. Freire, autor da série Tamara Jong, pág. 05
Dicas para leitura, pág. 10
Os homens ociosos revisitados, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 11
Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 16: A garota que me faz sonhar, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 15
ENEIDA: o corpo, a voz e a escrita da resistência feminina da Literatura, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 23
Seção "Leitores Indicam", pág. 27
Arte: "Quelle émotion! Quelle émotion?" de Didi-Huberman e "Physiologia das paixões" de Charles Lebrun: duas obras para mergulhar nos "Estados da alma", por Reginaldo Leite, pág. 28
Amores literários - Português amoroso, por Mayanna Velame, pág. 32
Entrevista com a escritora Adriana Aneli, pág. 35
Seção "Leitores Indicam", pág. 38
Entrevista com o escritor Adriano Valência, pág. 39
Entrevista com o escritor Cicero Miranda, pág. 43
Entrevista com a escritora Edna Alencar Rivera, pág. 47
Entrevista com o escritor Gilson Pessôa, pág. 53
Entrevista com o escritor João Batista Pontes, pág. 57
Entrevista com a escritora Mara Assumpção, pág. 60
Entrevista com a escritora Priscila M. Mariano, pág. 64
Entrevista com o escritor Ramón Vasquez, pág. 68
Entrevista com o escritor Wilson Barreto Fróis, pág. 72
Entrevista com o escritor José Carlos Castro, pág. 75
Conto: Território, por Roberto Schima, pág. 78
Conto: O Chalé Suíço, por Mollero Tomé, pág. 92
Conto: Imaginário do Gato Pyn - A Casa Azul da Alma, por Flávio Vidigal Guimarães, pág. 97
Conto: Sete dias, por Míriam Santiago, pág. 100
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 103

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



EDITORIAL

Nossa edição de junho destaca José M. S. Freire, autor da incrível série *Tamara Jong*, tendo lançado recentemente *A Guerra de Rarzok*. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

O leitor também poderá conferir excelentes dicas de livros, crônicas, contos, entrevistas e dicas para participação em antologias de contos e poemas.

Para saber como participar da nossa edição de julho, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



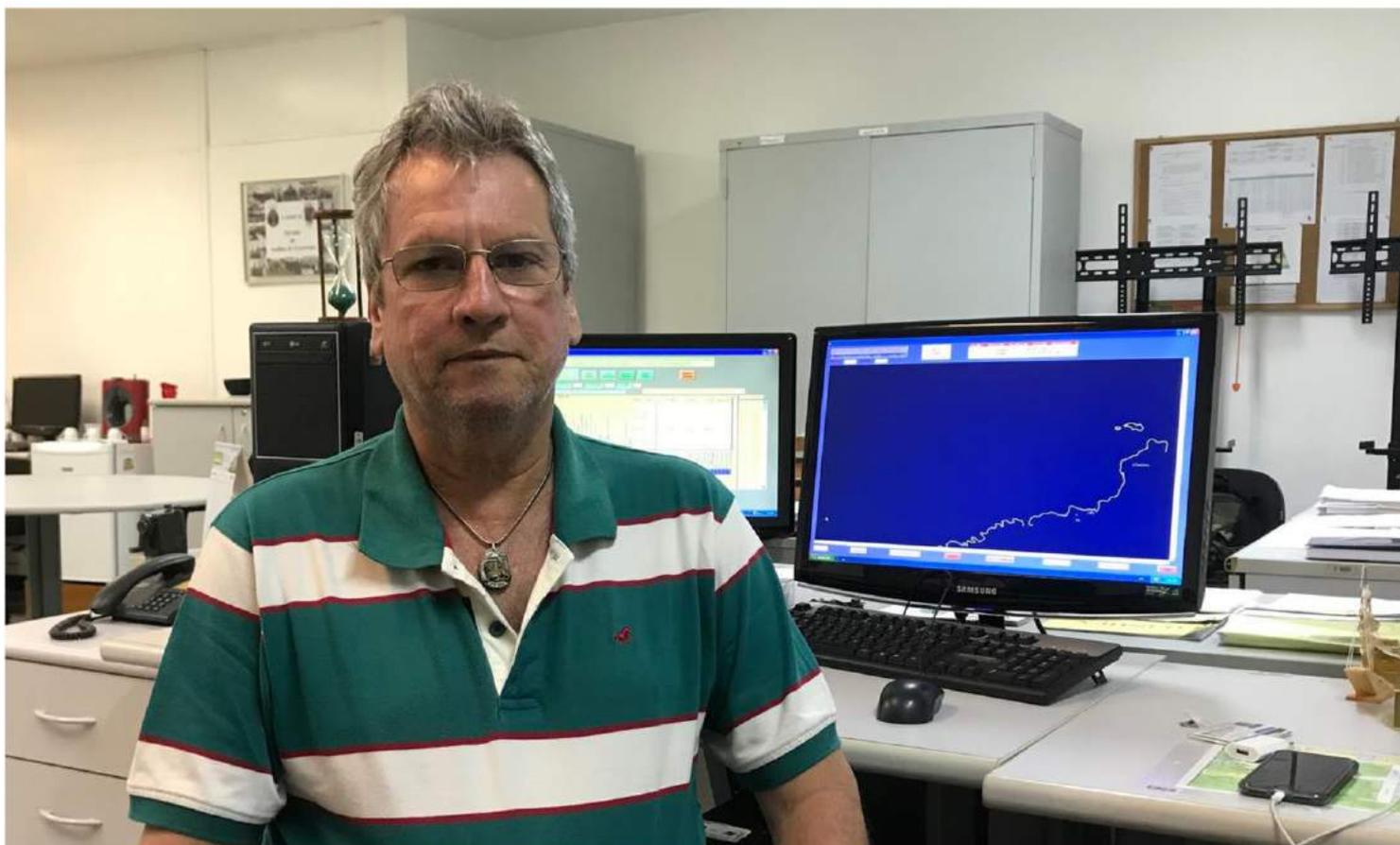
Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



JOSÉ M. S. FREIRE - FOTO DIVULGAÇÃO

ENTREVISTA COM JOSÉ M. S. FREIRE, AUTOR DA SÉRIE TAMARA JONG

José Maurilio de Souza Freire nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1956. Sempre gostou da literatura de ficção científica. Esse tipo de leitura influenciou suas escolhas acadêmicas: É bacharel em Ciências Físicas pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduado em Análise de Sistemas pela PUC-RJ. Também chegou a fazer dois anos de mestrado em Física Nuclear.

Trabalha como Tecnologista Sênior na Marinha do Brasil. Seu trabalho consiste em analisar a propagação do ruído irradiado pelos navios de guerra no ambiente marinho. Elaborar relatórios técnicos lhe deu confiança para escrever esta série de ficção.

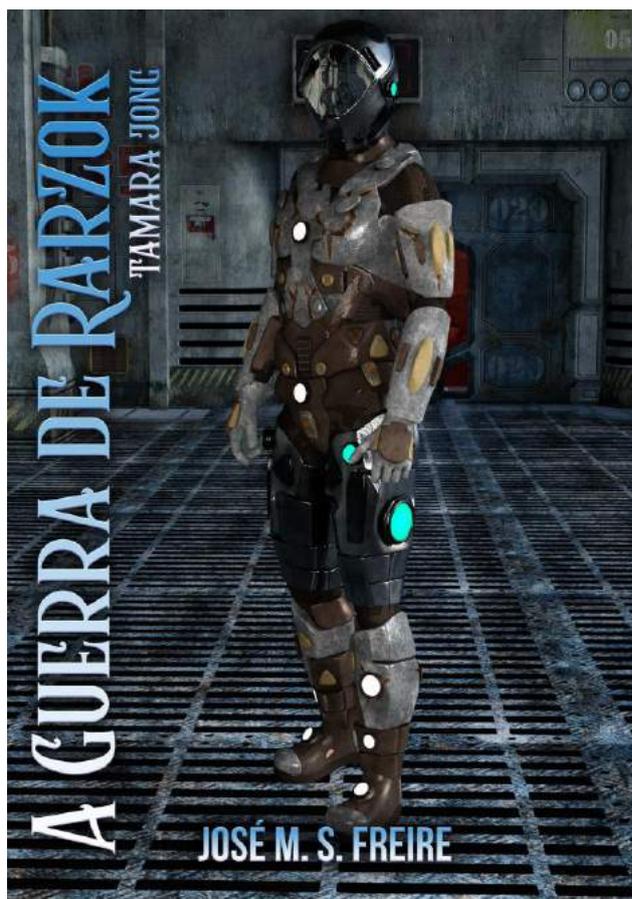
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José M. S. Freire: Tudo começou em uma noite fria e chuvosa de junho de 2012. Eu estava em casa, degustando um vinho chileno e assistindo a um documentário sobre antigas civilizações, e seus supostos contatos com os “Deuses-Astronautas”, quando, de repente, me ocorreu, segundo meus próprios conhecimentos de Física e minhas convicções a respeito do legado de seres alienígenas na Terra que, se realmente eles

estiveram aqui, sua rota mais provável para superar as astronômicas distâncias entre seus mundos e o nosso só pode ter sido traçada através de portais interdimensionais, entre os quais os buracos negros e buracos de minhoca, previstos na Teoria da Relatividade, os quais, também, segundo os cientistas modernos, podem ser criados artificialmente com o emprego de sistemas de alta tecnologia.

A partir daí, eu fiquei imaginando se, assim como em certos sítios arqueológicos extremamente antigos, nos quais é aventada a existência desses portais no interior de templos ou formações de enormes megálitos, também na Floresta da Tijuca, onde eu costumava caminhar nos fins de semana, poderia haver algum indício da existência dessas passagens em suas grutas ou recantos mais recônditos. A partir desse pensamento, me veio a ideia de criar uma história para explorar esta possibilidade.



Conexão Literatura: Você é autor do novo e-book "Tamara Jong – A Guerra de Rarzok" (Amazon e Kobo). Poderia comentar?

José M. S. Freire: Este livro conta mais um pouco sobre uma antiga raça de androides denominados “trevurianos”, que, num passado longínquo, quase foram exterminados por uma coalisão de planetas por terem se aventurado numa expansão desenfreada pelas galáxias e colocado em risco vários povos inteligentes do universo, devido as suas práticas nefastas para se perpetuarem como espécie. Próximo ao final daquela guerra que quase os aniquilou completamente, alguns trevurianos conseguiram fugir da coalisão para um canto remoto e desconhecido do cosmos, onde não tardaram a agir para aumentar seus números. Agora eles estão de volta, mais fortes e numerosos que antes, dispostos a, primeiramente, se vingar da antiga coalizão de planetas que se consolidou como a “Aliança Intergaláctica” dos tempos atuais, depois, conquistar os incontáveis mundos de todo o universo conhecido.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir essa história?

José M. S. Freire: Bem, na verdade minhas pesquisas, feitas antes de eu escrever o primeiro livro, “Tamara Jong - O Chamado de Úlion”, se resumiram em estudar um pouco sobre a Coreia do Sul, principalmente para conhecer nomes típicos e poder criar

os nomes dos parentes de Tamara. Também li algumas coisas sobre seu estágio de desenvolvimento científico e tecnológico. Mas nada que eu já não soubesse, tipo, eles são donos de grandes marcas de carros, telefonia celular, televisores e eletrônicos em geral. Além de possuírem a banda larga mais rápida do mundo. Quanto ao tempo de escrita, estou levando um ano, aproximadamente, para escrever cada livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu e-book?

José M. S. Freire: “Me sinto honrada e agradecida por fazer parte de um grupo de pessoas, não somente meus companheiros ulianos, como também os valentes Too-Tat, a Maí-Turá e os terráqueos que se juntaram a nós, que se arriscam frequentemente para enfrentar um exército numeroso e bem armado. A vida é mesmo frágil e fugaz, mas o meu coração é forte e a fonte de onde brotam meus anseios de liberdade e justiça, inesgotável” (personagem Larena).

Conexão Literatura: Tamara Jong é uma coleção de 6 e-books. Você já pensa num próximo e-book para essa coleção ou “A Guerra de Rarzok” foi o último da série?

José M. S. Freire: Estou descansando um pouco do trabalho exaustivo que tive na elaboração e publicação deste livro, e, assim que estiver com a cabeça fresca novamente, vou começar a escrever o sétimo e-book, que poderá, ou não, encerrar a série.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre a série “Tamara Jong”?

José M. S. Freire: Este e-book, bem como os cinco anteriores, podem ser adquiridos tanto no site da Amazon quanto no da Kobo (Rakuten).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José M. S. Freire: Olha, há uma personagem que eu criei no terceiro livro, “Tamara Jong – A Lua Negra de Patânia”, que acabou se transformando numa das minhas favoritas. Após completar a série “Tamara Jong”, estou pensando em iniciar uma nova série de aventuras exclusivamente para essa personagem. Mas a identidade dessa personagem eu vou manter em segredo para os que ainda não leram meus e-books. As pessoas que têm acompanhado minha obra desde o início certamente não terão qualquer dificuldade em deduzir a qual personagem estou me referindo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Meus livros!

Um (a) autor (a): Eu!

Um ator ou atriz: A futura atriz que interpretará Tamara Jong na série que será criada a partir dos meus livros!

Um filme: Todos os filmes nos quais meus livros se tornarão!

Um dia especial: O dia em que eu nasci, por motivos óbvios, senão eu não estaria aqui hoje! Rsrsss...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José M. S. Freire: Sim, gostaria sim! Não fiz nenhuma pesquisa referente ao assunto, mas, tenho notado, ao longo do meu trabalho como autor independente que, no que tange aos e-books de autores nacionais estreados, só há avaliações, e por conseguinte, “vendas”, para aqueles escritores que disponibilizam seus e-books no programa Kindle Unlimited. Acho este programa válido, todavia, assim como eu, vários outros autores não abrem mão de cobrar um preço, ainda que irrisório, pelo seu trabalho. Fico pensando se o brilhante empresário Jeff Bezos, o dono da Amazon, como todos sabem, com esta estratégia de vendas não está transformando o que antes eram leitores em meros “acumuladores”, pagando mensalmente R\$10,00 a ele para baixar “gratuitamente” dezenas, ou mesmo centenas, de e-books que certamente jamais terão tempo, ou disposição, de ler. E quero também agradecer a toda equipe da Revista Conexão Literatura por me darem, mais uma vez, a oportunidade de tornar meu trabalho conhecido.

DISPONÍVEL NA AMAZON E KOBO

TAMARA JONG
A GUERRA DE RARZOK
JOSÉ M. S. FREIRE

"A jovem viúva estava se sentindo só e desamparada. Lina queria poder estar com alguém que, do mesmo modo que ela, estivesse disposto a fazer alguma coisa importante para ajudar não apenas o seu planeta, mas todos os outros do universo, a evitar, ou senão, lutar, a guerra de Rarzok. Seu temperamento forte, aliado ao desejo de justiça pela morte do marido e de seus colegas de trabalho, não lhe permitiria tomar apenas a decisão de voltar para casa e ficar de braços cruzados, esperando para ver o que iria acontecer no futuro próximo."

TRECHO DE TAMARA JONG - A GUERRA DE RARZOK

Rakuten kobo amazon

A GUERRA DE RARZOK

TAMARA JONG



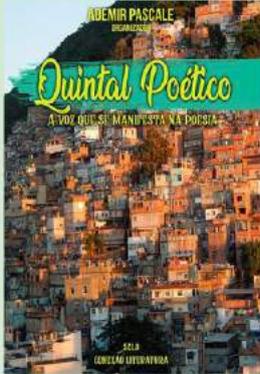
PARA ADQUIRIR O E-BOOK, ACESSE:

Rakuten
kobo

amazon

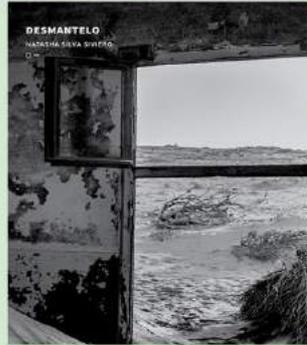
JOSÉ M. S. FREIRE

DICAS PARA LEITURA



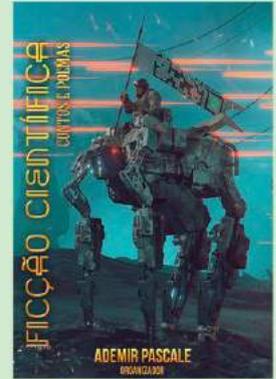
Quintal Poético
Ademir Pascale (org.)

Acesse



Desmantelo
Natasha Silva Siviero

Acesse



Ficção Científica
Ademir Pascale (org.)

Acesse



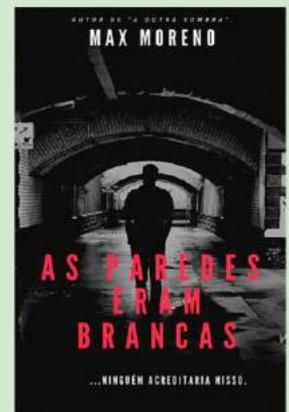
A Guerra de Rarzok
José M. S. Freire

Acesse



Histórias para ler e morrer de medo - V
Ademir Pascale (org.)

Acesse



As paredes eram brancas
Max Moreno

Acesse

*“Temos a arte para não morrer da verdade.”
– Friedrich Nietzsche*



OS HOMENS OCOS REVISITADOS

POR GILMAR DUARTE ROCHA

O ntem, aleatoriamente, me veio à memória o pano de fundo da peça de dramaturgia “A solidão do poderoso no espelho”, criação inspirada e indignada, concomitantemente, do escritor e amigo Valdir Aquino Ximenes, em edição primorosa da Giostri Editora, 2020, obra que trata do dilema de um homem impregnado de poder; cercado de castrenses e espartanos por todos os lados; recheado de dinheiro, tesouros e outros bens materiais de grande monta, e que nos dias de hoje bem que poderia ser emulado com Salomão da Bíblia, o filho do Rei Davi, não fosse a ausência completa de sabedoria, humanismo, altruísmo, moralidade e dignidade, carência essa que o torna completamente desprovido de conteúdo, um invólucro humano, um tronco de árvore podre, um walking dead que se guia apenas pelo instinto de destruir, devorar; que pode ser manipulado por um silvo de mentiras; que parece ser fisicamente indestrutível e que só poderá ser eliminado por uma flechada certa no cerne da mente vazia.

Ainda dissecando a obra de Ximenes, o homem poderoso sabe que tem cem arcos nas mãos, mas não tem uma flecha sequer; que tem uma bateria completa de canhões, contudo não dispõe de buchas; que pode recorrer a qualquer hora a 100 cientistas, mas nenhum deles acredita nos preceitos da revolução das luzes e são, por corolário,

ineficazes; que se diz crente em Deus, mas que rasga em pedaços todos os preceitos estabelecidos no livro sagrado.

Esse tipo de personagem, por sinal, nos remete à mensagem da magistral poesia de T.S.Elliot chamada “Os homens ocos” — publicada no livro “The Waste Land”, em 1922 — tão bem dissertada pelo jornalista Ricardo Gurgel, que a coteja com a mensagem de outro clássico da literatura mundial “O coração das trevas”, de Joseph Conrad:

“Mas de que tipo de vazio fala Eliot? Marlow nos conta qual o vazio de Kurtz: ‘Tanto o amor diabólico quanto o ódio sobrenatural dos mistérios em que havia penetrado disputavam a posse daquela alma saciada de emoções primitivas, ávida de glórias enganosas, de falsas honrarias, de todas as aparências do sucesso e do poder’. Na verdade, o vazio é apenas uma metáfora para definir a abundância das coisas inúteis, o excesso de tudo que representa opulência, mas que transforma os homens em seres empalhados”.

Kurtz, o personagem de Conrad, é a representação concreta do homem vazio, que se sente dono de tudo, onipotente num mundo sem sentido, nas brumas profundas das trevas.

Homens ocos, de uma forma ou de outra, constroem os seus castelos de areia; enganam multidões; iludem a si mesmos; aparentam não ter medo de nada; têm medo de tudo, na solidão do espelho ou do quarto de dormir; não deixam rastros, realizações, edificações, contudo deixam uma herança de sangue sempre onde passam; são sujeitos blasé, insensíveis; não gostam de conhecimento; abominam as artes; adoram o belicismo; alisam a cabeça de uma criancinha ou de um animal de estimação enquanto ordenam o massacre de tribos inteiras, não poupando nem mesmo vidas infantis; cortejam mil mulheres, mas são incapazes de dormir com uma delas.

Homens ocos também têm uma tendência congênita de apreciar o sofrimento alheio. São sádicos por natureza. Um livro não muito difundido da excelente escritora norte-americana Susan Sontag, com o sugestivo título “Diante da dor dos outros” aborda esse tema como muita propriedade como bem define o texto de apresentação da obra:

“Aqui, faz uma nova e profunda reflexão sobre as relações entre notícia, arte e compreensão na representação dos horrores da guerra, da dor e da catástrofe. Discutindo os argumentos sobre como essas imagens podem inspirar discórdia, fomentar a violência ou criar apatia, a autora evoca a longa história da representação da dor dos outros — desde As desgraças da guerra, de Francisco de Goya (1746-1828), até fotos da Guerra Civil Americana, da Primeira Guerra Mundial, da Guerra Civil Espanhola, dos campos nazistas de extermínio durante a Segunda Guerra, além de imagens contemporâneas de Serra Leoa, Ruanda, Israel, Palestina e de Nova York no 11 de setembro de 2001. Num texto preciso e provocador, Sontag levanta questões cruciais para a compreensão da vida contemporânea. De sua reflexão surge uma formulação surpreendente e desafiadora: a

relevância dessas imagens depende, em última instância, da maneira com que nós, espectadores, as encaramos”.

Homens ocos são como ondas: vão e vêm. Jamais desaparecerão. São espectros que vanescem à luz do sol de primavera e reaparecem, de súbito, no mais tenebroso e sombrio inverno.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**
POR APENAS
R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO: POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Capítulo 16: A garota que me faz sonhar

Literatura

A pausa para o almoço, que durou um pouco menos de uma hora, a Kátia utilizou-a para ir até a casa da sua mãe Lucelina, com quem morava, enquanto eu fiquei mergulhado em oceanos de pensamentos e recordações. A Dona Leica havia caprichado no pirarucu a casaca e na sobremesa de sorvete de cupuaçu.

Apassionado pela música, creio que ela está profundamente ligada à minha vida e, por isso, deixa-me calmo, revigorado e feliz. Na verdade, sinto um bem-estar indescritível. É bem provável que eu tenha aprendido a gostar de música, desde criança, com o trabalho desenvolvido pelo meu pai, no seu comércio, que, às vezes, funcionava como bar, com uma geladeira que não gelava muito. Operava a querosene. À noite, após a energia elétrica ser desligada na usina pública, às 19 horas, e a cidade ficar à luz de luar, entrava em ação o lampião Aladdim, de alumínio, também a querosene.

Em determinada ocasião, papai inaugurou um salão de festas de nome Vitória-Régia. Eu deveria estar com a idade de 6 anos. Nesse tempo, em Tefé, ainda não existiam eletrolas modernas com alto-falantes potentes. O som da pequena eletrola, que funcionava a pilhas alcalinas e tocava nas rotações 33, 45 e 98, era amplificado com as cornetas do sistema de alto-falantes da Voz Comercial Agá-Erre, que ficavam posicionadas dentro do salão, em local estratégico, para não prejudicar o trânsito dos seus frequentadores. O amplificador acomodava doze pilhas, distribuídas em três suportes iguais.

Papai também se utilizava de um pequeno gravador portátil, cujas fitas em carretel acomodavam muitas músicas. Havia, entre os carretéis, um com músicas carnavalescas que ele mandou gravar durante um baile de carnaval realizado no Humaitá Atlético Clube. A atração era uma banda de metal que veio de Manaus. Essa fita tornou-se bastante solicitada em momentos festivos. No encerramento do programa A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, esse carretel musical foi executado e todos se lembraram dos bons tempos do Humaitá, famoso em toda a região do Solimões pelas festas glamorosas que realizava.

Ao perceber que seu filho gostava de ouvir músicas, minha mãe presenteou-me com uma eletrola Nivico, composta por toca discos, toca fitas, gravador, rádio e, ainda, mesa de som e quatro alto-falantes. Na época, eu tinha 15 anos. A princípio, a Nivico ficou na Lanchonete Espírito Santo, no mercado público, onde eu a ajudava, das 4 às 6 horas da manhã. Alguns meses depois, foi levada para o Comércio Agá-Erre, administrado pelo meu pai. À tarde, depois do meio dia, quando retornava das aulas no Colégio Estadual, eu o auxiliava nas vendas, em horário que se estendia até às 18 horas. Em seguida, deixamos a Nivico na sala de estar do segundo piso do comércio, próximo ao meu quarto de dormir, lugar em que permanece até hoje.

Dona Leica, minha mãe, nasceu em Tefé, no interior do Amazonas, em 24 de agosto de 1929, logo depois que seus pais chegaram do Jenipaua, lugar no qual residiram por vários anos e onde trabalharam na agricultura, seguramente na pequena lavoura, e, também, na pesca artesanal de subsistência.

Decorridos um ano e alguns meses do seu nascimento, Dona Leica foi batizada por Monsenhor Miguel Barrat, em 15 de outubro de 1930, tendo como padrinhos Eládio Castelo Branco e Mercedes Cavalier. Essas informações são fidedignas e estão demonstradas na Certidão de Batismo n.º 583, transcrita do Livro XI, folha 95, da Paróquia de Santa Teresa, Prelazia de Tefé. Sua mãe chamava-se Raimunda Serra Lima.

Embora seja do conhecimento da maioria dos tefeenses, custa nada lembrar que o Monsenhor Miguel Alfredo Barrat, nome ilustre e destacado nas narrativas históricas relativas a Tefé, foi Prefeito Apostólico, nos anos de 1926 e 1927. Não menos notável, o Sr. Eládio Castelo Branco esteve como Intendente (vereador) e Superintendente (prefeito), nas décadas de 1920 e 1930.

De Tefé, motivados pelo estado doentio do patriarca Manuel Crispim, que se acidentara ao cair de uma construção, no desempenho do seu ofício de carpintaria, transferiram-se para o Coracy, lugarejo aprazível localizado às margens do Rio Japurá.

Ainda muito jovem, em razão do falecimento dos pais e casamento dos seus três irmãos, Ismael, Antônio e Augusta, retornou de vez a Tefé, sede do Município, onde foi morar sob os auspícios da sua tia Biló, numa casa situada na Rua Coronel Francisco Rodrigues, atual Olavo Bilac, esquina com a Travessa Treze de Maio, hoje Travessa Bom Jesus.

Anos mais tarde, com o desejo e a obstinação excessiva em querer sair do analfabetismo, aliados aos dedicados ensinamentos do meu pai, minha mãe, sem nunca ter frequentado os bancos escolares, aprendeu a ler e a escrever. Também, graças a seus esforços e estudos, sabia resolver e solucionar os mais elementares problemas de matemática, envolvendo tão somente o básico da adição e da subtração, operações que muito lhe ajudaram durante toda sua vida devotada ora ao comércio de gêneros alimentícios e estivas em geral, ora às atividades de venda de lanches e refeições.

Ao longo dos anos dedicados ao comércio, Dona Leica deixou conhecidos seu cafezinho, seu mingau de milho-verde (canjica), de milho-branco (mungunzá), de arroz, de banana madura, sua pamonha, seu beiju (tapioquinha), fritinhos de goma, refrescos de frutas naturais, seus sanduíches, todos, aliás, inegavelmente, da melhor qualidade e com preços mais barato, pois, tal como repetidamente afirmava, essa maneira de comercializar vinha a ser sua marca registrada.

Acordava sempre muito cedo, partindo de casa, todos os dias, geralmente às quatro horas da manhã, quando o brilho das estrelas ainda se sobressaía no clarão azul do céu. Caminhava com passos apressados em direção ao Mercado Municipal, onde estava localizado o seu ponto de venda, canteiro de sobrevivência e prosperidade, distante, mais ou menos, cento e cinquenta metros da nossa moradia, que ficava na Rua Olavo Bilac, esquina com a Travessa Bom Jesus, a mesma casa da sua tia Biló, comprada anos depois pelo meu pai. Por muitos e muitos anos, ela percorreu com invulgar satisfação esse trajeto, às vezes, até enfrentando chuvas torrenciais, ventos fortes, poeira de chão, friagem, escuridão. No entanto, minha mãe demonstrava estar continuamente muito feliz, cumprindo sua missão e ganhando seu dinheirinho.

O comércio, a profissão que minha mãe abraçava de verdade e que desempenhava com tanto carinho e entusiasmo, há anos apareceu em sua vida, antes mesmo de quando ainda não existia a atual Feira do Produtor Rural ou, desde antigamente, quando a Rua Duque de Caxias, alcatifada de relva e ornada por mangueiras centenárias, dominava majestosa, contornando magnificamente a principal entrada da cidade, chegando à Praça Getúlio Vargas, que era o mais frequentado espaço de convívio dos tefeenses.

A Praça Getúlio Vargas, nessa época, via-se cercada pelo Mercado Municipal, pelo Cine-Teatro São José, pelo Clube JET, pela Quadra de Esportes Monsenhor Barrat, pelo Salão Paroquial e pelo Dorgan's Bar. À noite, ficava quase todo o tempo cheia de crianças, jovens e adultos, mas dominava uma calmaria gostosa de cidade tranquila, a não ser quando o silêncio reinante era quebrado pelos acordes perfeitos de um violão em serenata, empunhado com brilhantismo por experientes e conhecidos jovens seresteiros.

Essas imagens antigas de Tefé parecem ter ficado definitivamente na minha mente, congeladas, a espera de um comando. E, sempre que sinto saudades da minha infância, vejo-as nitidamente, com grande clareza. A Praça Getúlio Vargas da minha memória é a mesma da fotografia que vem estampada na capa do livro “O Semeador do Saber”, de autoria do saudoso conterrâneo José Silvestre do Nascimento e Souza, podendo-se notar as águas do lago de Tefé em estado avançado de enchente, insinuando querer abraçá-la. Sentados no barranco, seis meninos observam a cena. Estaria eu entre eles? Ou seria aquele menino que desce em direção ao mercado, acompanhado a distância por uma senhora que poderia ser a minha mãe? Minha imaginação transporta-me para dentro daquela fotografia. Sinceramente, hoje eu gostaria de estar ali, juntamente com a minha mãe querida, como menino, vestido em minha melhor roupa – bermuda de tergal azul e camisa jérsei verde-abacate que ganhei de papai, em 1964, em meu aniversário. Porém, como jamais poderei realizar esse sonho, devo contentar-me com essas doces lembranças... agradáveis lembranças...

Extremamente atento e cuidadoso com tudo, tenho guardado uma folha de papel ofício, já amarelada pelo decurso dos anos, que contém datilografadas três mensagens natalinas, uma delas subscrita pela Lanchonete Espírito Santo. Todas, tenho plena certeza, foram veiculadas através das ondas poderosíssimas da Rádio Educação Rural de Tefé, nas noites do mês de dezembro de 1978.

O texto da Espírito Santo, que se encontra em cercadura tipo “x-x-x-x-x-x”, ficou, assim, elaborado: “Retorna o Natal e, com ele, a certeza de que os nossos corações serão inundados de alegrias, sonhos e esperanças. Neste final de ano, quando ouvimos e sentimos mais próximos as badaladas e o tilintar dos sinos que anunciam o nascimento do Menino Jesus, a Lanchonete Espírito Santo almeja aos seus fregueses e amigos Boas Festas, desejando-lhes, ainda, um ano de 1979 repleto de paz, de entendimento, de cooperação, de diálogo, no seu lar e no seu ambiente de trabalho. Feliz Natal!!! Próspero Ano Novo!!! Estes são os votos sinceros da Lanchonete Espírito Santo e da sua proprietária, Dona Leica.”

A Lanchonete Espírito Santo, propriedade da minha mãe, ficava à esquerda do portão central do Mercado Municipal, de frente para a Rua Duque de Caxias, que dava vista para o imponente Lago de Tefé. Da Espírito Santo, de manhãzinha, às cinco da madrugada, podia-se ouvir o murmurar das águas negras do lago, beijando as alvas areias da praia. E tantas manhãs, ficamos, minha mãe e eu, a observar a Estrela Dalva, um pontinho luminoso que se sobressai no firmamento, no outro lado do lago, na Vila de

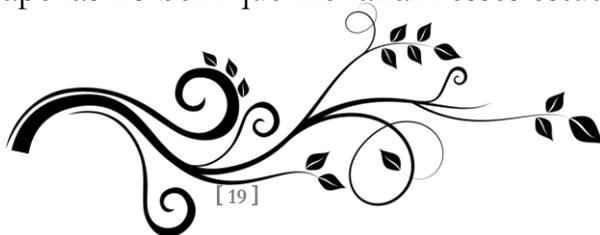
Nogueira, hoje pertencente ao Município de Alvarães. De vez em quando, sinalizava como um pisca-pisca e desaparecia, mas logo voltava à cena com refulgência.

Presenciamos, também, em várias ocasiões, o despontar e o sumir instantâneo de estrelas cadentes. Certa vez, um cometa esteve sob nossa mira por alguns dias. Podíamos vê-lo lindo, soberbo e caudaloso no céu de Tefé. De dia, com o sol radiante, todos avistávamos, ao longe, na margem oposta do lago, o brilho esfuziante do branco da igreja e de algumas casas da Vila. Em outras oportunidades, mamãe e eu testemunhamos, juntos, o aproximar de canoas de nogueirenses, que se deslocavam para Tefé, a fim de vender seus produtos agrícolas ou trocá-los por mercadorias. Ancoravam a estimados duzentos metros do mercado, na praia de areias alvíssimas que se unia, com envolvente ternura, à quietude do lago de águas límpidas, mas escuras.

Mãe de apenas um filho, Dona Leica empenhou-se, desde cedo, para que eu tivesse uma boa educação, com formação intelectual e moral de qualidade. Assim, em 1964, aos seis anos de idade, matriculou-me na Escola Eduardo Ribeiro, cuja diretora era a professora Amazônia de Azevedo Queiroz. A entrada da escola dava-se pela Quintino Bocaiúva, de frente para um enorme cruzeiro de madeira e a cinquenta metros da nossa casa. A minha primeira professora chamava-se Esmeraldina Vieira. Um ano depois, atendendo sugestão da professora Virgilina Façanha Mendes, que estava como diretora da Escola São José, na Rua Floriano Peixoto, mamãe transferiu-me para esse educandário, tendo ali concluído o ensino primário, com o incentivo e apoio das professoras Raimunda Balieiro, Arsênia Gomes, Lúcia Pessoa, Mildes de Azevedo Barros, Elisabeth Gama e Nair da Costa Castro, entre outras.

Em 1971, com a aprovação em exame de admissão, mamãe matriculou-me no Colégio Estadual de Tefé, na Rua Getúlio Vargas, onde obtive, em 1974, o certificado de conclusão da oitava série, o antigo curso ginásial. No dia da formatura, minha mãe esteve na Matriz de Santa Teresa, local em que se realizou a entrega dos certificados e, depois, juntamente com papai, no Humaitá Atlético Clube, palco das comemorações festivas dos formandos junto a familiares, amigos e demais convidados. No convite, muito simples, feito em papel cartolina marfim, podem ser verificados a programação, o nome dos mestres homenageados e a relação dos oitavanistas.

No ano de 1975, com o êxito que obtive no mine vestibular do Colégio Agrícola do Amazonas, para estudar em Manaus, sob o regime de internato, empenhou-se ela, minha mãe, na compra de todo o material necessário, para a admissão no referido estabelecimento de ensino amazonense. Embora tivesse sido uma decisão sábia e corajosa, não deixou de ser também muito dolorosa para mamãe, pois, sem alternativa melhor e menos torturante, haveria de ficar um tanto longe do seu amado filho. Mas o que fazer numa hora dessas? Sinceramente, não sei o que se passou na sua cabeça; suponho que tenha pensado apenas no bem que me fariam esses estudos mais elevados.



Passaram-se, então, três longos anos para que eu viesse a concluir o ensino médio. Em Tefé, durante todo esse tempo, mamãe continuou trabalhando, trabalhando, e, quem sabe, trabalhando até um pouco mais, passando da conta, para poder manter os meus estudos na Capital.

E não foi diferente quando, em seguida, permaneci por mais três anos e meio em Manaus, estudando na Faculdade de Estudos Sociais da Universidade do Amazonas, onde coleei grau em curso de nível superior, com o título de bacharel. Nesse período, mamãe também esteve presente em minha vida e, mais uma vez, financiou tudo: livros, cadernos, alimentação, vestimenta, calçados, transporte... As passagens de avião ou de barco, para que eu fosse visitá-la, na época das minhas férias escolares, ou, ainda, nos feriados mais prolongados, eram, do mesmo modo, pagos por ela e papai. E aconselhava-me: “Sua obrigação, meu filho, não vai além do que fazer o melhor por você mesmo e, especialmente, ser responsável em suas atitudes.”

Ao iniciar o mês de outubro de 1983, com o propósito de alimentar ainda mais o meu desejo de estar presente nos festejos em honra de Santa Teresa de Jesus, padroeira de Tefé, mamãe preocupou-se em enviar-me a programação da tradicional festa religiosa, que continua atraindo e reunindo milhares de romeiros, no mês de outubro. Entre os colaboradores da festa, podem ser notados a Lanchonete Espírito Santo e o Comércio Agá-Erre, que se encontram relacionados como noitários do dia 7, uma sexta-feira.

– Colares, meu amor, alertou-me Kátia, estamos à uma da tarde em ponto. Precisamos retornar ao programa.

Até o toca discos agradeceu o intervalo, pois, durante esse período, o toca fitas esteve em ação. O intervalo foi preenchido pelo grupo OS SUPER QUENTES que tocou, sem interrupção, músicas de dois de seus discos, os de volumes 4 e 5, produzidos pela CBS, em 1972. Registro que o disco correspondente ao volume 4 é composto por doze músicas: “I Love You Baby”, “Quero Voltar Pra Minha Terra”, “Férias de Verão”, “A Canção Mais Carinhosa”, “Eu Só Penso em Você”, “Um Gato no Azul”, “A Garota Que Me Faz Sonhar”, “Sonhei Sonhei”, “E Não Me Dás Valor”, “Oh! Baby”, “Uma Vai, Outra Vem” e “Vou Lhe Esquecer”. Quanto ao volume 5, compõe-se por doze músicas: “Soraya”, “Assim Seja”, “Não Tenho Dinheiro”, “Só Você Sabe o Que Eu Sinto”, “Oh, Oh Julia”, “Eu Te Amo”, “Itchy Koo Koo”, “Vou Buscar Meu Amor”, “Deixe-me”, “Vem Pra Mim”, “Contigo Querida” e “Eu Digo Adeus”.

Todos adorávamos OS SUPER QUENTES e suas músicas, especialmente as dos discos de volumes 4 e 5, o que, sem dúvida, segurou a grande audiência do programa e me fizeram viajar nas minhas recordações.

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!!

Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no canal A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:

<https://www.youtube.com/channel/UChNW1t896004mDu3xGSlhSw>

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER **AUTOESTIMA** FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com



ENEIDA DE VILLAS BOAS COSTA DE MORAES - FOTO DIVULGAÇÃO

ENEIDA: o corpo, a voz e a escrita da resistência feminina na Literatura

Por Cristiane de Mesquita Alves

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. [...] E foi nessa tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres. Nunca esquecerei seu ar de espanto nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. Estavam manchados de terra ou de sangue? Nunca esquecerei o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos. Ouvimos os passos do guarda subindo a escada; as chaves na porta das grades; depois ela entrou. Estatura mediana, vestido estampado, olhos curiosos. Entrou em silêncio. Em silêncio o guarda a deixou ali. Olhou em torno. Procurou examinar uma a uma as mulheres, envolvendo-as todas num olhar imenso. Sentou-se na ponta de cama próxima, curvou-se, meteu os dedos por entre os cabelos. - Quem será? - Que mulheres serão estas? - estaria se perguntando. (MORAES, 1989- Trecho da crônica *Companheiras*).

Literatura

ENEIDA de Villas Boas Costa de Moraes (1904-1971), ou simplesmente Eneida como preferia ser chamada, foi/é a maior representação da Literatura de escrita feminina nascida no Pará. Veio ao mundo sob as regalias das riquezas do Ciclo da Borracha, que lhe permitiram viver de forma abastada. Mas, ao conhecer os postulados marxistas segundo Fares (2012, p. 197) “deixou a abastança de lado e foi viver na então capital federal, no Rio de Janeiro, onde, como militante do Partido Comunista, tornou-se ferrenha opositora de Getúlio Vargas.” Essa oposição ao governo a levou à prisão no Pavilhão dos Primários, local em que conviveu com outros intelectuais presos, como o romancista Graciliano Ramos.

Ela foi uma mulher que confrontou o regime governamental tanto na vida real, quanto nas páginas de suas ficções. E para um leitor iniciante da obra desta grandiosa escritora, vale conferir a leitura da Crônica *Companheiras*. Por meio da narrativa literária, Eneida denuncia de forma voraz as atrocidades impostas a vinte e cinco mulheres presas políticas que estão em uma mesma cela, descrevendo com precisão as formas de como são torturadas (pelas violências físicas, pelas psicológicas e pelas simbólicas).

Resistência sem dúvidas é a melhor palavra que define a obra de Eneida, sobretudo no que diz respeito as suas personagens femininas, das mulheres adultas às crianças – a autora compõe quadros do cotidiano que são representados de modo a endereçar seu leitor (a) a refletir sobre o comportamento e as exigências do patriarcalismo sobre o corpo, o fazer e o pensar feminino. Eneida decidiu viver e escrever de uma maneira a descolonizar o pensamento patriarcal/colonial.

Sua Literatura não está propriamente voltada a narrar os temas amazônicos como restritos a uma categoria de Literatura Amazônica, com temáticas fixadoras na apresentação e propagação do mito, das lendas, do folclore etc., embora haja textos excelentes de sua autoria que possam ser lidos nesse viés, como *Banho de Cheiro*, ou a própria crônica *Promessa em azul e branco*, se partir do desejo do leitor em ler a presença e/ou as referências ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré como um tema peculiar, ou voltado à região paraense.

A linguagem coloquial, os traços do regionalismo, a valorização da cultura popular, das tradições culturais, atitude crítico-reflexiva diante da realidade brasileira nas denúncias às desigualdades sociais são registros literários da modernidade presente em seus textos, além da alteridade, uma vez que o olhar da autora em suas obras desloca-se para *o outro*.

Os assuntos de seus textos ultrapassaram a fronteira do local, do regional, e se inseriram no campo do Nacional, ou de forma mais ousada, na Grande Literatura, apesar de sua obra ainda não ter o merecido reconhecimento – como de fato, deveria. Além de Belém do Pará, Eneida era apaixonada pelo Rio de Janeiro. Seu nome era ligado ao Carnaval carioca. Ela, por exemplo, presidiu a Liga de Samba do Rio de Janeiro, foi promotora do famosíssimo Baile do Pierrô e em 1958, escreveu a *História do Carnaval Carioca*. Sua relação era tão forte com a tradição carnavalesca, que Fares (2012) cita que em 27 de abril de 1971, dia de sua morte, seu corpo, traslado a Belém, chegou coberto com a bandeira branca e vermelha do Salgueiro. E no carnaval de 1972, a escola de samba homenageou a escritora. “Salgueiro traz o tema “Eneida, amor e fantasia”, e o Império de Samba Quem São Eles, em Belém, sai às ruas cantando:

Eneida sempre livre

Eneida sempre flor

Eneida sempre viva

Eneida sempre amor.” (FARES, 2012, p. 197).

A descrição de Eneida pelos versos de João de Jesus Paes Loureiro diz muito sobre a autora: uma mulher que escreveu uma Literatura que mesclou os matizes, as mazelas do social com um tecido de lirismo capaz de no presente evocar o passado através de um memorialismo que fala da cidade de Belém, da infância da autora e das lutas da mulher guerreira que enfrentou corpo a corpo as injustiças de um governo que desgovernou, que

oprimiu as minorias que constituíam a sociedade brasileira, nos anos de Vargas, assim como nos desgovernos sombrios e de torturas da Ditadura Militar no país.

Por este motivo, Moraes (2020, s/p) em sua fala sobre o *Protagonismo de Eneida* ratifica que a obra da autora “registra e testemunha a luta, em várias fases da sua vida, contra o patriarcalismo. A cada crônica, parecemos ouvir: “quantas guerras terei que vencer!?””. A pesquisadora de Eneida ainda pontua: “A questão discursiva que permeará toda esta tentativa de análise da obra da escritora paraense Eneida de Moraes, enxerga na coxia das palavras escritas no decorrer da narrativa e inscritas pelos vestígios de um processo histórico de um projeto político acolhido pela gestão compartilhada entre mulheres cuja identidade ameaçada, dada a época a que estavam inseridas – os idos anos do Estado Novo – as tornavam solidárias. Daí acolherem a chegada de cada nova “companheira” fortalecendo o propósito político que as conectavam.” (MORAES; CASTRO, 2017, p. 27).

A argumentação levantada por Moraes e Castro fala em relação à personagem Elisa Saborovsk, a Sabo Berger, mulher de Henry Berger, uma das presas políticas apresentadas na narrativa de *Companheiras*, também exemplificada no trecho que inicia essas notas sobre Eneida. Consta ressaltar que Sabo e Olga Benario, também presa no Pavilhão dos Primários, foram entregues à Gestapo – à polícia política de Hitler por Vargas e foram mortas.

Dentre as obras que Eneida escreveu, estão:

- Canção duns olhos (1926, poema publicado na Revista Belém Nova. N. 66)
- Terra Verde (1930, 1º livro- poemas amazônicos)
- Paris e outros sonhos (1951)
- Sujinho da terra (1953)
- Cão da Madrugada (1954)
- Aruanda (1957)
- História do Carnaval Carioca (1958)
- Banho de cheiro (1963)
- Boa noite Professor (1965)
- Outras obras

Nesses textos de modo geral, o que se observa é uma autora memorialista, autobiográfica, crítica, mas, ao mesmo tempo sensível para perceber as miudezas do cotidiano em um lirismo, em suas crônicas e/ou em suas poesias. A memória e a experiência constituem o tecido primordial de suas crônicas. “No tecido de memória, a cronista misturou os matizes da luz e da sombra, da alegria e da tristeza, do lirismo e da denúncia.” (FARES, 2012, p. 201). Diante da luta e da resistência, Eneida foi uma mulher que cantou a vida, e trazia isso em depoimento ao público muito em palavras e ações para descrever o bem estar no mundo. Eneida foi uma representatividade da voz feminina na sociedade que não aceitou se curvar ao patriarcado e questionou veementemente a invisibilidade dada à mulher por este sistema.

Por isso, ler, estudar, pesquisar **Eneida** é um meio que o leitor (a) tem de compreender a realidade das mulheres presas, não apenas em um sentido literal – da prisão dos anos sombrios que o Brasil viveu, mas também perceber como essas mulheres

se tornaram fortalezas frente a um sistema político, desumano e patriarcal, que criou prisões para os corpos e as mentes femininas. Eneida foi um exemplo dessas mulheres para as atuais mulheres. Eneida foi uma mulher que insistiu e resistiu e continua resistindo através de suas obras, que a mulher nasceu para ser livre.

Referências

FARES, Josse. Eneida em dois artigos. In: **De porangas, cestos e palavras: vozes de ensinar e aprender**. Editora Unama: Belém, 2012.

MORAES, Eneida. **Aruanda**. Belém, Secult: FCPTN, 1989.

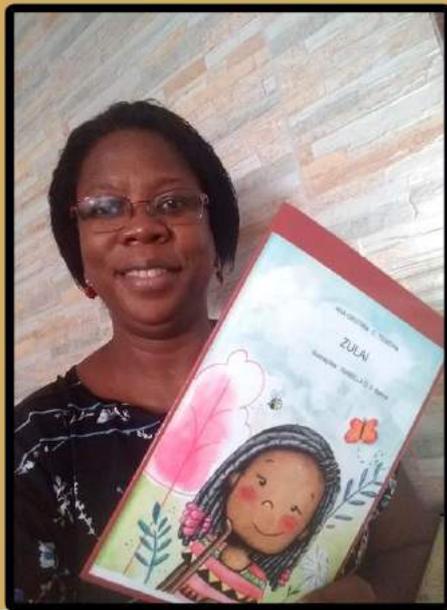
MORAES, Mirna Lúcia Araújo de; CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Cárcere feminino: sala de encontros, sujeitos, de movimentos identitários. **Revista Asas da Palavra**. vol. 14 | n. 1 | p. 25-35, jun. 2017. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/982/529>. Acesso em: 01 maio. 2021.

MORAES, Mirna Lúcia Araújo de. **O Protagonismo de Eneida de Moraes**. In: 10live do [#conversasliterárias](https://www.instagram.com/tv/CBWP9xepDDG/)etemasafins. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CBWP9xepDDG/>. Acesso em 01 maio. 2021.

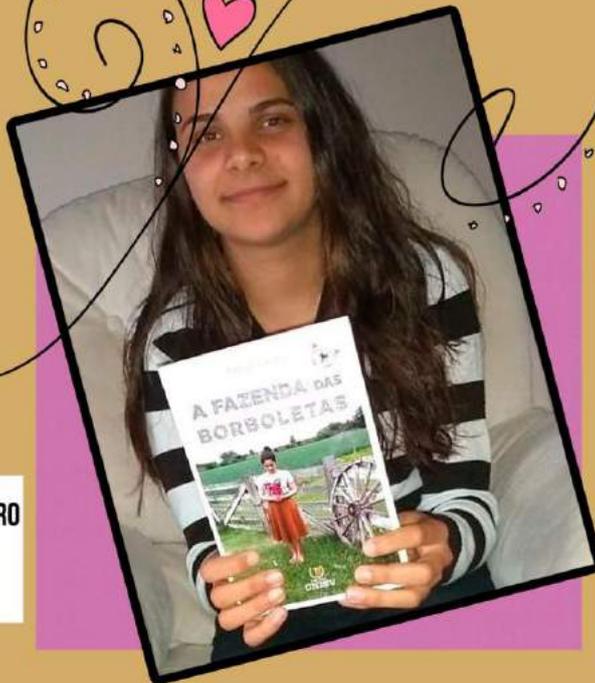


Eneida de Villas Boas Costa de Moraes - Foto divulgação

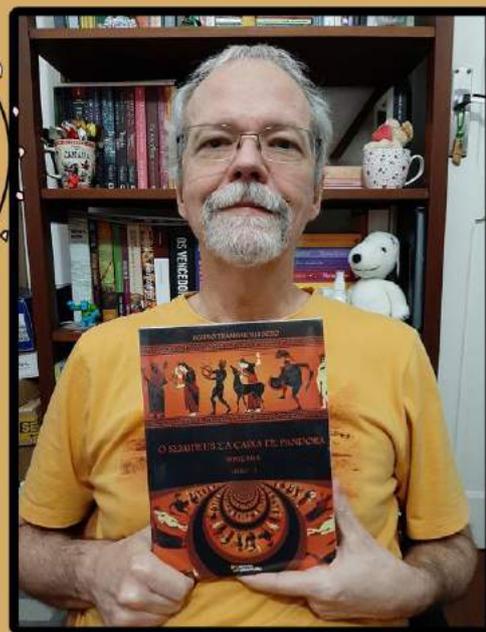
Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).



LEITORA: ANA CRISTINA C. TEIXEIRA - RIO DE JANEIRO
LIVRO: ZULAI
LIVRO AUTORAL



LEITORA: EDUARDA TEIXEIRA - CAPÃO DA CANOA/RS
LIVRO: A FAZENDA DAS BORBOLETAS
AUTORA: TANIA COSTA



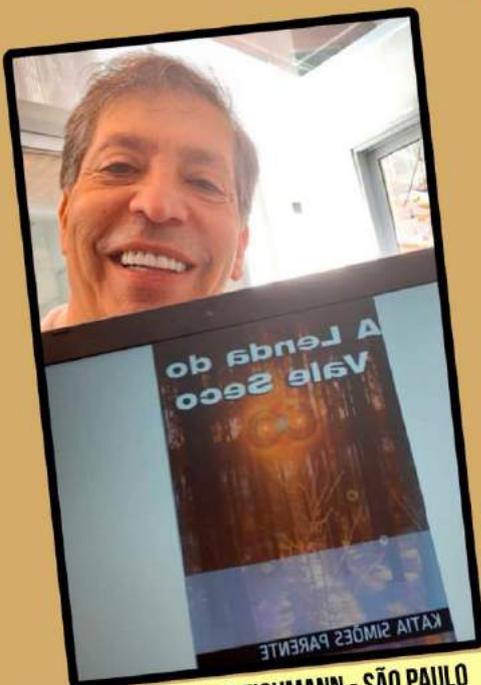
LEITOR: EGIDIO TRAMBAIOLLI NETO - S. PAULO/SP
LIVRO: O SEMIDEUS E A CAIXA DE PANDORA - VOL. 1
AUTOR: EGIDIO TRAMBAIOLLI NETO



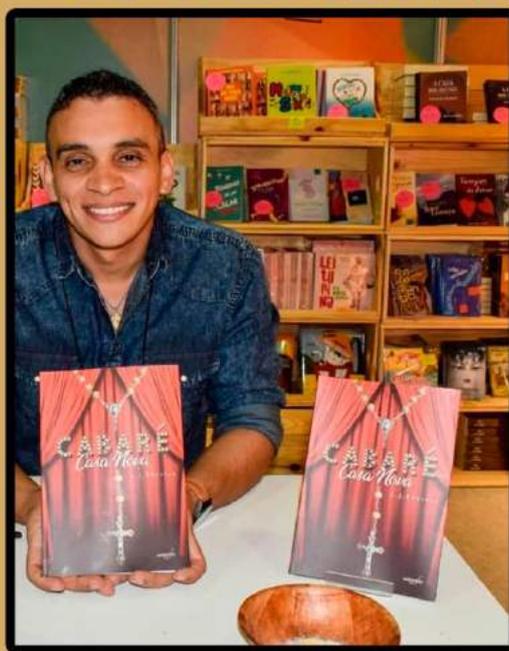
— revista —
conexão
LITERATURA

Seção "Leitores Indicam"

www.revistaconexaoliteratura.com.br



LEITOR: FLAMINIO FICHMANN - SÃO PAULO
LIVRO: A LENDA DO VALE SECO
AUTORA: KATIA SIMÕES



LEITOR: LEONARDO FREITAS - MARICÁ/RJ
LIVRO: CABARE CASA NOVA
AUTOR: L.J.FREITAS



LEITORA: LUANA LIMA - MANAUS/AM
LIVRO: DEVOTION
AUTOR: PATTI SMITH

TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.
AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.

REGRAS PARA PARTICIPAR:

- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).

- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE.
DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.

- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE





ANÔNIMO ROMANO (A PARTIR DO ORIGINAL GREGO DO SÉCULO III A.C.), LAOCOONTE (DETALHE DA CABEÇA),
C. 50 D.C. MÁRMORE. MUSEU DO VATICANO.

“QUELLE ÉMOTION! QUELLE ÉMOTION?” DE DIDI-HUBERMAN E “PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES” DE CHARLES LEBRUN: DUAS OBRAS PARA MERGULHAR NOS “ESTADOS DA ALMA”

Por Reginaldo Leite

Arte

Quando estamos diante da beleza do sofrer. Duas obras francesas escritas e publicadas originalmente na França, por dois autores franceses que versam sobre a mesma semântica – *páthos* e paixões. Contudo, há ainda outra semelhança entre os livros: a imagem como objeto no estudo das emoções humanas.

Os sentimentos sempre nortearam mentes criativas nos campos da literatura e das artes visuais. O romancista descreve o perfil de seus personagens em diversas linhas de narrativa longa. Na poesia, a síntese retórica dá o tom do desenho passional em versos. E nas artes visuais? Ao longo dos séculos, “fazedores da imagem” traduziram – por meio da pintura e escultura – características visuais de sensações, *páthos* e paixões, responsáveis pela comunicação direta com o observador. Tal proposta se baseia na teoria Horaciana, *Ut Pictura Poesis* – “Na Pintura como na Poesia” – amplamente discutida e interpretada por artistas e teóricos de diferentes períodos históricos. E a publicação francesa de Charles Lebrun, resgatada na contemporaneidade, nos apresenta os meandros da apropriação das emoções – também entendidas como “estados da alma” – e suas variadas maneiras de representação.

No século dezessete, o pintor oficial da corte de Luís XIV – Charles Lebrun (1619-1690) – detém-se na escrita de um livro, uma espécie de manual, que é adotado pelas Academias europeias como fonte de estudo – um compêndio com técnicas de como o artista deve caracterizar as paixões. Traduzido do francês para o português em 1837, por Félix-Émile Taunay (1795-1881), o “Epítome de Physiologia das Paixões” ganha espaço

na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro (instituição que oficializa a formação do artista brasileiro no século XIX). A obra francesa é adotada como material didático no campo da fisiologia das paixões, além de fundamentar artistas na concepção de suas criações – poemas, romances, pinturas de igrejas, confecção de esculturas sacras e obras localizadas hoje em museus e edifícios públicos.



Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905). *Moisés e Jocabeb* [detalhe do original], 1884. Óleo s/tela. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Ao inaugurar em 1835 a Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes, o professor e diretor da instituição carioca – Félix-Émile Taunay – dá um grande passo na consolidação do pensamento teórico oitocentista. Compondo o acervo bibliográfico da instituição carioca a partir de doações dos professores e de obras duplicadas, oriundas da Biblioteca Pública do Tesouro Nacional, Taunay traduz tratados de anatomia e livros correspondentes, entre outros assuntos, ao ensino da perspectiva e da pintura a óleo. A

tradução de tais obras torna-se fundamental no acesso dos alunos brasileiros às teorias artísticas das Escolas Europeias, fato facilitador do entendimento das técnicas utilizadas em quadros e esculturas dos museus estrangeiros. Em 1837 traduz a obra mais significativa ao ensino do *páthos* – o “Epítome de Physiologia das Paixões”.

O livro de Charles Lebrun enumera um grupo vasto de paixões. São elas: tranquilidade, alegria, admiração, pasmo, atenção, estima, desprezo, ódio, horror, espanto, tristeza, abatimento, riso, choro, cólera, extremo desespero, amor simples, desejo, esperança, veneração, êxtase, dor corporal simples, dor aguda de corpo e de espírito, dor corporal extrema, temor, compaixão e ciúme.

Quase quatro séculos mais tarde, em 2013, o Professor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris/França) – Georges Didi-Huberman (1953) – publica *Quelle émotion! Quelle émotion?* A obra é traduzida para o português e lançada no Brasil em 2016, pela Editora 34. Com um texto que mescla situações simples do cotidiano e reflexões teóricas nos campos da literatura, filosofia e artes visuais, Didi-Huberman nos transporta ao universo das ações patéticas, isto é, ações desencadeadas pelo *páthos*. No início, o autor navega pelo simples ato de chorar quando inundado por acordes musicais e imagens comoventes, que traduzem o quanto somos seduzidos pelo universo das artes. Segundo Didi-Huberman, o choro é algo simples e espontâneo, uma das materializações do *páthos*. Porém, ele é fruto de uma equação complexa e particular, a emoção.

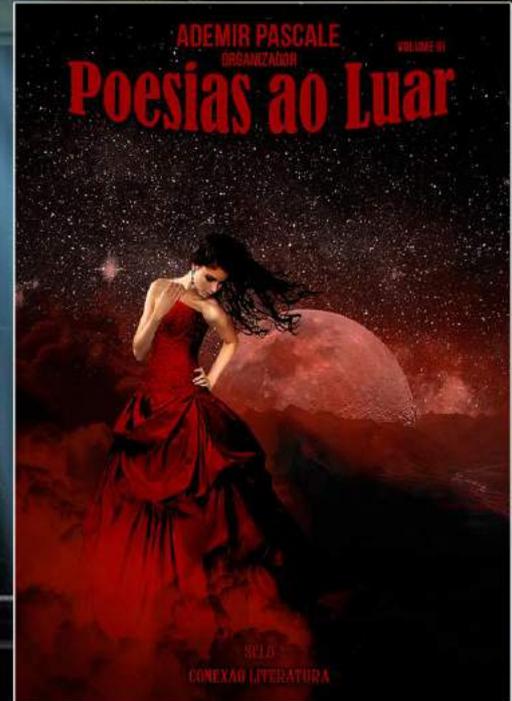
Ao longo do livro, teóricos da emoção são trazidos ao nosso convívio e inúmeras imagens patéticas – capazes de convencer no que tange ao reflexo do sofrer – desfilam sob nosso olhar atento e impactado. Entre fotografias, cenas cinematográficas e esculturas, nos asfixiamos com a estrutura criada por Didi-Huberman. Ele nos conduz à supressão de elementos para que alcancemos a essência humana, nossa condição mais primitiva, ao tratar de momentos nos quais nos deparamos com a expressão “*Il ne lui reste plus que ses yeux pour pleurer*”, ou seja, “Só lhe restam os olhos para chorar”.

Tais instrumentos, que fundamentavam alunos e estudiosos do passado – elencados por Charles Lebrun no “Epítome de Physiologia das Paixões” – hoje estão presentes na construção do texto de *Quelle émotion! Quelle émotion?* de Didi-Huberman. Assim, consideramos as duas obras primorosas, sedutoras, complementares e insubstituíveis aos apreciadores da literatura de cunho visual.



Reginaldo Leite é Cenógrafo, Professor Universitário e Doutor em Artes Visuais pela UFRJ. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado em História da Arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É integrante do grupo de pesquisa “Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”, filiado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Autor dos livros “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020) e “Os Crimes de Platão” (2019).

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



AMORES LITERÁRIOS

Português Amoroso

Por Mayanna Velame

Não há como negar, querido leitor ou leitora, a força que o amor exerce nas artes, em especial na Literatura. Sentimento que inspira os poetas e escritores, o amor é núcleo das narrativas mais primorosas que permeiam nossa imaginação.

Dado a esse afeto, que nos une, o amor é colocado nas suas várias nuances e inserido no contexto social e literário de um determinado período, época, tempo e lugar. Das escolas literárias que temos, o amor se expõe de acordo com as características de cada uma delas, sendo refletido assim, na composição de suas personagens e enredos. E claro, cada leitor, há de se identificar de qual escola literária, seu coração apaixonado pulsa mais acelerado, no mundo das letras.

Se você leitor, aprecia soletrar o amor e versejá-lo em cenários bucólicos e campestres, galateando sua amada, entre os vales esverdeados de Minas Gerais, seu amor é do estilo do Arcadismo brasileiro e sua musa inspiradora tem os atributos de *Marília de Dirceu*.

Já para o leitor, que ama exageradamente, morre por amor, repete dezenas de vezes a mesma balada, idealiza o amor na sua mais sublime perfeição, gosta de presentear com

flores e chocolates. Devo dizer, caríssimo leitor, a 2º geração romântica é o seu tipo de amor literário, celebre-o, declamando o poema “*Segredos*” de Casimiro de Abreu.

Quando abordamos o amor de forma oblíqua, dissimulada e com olhos de ressaca, esse leitor é munido do *Realismo*, tendência literária que abre as entranhas sociais e todas as mazelas que sucumbem os homens. Estimado leitor, aprecie o triângulo amoroso mais notável da Literatura Brasileira, em “*Dom Casmurro*” de Machado de Assis.

Agora, há também, o amor expresso, lapidado em versos ricos, descrito em minúcias, longe de imoderado romantismo, a você leitor, temos o amor *Parnasiano*, como dedicatória, ofereço o poema “*Remorso*” de Olavo Bilac.

No entanto, para o leitor, que ama de todas as formas, vivencia esse sentimento na sua singularidade e pluralidade, declama o amor em Tupi, no sotaque caipira, na norma-culta ou na Língua do povo. Ao leitor, que dança amorosamente e no final termina solitário. Temos o amor *Modernista*, no poema “*Quadrilha*” de Carlos Drummond de Andrade.

Nas mais amplas manifestações, o amor está lá. Ora sozinho, ora em meio à multidão. Ele surge como chama a iluminar os corações mais contritos e a cintilar os céus sombrios. Ah, poetas! O que há de tão misterioso nesse sentimento? Talvez, nem a mais sábia poesia poderia nos responder, porque se o soubesse, então, não seria mais, o amor.

Português Amoroso XIII

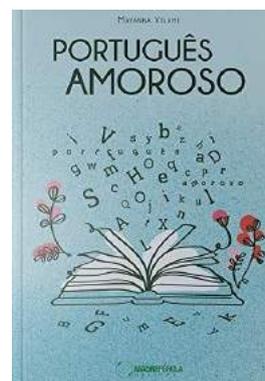
Atire a primeira letra.

Quem nunca rabiscou

versos de amor.



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, Português Amoroso, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame no Instagram e Facebook: @portugues_amoroso.



VISITE A NOSSA PÁGINA



www.leituraparahoje.com.br
Livros Cristãos e Livros Motivacionais

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

ADRIANA ANELI

POR ADEMIR PASCALE



Adriana Aneli é escritora e idealizadora do projeto Tempestade Urbana, autora de livros de poemas, crônicas e contos; colunista da Ed. Scenarium. Formada em Direito pela USP e pós-graduada em Direito de Família e Mediação de Conflitos Familiares. Contato: anelicb@uol.com.br

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Adriana Aneli: Desde muito cedo me dediquei à literatura, como leitora e escritora. Aos 14 anos, lancei o livro de poemas **Jogo da vida**, esgotando a primeira edição na 11ª Bienal Internacional do Livro. Aos 16, publiquei pela Editora Brasiliense o conto “Marise” no livro **Erótica: contos eróticos escritos por mulheres**. Nesta mesma época eu fazia recitais de poesia e oficinas literárias, viajando pelo país. A convite de Lourival Pacheco, entrevistei personalidades da literatura no programa “Poetas da Madrugada”, Rádio Bandeirantes. Também trabalhei com poesia nas rádios Boa Nova de Guarulhos e ABC de Santo André. Em 2002, lancei o livro **Todas as Cores do Amor** que inspirou músicas e videoclipe da banda espanhola Salaman Rai (cd homônimo). Em 2013, idealizei o coletivo Tempestade Urbana, com artistas e trabalhos de várias partes do mundo. Com a Editora Scenarium lancei **Amor Expresso** (2015), livro de minicontos sobre o café; **A Construção da Primavera** (2016), crônicas; e **O Sol da Tarde** (2017), poemas.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Mitos e lendas: o amor no folclore brasileiro (Editora Desconcertos)". Poderia comentar?

Adriana Aneli: **Mitos e Lendas: o amor no folclore brasileiro** é uma viagem aos quatro cantos do país, contada em breves narrativas e poemas inspirados nos desenhos da artista plástica Cristina Arruda.

Mitos nativos ou regionais, lendas indígenas ou urbanas, ciclos da angústia e dos monstros são representados pelos sentimentos: amor, perdão, desejo, ciúme, intolerância, inveja, cobiça, humildade, arrogância, solidão, saudade, cumplicidade, medo, fé, coragem, persistência, vingança, despeito, loucura, descrença, rebeldia, preconceito, frustração, voracidade...

A proposta é trazer a dimensão psicológica dos mitos e a reafirmação da sobrevivência do folclore à passagem do tempo, eis que os arquétipos estão dentro de nós, e se manifestam na forma de atos, gestos, crenças e emoções.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Adriana Aneli: Cristina Arruda e eu iniciamos este projeto em 2014, com intensa pesquisa dos mitos e lendas brasileiros, tendo por fonte farto material disponível em livros e audiovisual, além da colheita da memória oral. Naquele momento, o projeto previa a gravação de poemas em áudio e composições musicais de Cristina Arruda. Esta será uma história para o Futuro.

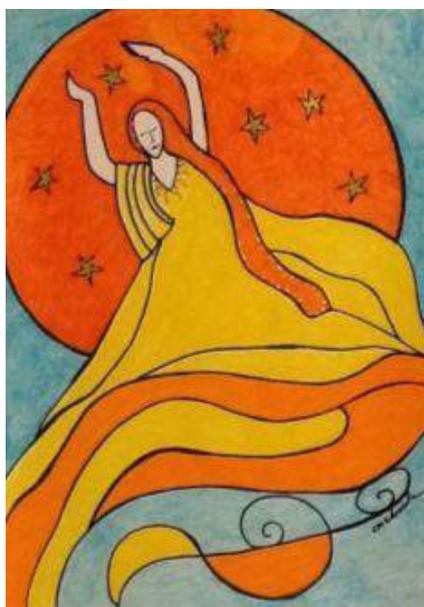
Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Adriana Aneli: Gosto muito da **Mãe-do-ouro**, lenda indígena caíçara. Em noites escuras, uma bola de fogo incandescente aponta onde há jazidas de ouro. Quem a descobre, precisa mantê-la em segredo. Aparece na forma de mulher de cabelos dourados, que atrai homens casados a uma caverna, para assim libertar suas esposas dos maus tratos. Livres, coloca homens bons em seus caminhos. No livro, representa a **coragem**, necessária às mulheres vítimas de violência doméstica.

Noite escura sem estrelas
fome e medo
vida fenece

Tanto pede
tanto implora
que esperança um dia desperta
liberdade ilumina céu
desce morro
revela segredo
:

dentro dela coragem pulsa
como tesouro enterrado.



Destaco também o poema do Saci-Pererê. No livro, ele representa a paixão:

Com um olho de sonho
outro de abismo
ele me chama

- tenho meu caminho a seguir, respondo

mas não adianta
vento redemoinha cartas
equilíbrio de um pé só
e vou

:

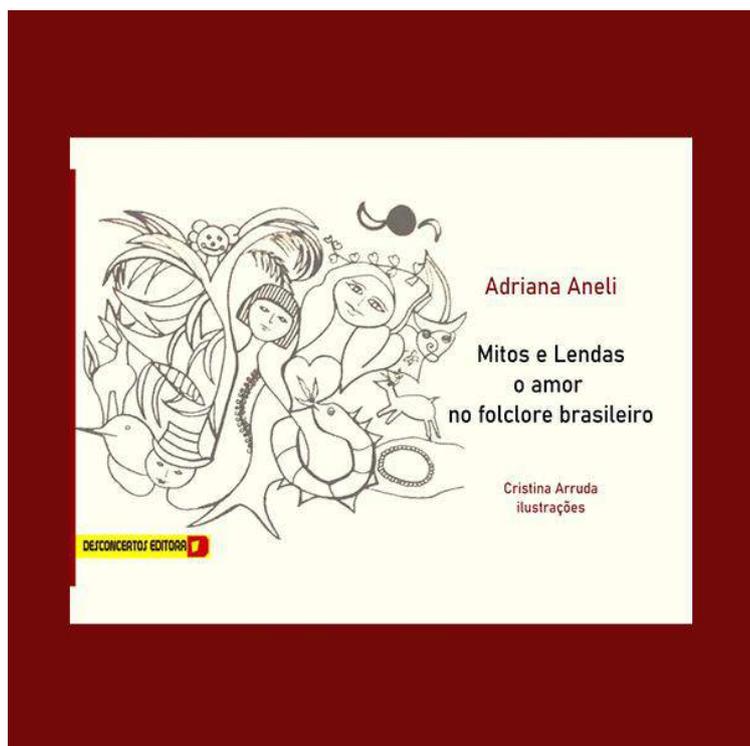
Saci bagunçou meu coração.



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Adriana Aneli: O livro *Mitos e Lendas: o amor no folclore brasileiro* está disponível para venda direta no site da Editora Desconcertos: <https://desconcertoseditora.com.br/produto/mitos-e-lendas-o-amor-no-folclore-brasileiro-adriana-aneli/>

Mantenho também blog literário em que é possível encontrar livros, projetos, resenhas de autores contemporâneos e mais sobre a minha história nas letras: <https://adrianaaneli.wordpress.com/>.



Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Adriana Aneli: Sempre! Sou colunista da Revista Plural (Scenarium) e participo de vários coletivos da Editora este ano. Em breve realizarei o sonho de editar meu primeiro livro infantil.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Como Água para Chocolate*, de Laura Esquivel.

Um (a) autor (a): Mário de Andrade.

Um ator ou atriz: Liv Ullmann.

Um filme: *Todas as Manhãs do Mundo*, de Alain Corneau.

Um dia especial: o dia em que todos os brasileiros forem imunizados contra a Covid-19.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Adriana Aneli: Desistir não é uma opção.



LEITORA: ROZZ MESSIAS- COLOMBO/PARANÁ
LIVROS: LAMENTOS NOCTÍVAGOS E CONTOS DE SUSPENSE E DE MORTE - ROZZ MESSIAS



LEITORA: LÚCIA ARNAUT - SÃO PAULO/SP
LIVRO: CONTOS DA QUARENTENA
VÁRIOS AUTORES



LEITORA: TANIA COSTA- CAPÃO DA CANOA/RS
LIVRO: A FAZENDA DAS BORBOLETAS
AUTORA: TANIA COSTA



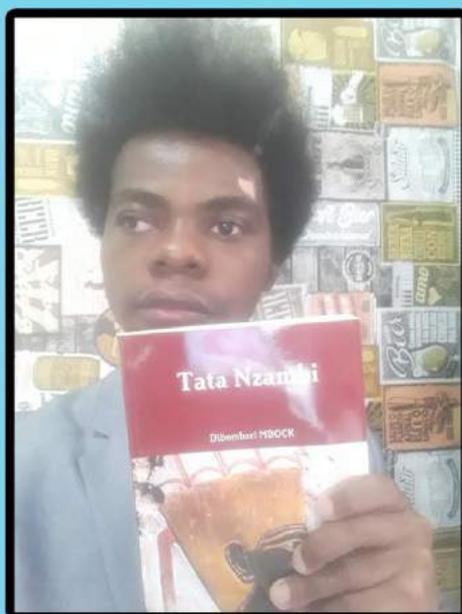
— revista —
conexão
LITERATURA

Seção "Leitores Indicam"

www.revistaconexaoliteratura.com.br



LEITORA: ROSIMARA RODRIGUES ASSUMPTÃO
PORTO ALEGRE/RS - LIVRO: O MONASTÉRIO -
MEMÓRIAS DE UM CAVALEIRO TEMPLÁRIO
AUTORA: MARA ASSUMPTÃO



LEITOR: PERESCH AUBHAM EDOUHOU (Obam e Edhuu)
RIO GRANDE/RS - LIVRO: TATA NZAMBI
AUTOR: DIBOMBARI MBOCK



LEITORA: FÁTIMA TEIXEIRA NUNES DE OLIVEIRA
SÃO PAULO/SP - LIVRO: O SEGREDO DA
APRENDIZAGEM

TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.
AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.

REGRAS PARA PARTICIPAR:

- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).

- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE.
DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.

- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ADRIANO VALENCIA

POR ADEMIR PASCALE



Nascido em 1978, Adriano Valencia é casado e atua há 20 anos na área de tecnologia. Nos últimos anos, tem se dedicado ao desenvolvimento pessoal e à liderança, com o intuito de curar seus traumas emocionais e ressignificar sua mentalidade, acarretando o emagrecimento e recuperação de sua autoestima. Dessa forma, encontrou sua maior paixão e missão: contribuir na vida das pessoas para mudar mentalidade e atitudes, lutando para que todos consigam ter uma vida abundante a partir do corpo, mente e alma saudáveis.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Adriano Valencnia: Minha história com a literatura é recente, começou com este livro e já é muito significativa para mim.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Jornada do ex-obeso". Poderia comentar?

Adriano Valencnia: O livro nasceu de uma necessidade que eu enxerguei de mostrar às pessoas relatos reais sobre a obesidade. É muito comum as pessoas enxergarem na bariátrica a solução para o seu problema, e nem sempre é. Lutei contra a balança a minha vida inteira, terceirizei a culpa do meu corpo diversas vezes. Deixei de viver coisas por vergonha. Por anos eu acreditava que pra eu mudar, precisava de alguém comigo. Que não conseguiria mudar meus hábitos e meu estilo de vida sem que alguém também se comprometesse junto comigo, numa mudança que era minha, precisava vir de mim. Cheguei a pesar 180 quilos, tive vários problemas de saúde, o que me fez ver na bariátrica minha única solução. Fiz a cirurgia, voltei a engordar e cheguei aos 155 quilos meses depois. Apesar de ter conseguido virar a minha chavinha, sigo com o meu corpo como minha dor atual, pois fiz a cirurgia numa época em que ela era realizada aberta, e a cicatriz é enorme. Por isso tenho dificuldade de ir à praia, por exemplo, de me colocar diante das pessoas sem camisa. O julgamento alheio ainda me assombra neste sentido, mas vendo por outro aspecto, aprendi a conviver com as minhas escolhas e com os resultados delas

– sejam eles bons ou ruins. Eu consegui reprogramar a minha mente para traçar novas rotas e perspectivas que transformaram meus hábitos e a minha rotina de forma saudável. Hoje eu alcancei o meu peso ideal e consigo mantê-lo sem dificuldades. Dividir essa vivência foi o que me motivou a escrever o livro.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Adriano Valennia: A pesquisa foi um mergulho interno muito importante. No livro eu conto minhas experiências de vida relacionadas à obesidade, meus sentimentos, dores e emoções, e a forma como fui transformando.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Adriano Valennia: Difícil citar um trecho especial, pra mim o livro todo é muito especial porque concretiza a minha vitória com a obesidade e a superação de expor a minha vida, compartilhar a minha história, para ajudar outras pessoas e suas famílias a superarem o que vem com ela.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Adriano Valennia: O livro físico está a venda no meu site (<https://adrianovalennia.com.br>) pelo valor de R\$ 39,99. Mas as pessoas também podem adquirir a versão digital na Amazon por R\$ 24,90. O meu trabalho pode ser consultado também no Instagram, @adrianovalennia.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Adriano Valennia: Sim. O livro me abriu uma nova porta de transformação. Dele nasceu uma mentoria chamada Fortaleza Mental, na qual, ao longo de oito semanas, eu ajudo o mentorado a mudar o mindset, se reencontrar e se conectar com a mudança. Nesses oito encontros eu ajudo a pessoa a entender e trabalhar a sua identidade, descobrir suas dificuldades e fragilidades, o seu estado atual e o objetivo que deseja alcançar. Basicamente eu refaço a minha jornada, mas a partir da vivência do outro para que ele se perceba empoderado e consiga transformar sua vida de maneira saudável. E através desse projeto, certamente outros livros virão, mas não no curto prazo. Existem algumas ideias guardadas para outros livros, um deles levantando a questão da compulsão, mas ainda é muito cedo. Serão necessárias algumas pesquisas ainda pra formatá-lo.

Perguntas rápidas:

Um livro: As Leis do Triunfo

Um (a) autor (a): Napoleon Hill

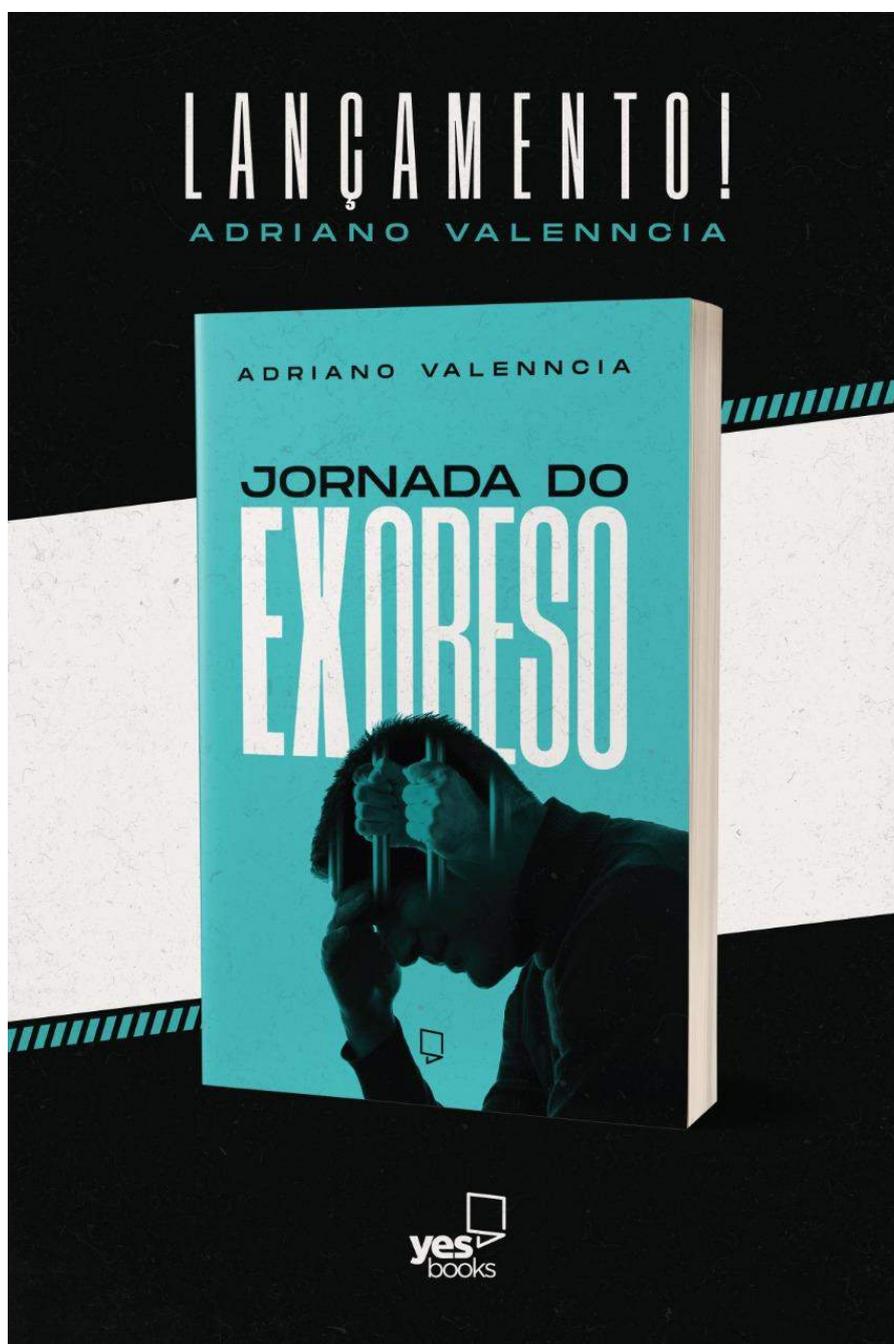
Um ator ou atriz: Keanu Reeves e Denzel Washington

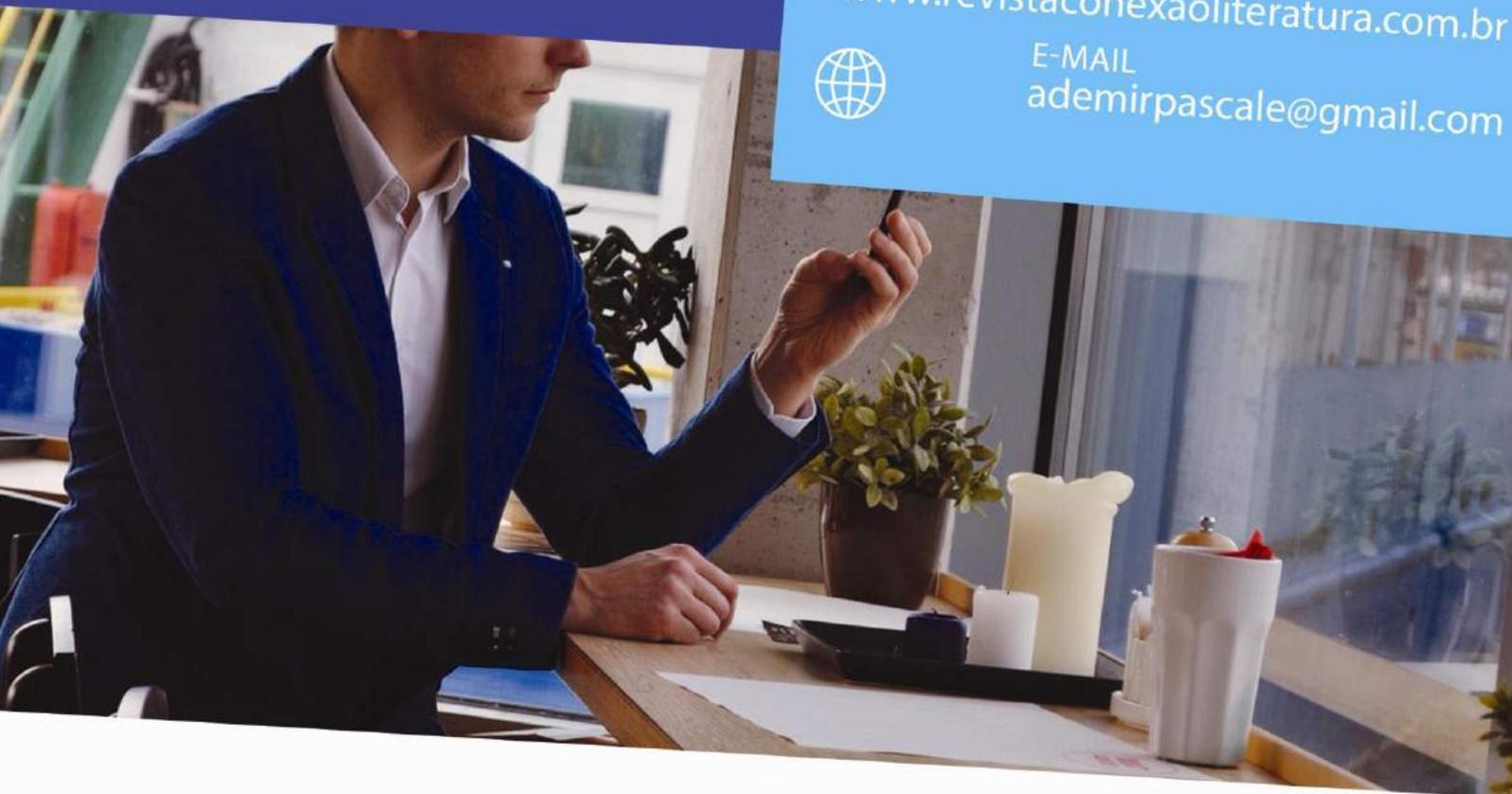
Um filme: Como Estrelas na Terra

Um dia especial: Uma viagem com a minha esposa para Florianópolis

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Adriano Valência: Quero reforçar para as pessoas que elas não estão sozinhas. O caminho é árduo e solitário, mas nos permite ressignificar certas coisas, o que é libertador. Parece clichê, mas acreditar em você mesmo, que você pode e é capaz é o primeiro passo. Quando a gente tira o vitimismo da equação sobram opções, e é nelas que precisa estar o foco. Também quero reforçar que não sou contra a cirurgia, mas sim a favor de visualizar o macro para tomar a melhor decisão.





agilidade



apareça



público-alvo

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de
livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o
custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o
autor(a), divulgação nas redes soci-
ais Facebook, Twitter e Instagram e
publicação na revista literária e
digital Conexão Literatura.

BÔNUS: Você ainda ganha a
publicação do
release no site
da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR CICERO MIRANDA

POR ADEMIR PASCALE



Paulista, 39 anos, nascido em Ferraz de Vasconcelos, foi professor de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Formado em História pela faculdade Univesp 2010, com pós-graduação em ensino de Geografia pela faculdade Cândido Mendes 2015, especialista no ensino de Filosofia e sociologia, atualmente estudante do curso de letras na faculdade Univesp é palestrante, autodidata, trilingue, escritor, autor e pesquisador. Amante da natureza, e da vida.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cicero Miranda: Minha paixão pela literatura teve início ao ganhar meu primeiro livro, um livro de língua portuguesa da escola, quando era criança, eu li todo o livro em uma semana, embora, não tivesse entendido muita coisa, mas, fiquei obcecado pela leitura e nunca mais parei de ler e escrever, a leitura sempre foi algo prazeroso para mim e logo cedo comecei também a escrever mas nunca havia publicado nada, o livro "O Céu não é azul" é meu primeiro trabalho publicado.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O Céu não é Azul - Tópicos contra uma ciência preconceituosa". Poderia comentar?

Cicero Miranda: O livro faz parte de uma pesquisa científica, é um trabalho científico de alta crítica ao sistema convencional de se fazer ciência, disserto nesta pesquisa, o preconceito criado pela elite científica, acadêmica, que tende em selecionar subjetivamente os teorias que lhes parecem melhores, mesmo que embora na própria perspectiva científica não o seja propriamente ciência em si, pois não podem ser levadas ao laboratório para serem reproduzidas como é o caso das teorias aceitas como ciência, uma teoria não pode ser aceita como ciência, a menos que haja comprovação, pois está há apenas um passo de se tornar ciência, a teoria da evolução é um dos principais casos dessas teorias aceitas incontestavelmente como uma supra verdade e quase inquestionável, a elite científica moderna parece obliterar, desmemoriar, e ouvida-se de que existem outras respostas a teoria da evolução que não a elegida por um grupo específico com finalidade política.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Cicero Miranda: Fui convidado para fazer parte de um grupo de pesquisa acadêmica sobre a evolução, onde participaram 30 pesquisadores e cada um elaborou sua pesquisa individual, e participamos de debates, várias palestras, também visitas a museus e sítios arqueológicos, as pesquisas tiveram uma duração de 2 anos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Cicero Miranda: Eu recomendaria o cap. 18 “Fraude na ciência”, onde aponto algumas das atividades de cientistas famosos que tentaram burlar o conhecimento científico e enganar o mundo apresentando falsos dados, como foi o caso do professor Prostsh, um famoso colecionador de fósseis, que tentou vender toda sua fraudulenta coleção de crânios de chimpanzés para o EUA, a universidade de oxford, constatou a farsa e em sua investigação a universidade entendeu que o homem de Hafnhfersand, um Neandertal tinha apenas 7.500 anos e não a estimada de 28 mil anos como ainda afirma a ciência moderna, que mesmo com a descoberta dessas farsas insiste em datar os fósseis com datas supra estimadas.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Cicero Miranda: Como sou iniciante em publicações, para que os leitores fiquem por dentro dos meus trabalhos de pesquisa, basta aguardar por novas publicações.

O livro “O Céu não é azul” como se trata de uma obra autoral, encontra dificuldades para divulgação pois não temos muitas publicadoras que aceitam livros autorais e esta revista tem contribuído para que autores como eu possam divulgar seus trabalhos, gostaria aqui, de deixar meus agradecimentos pela iniciativa. Os leitores, portanto, que queiram adquirir o livro podem adquiri-lo pela Amazon, no mercado livre onde tenho disponibilizados, mas para aqueles que gostam de ter um livro autografado podem entrar em contato comigo mesmo pelo whatsapp 11 96341-3388. Quero aqui também deixar meus sinceros agradecimentos àqueles que leram o livro e aos que ainda o farão.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cicero Miranda: Sim, tenho trabalhado em novas pesquisas, e espero trazer muitas outras boas pesquisas e contribuir com o debate científico.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Grande Conflito

Um (a) autor (a): Drummond

Um ator ou atriz: Charles Chaplin

Um filme: A lista de Schindler

Um dia especial: O hoje, porque supera o passado e nos dá perspectiva para o futuro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cicero Miranda: Não poderia esquecer daqueles que ajudaram a tornar o meu trabalho possível, quero agradecer a todos, e também aos meus leitores, e aos leitores desta prestigiada revista que leiam o livro “O Céu não é azul” tópicos contra um ciência preconceituosa, e que deixem seus comentários sobre a obra na plataforma Amazon.com.br.

Agradeço à revista Conexão literatura por esta oportuna entrevista.



Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELAS EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

EDNA ALENCAR RIVERA

POR ADEMIR PASCALE



Navegando entre o acadêmico e o literário, a paulista Edna Alencar Rivera estreia na literatura infantil com *Manuela e seu cachorro: o mais amado do mundo*, publicado pela Editora Labrador em 2020.

Participa do Coletivo Elas na LIJ, com o conto *O Pé da Pia* revela memórias afetivas da convivência com a mãe e seu inesquecível bolo de fubá. Atualmente, além de histórias infantis, escreve contos voltados ao público adulto. Integra a Academia Internacional das Mulheres das Letras.

Pós-Doutorada pela Universidade do Minho, Portugal. Doutora e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, tem se dedicado às pesquisas das linguagens do imaginário e às manifestações do silêncio.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Edna Alencar Rivera: penso que foi pela leitura de meus pais: meu pai sem conhecer a escrita e minha mãe com pouca instrução usavam provérbios que me intrigavam. Partindo desta origem simples, fui apresentada ao mundo e incentivada a me dedicar aos estudos.

Na adolescência recorri aos livros para compreender a riqueza presente na oralidade. Minha cabeça navegava pelo mundo das histórias e, nessa ânsia, escolhi Jornalismo. Escrevia matérias, reportagens, artigos. Mas, existia uma vontade de fazer algo diferente, mais próximo do literário.

Busquei referências e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo tive o privilégio de conhecer professores como José Nicolau Gregorin Filho, Maria Zilda da Cunha, Fabiana Carelli, Ricardo Iannace. Com eles, além dos conceitos teóricos, aprendi a valorizar as narrativas da vida.

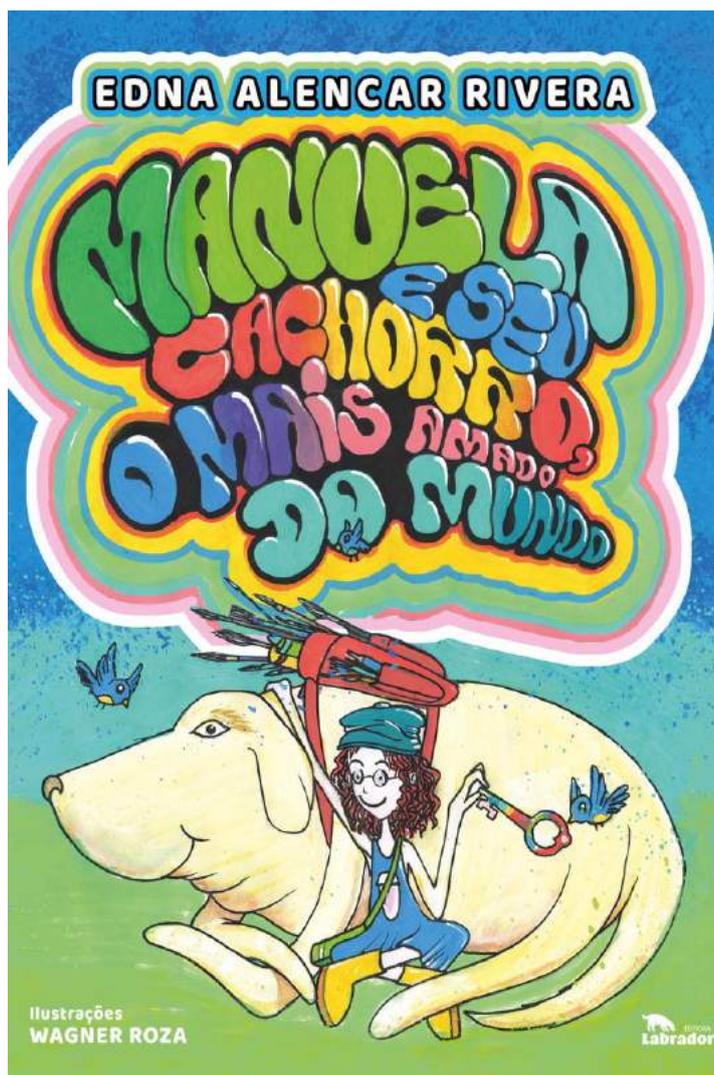
Assim vou tecendo os fios da minha escrita, com referências do mundo e das pessoas do caminho.

Brinco que estou deescritora, o papel do escritor, é descrever, ou seja, é olhar para o mundo, desconstruir este mundo e, reconstruí-lo pelo viés do literário.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Manuela e seu cachorro, o mais amado do mundo", tendo participado também do livro "Oito histórias que vão dar o que falar". Poderia comentar?

Edna Alencar Rivera: meu processo criativo se desencadeia pela e, na experiência. Viver a emoção é o meu primeiro passo para conceber a história. No entanto, percebo que cada livro possui um ritmo e percurso.

Em *Manuela* tive contato direto com todas as etapas de produção, a começar pela partilha do texto com o ilustrador Wagner Roza. Daí, ele iniciou os estudos de traço de cada personagem, tudo à mão. Muitas tardes levamos conversando sobre cada detalhe. Paralelamente, procurei uma editora, encontrei a Labrador. Começamos as tratativas editoriais e de diagramação. Um gratificante trabalho de Equipe, que ainda perdura. O primeiro livro tem um sabor único.



Já, no *Oito* formamos um Coletivo, uma produção independente que contou com autoras de cinco Estados brasileiros. Fizemos a leitura e a troca de textos, uma outra forma de diálogo. Contribuí com *O Pé da Pia*, conto inspirado no bolo de fubá que minha mãe Maria Alda fazia para celebrar nossos encontros. Era bom demais, tinha café, bolo, conversa e afeto.

Independente da forma, cada narrativa guarda outra história, dentro da história que vai se desdobrando e encontrando outros elos.

Enfim, só tenho a agradecer o carinho, a dedicação e o profissionalismo de todos que partilham e me acompanham nesta jornada pela escrita.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para seu livro?

Edna Alencar Rivera: para escrever



Odie e Edna Alencar Rivera

literatura infantil fui beber na fonte, estudando e lendo autores como Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo, Cléo Bussato, entre muitos outros.

A história de Manuela e Odie levou cerca de um ano para ser escrita, porém ficou guardada na gaveta por um bom tempo, a vida estava atribulada e não havia condições emocionais de tocar o projeto. Somente em 2019 tomei coragem para a publicação.

Manuela e seu cachorro é baseado em fatos reais, por assim dizer, o Odie existe de verdade. Ainda lembro do dia em que meu marido e eu o adotamos. Desde 2010, Manuela esta menina imaginária (que representa minha criança interior), criou um vínculo de cuidado, dedicação e amizade com o cachorrinho que é bonito de se ver. Ele trabalha, estuda e vive comigo. Pela convivência tecemos e entrelaçamos vida e narrativa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Edna Alencar Rivera: sou suspeita, risos. Destaco a fala da cigarra dona Judite: “(...) *infelizmente, tem gente que não costuma prestar atenção ao que é pequeno, não é mesmo?*” (...), p.14. Esta fala tem a intenção de destacar para o leitor o mundo dos anônimos, daqueles que



silenciosamente trabalham para manter o equilíbrio. No entanto, nesta obra vale apreciar as ilustrações, por exemplo, a da página 15 é uma das minhas preferidas.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Edna Alencar Rivera: *Manuela* pode ser encontrado na Livraria Cultura, Livraria da Vila e na Amazon. O *Oito* está disponível na versão impressa e e-book somente na Amazon.

Utilizo o instagram @ednalencarivera para divulgação. Fica o convite: passe por lá para conhecer o Odie e um algo mais sobre minha jornada pela escrita.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

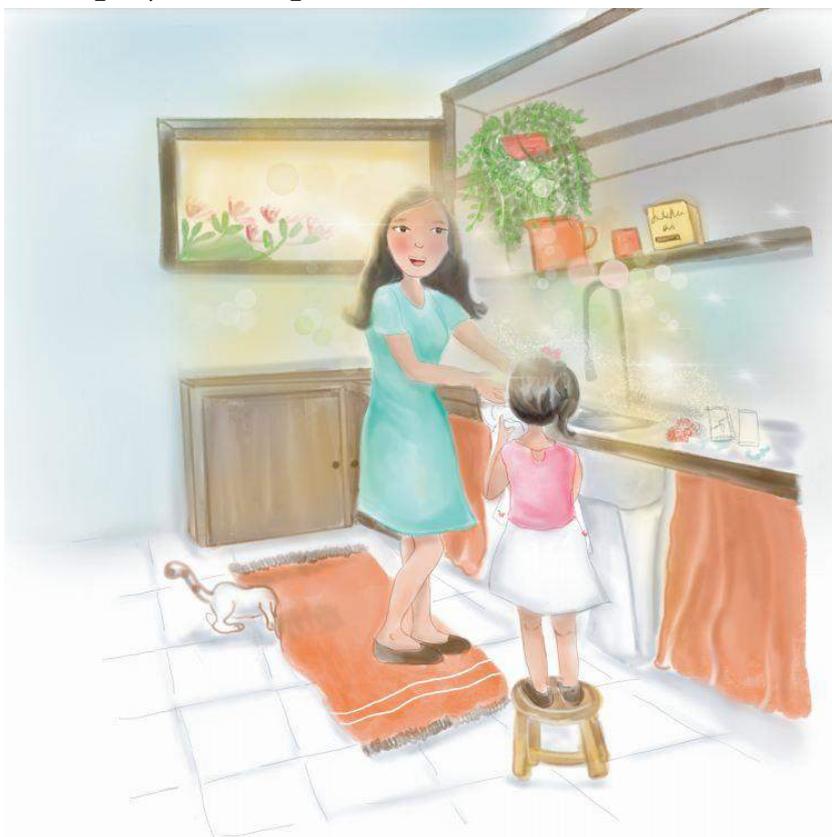
Edna Alencar Rivera: Sim. Em conjunto, com alguns autores, estou organizando uma coletânea de contos adultos com a temática Silêncio, produção literária que deve estar nas livrarias até Agosto. No Coletivo Elas na LIJ estamos a elaborar uma nova publicação para breve.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Ilusões Perdidas*, de Balzac. Tradução de Sílvia Mendes Cajado.

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa.

Um ator ou atriz: Wagner Moura.



Um filme: E o Vento Levou (1939), dirigido por Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood.

Um dia especial: um dia só é pouco, tenho muitos, mas quero destacar dois: 01/01/1991 (nascimento da minha primeira filha Gabriele) e 29/05/1997, (o da segunda, Heloisa).

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

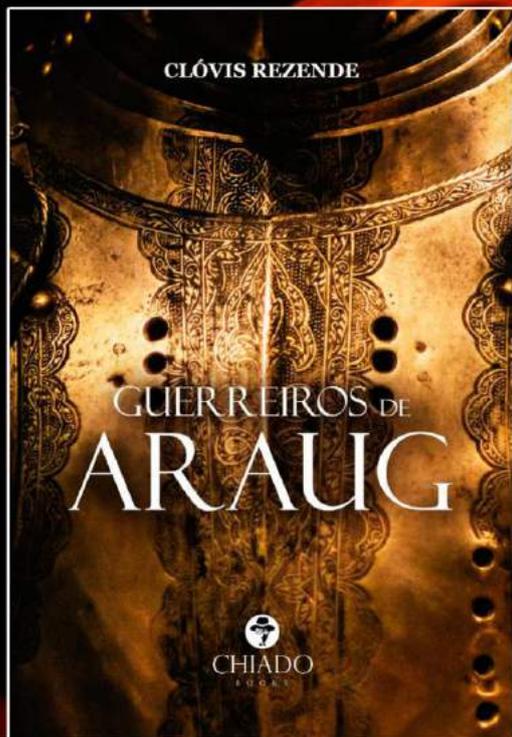
Edna Alencar Rivera: quando penso em literatura me vem logo à cabeça, Guimarães Rosa. No entanto, este pensamento me intimidava, porque ao ler os meus escritos, percebia a distância de tamanha genialidade. Hoje, já consigo elaborar melhor tudo isso. Tenho lido muito, participado de oficinas buscando encontrar o meu jeito na página.

Para mim, a escrita simboliza um ato de coragem. Depois de atravessar o meu próprio deserto, chego inteira a este projeto: colocar o texto para o mundo, permitir o voo e aceitar as limitações. Mas, não posso renunciar ao desejo de me aproximar do Mestre, jamais! Afinal, sou leonina.



Guerreiros de Araug

Clóvis Rezende



A Magia arcana e necromante que haviam sido banidas do reino, começam a reaparecer, e com elas todo o mal que as acompanha ressurgem, esse mal deve ser expurgado antes que ganhe mais força e domine todo o reino. Vamos acompanhar Sir Shiner, um nobre cavaleiro do reino de Araug, que é designado para uma missão real e acaba descobrindo que existem muitas coisas ruins acontecendo em seu reino, um mal antigo ressurgem e se expande mais a cada dia, isso coloca em risco a vida de todos. Levado pelas forças do destino, Shiner encontra novos amigos que podem ajudar a expurgar esse mal, muitas adversidades levam o cavaleiro a entender o valor real da amizade e que a verdadeira força brota dos sentimentos puros. Uma história repleta de magia, esperança, superação e amizade. Viaje nessa aventura com Shiner e seus amigos para tentar deter o mal que assola todo o reino de Araug.

Booktrailer:

<https://youtu.be/dPrTg9bTQXw>

Instagram:

@clovis_rez

E-mail: rezende_clovis@hotmail.com

Sobre o Autor:

Clóvis Rezende tem 39 anos, mora na cidade de Guarapuava, que fica no estado do Paraná, localizado na região sul do Brasil. Desde muito pequeno, Clóvis foi fascinado por livros, contos, fábulas, manuscritos, pergaminhos e todo tipo de material que o levasse para essas realidades fantásticas. De origem humilde, mas sempre buscando ter conhecimento sobre grandes obras, era natural que em dado momento de sua vida quisesse expressar a sua visão com uma obra de sua autoria. Atualmente ele escreve nas horas vagas, mas futuramente pretende escrever em tempo integral, assim dando vida a todas as suas ideias, em novas obras. - Este texto se refere à edição paperback.

PARA ADQUIRIR, ACESSE:

Amazon - Google Play - Chiados Books
Kobo - Martins Fontes

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

GILSON PESSÔA

POR ADEMIR PASCALE



Gilson Salomão Pessôa, nascido e criado em Juiz de Fora, Minas Gerais, formado em Comunicação Social pela UFJF, trabalhou como colunista de cinema para a Tribuna de Anápolis, bem como para o site Revista K7 (www.revistak7.com.br) e o blog da editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>). Também trabalha na Biblioteca Municipal de Matias Barbosa como servidor público concursado e recentemente inaugurou o seu próprio blog Kanto dos Contos (<https://kantocontos.blogspot.com>)

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gilson Pessôa: Desde criança eu sempre fui muito ligado à leitura, tendo contato com os grandes clássicos desde muito cedo. Enquanto as outras crianças estavam jogando bola eu estava sentado na cadeira de balanço da minha avó devorando os clássicos de Júlio Verne, Cervantes e Dickens, dentre outros. Sempre fui meio avesso a multidões e solitário, então os livros sempre foram grandes companheiros em minha vida.

Conexão Literatura: Você é autor dos livros "Histórias de Titãs Quebradiços" e "Um Suspiro Resgatado". Poderia comentar?

Gilson Pessôa: O "Histórias de Titãs Quebradiços" começou como um livro de contos cujas trajetórias dos personagens foram se entrelaçando até se transformarem numa só narrativa. O tema comum entre as histórias é que são grandes artistas forçados a saírem de suas respectivas zonas de conforto por causa de um interesse amoroso, entrando assim num terreno desconhecido para eles, seduzidos pelo encanto feminino que é misterioso, indecifrável e atraente. O livro de poesias, "Um Suspiro Resgatado" é um apanhado de todos os poemas que fui escrevendo no período entre os meus 20 e 30 anos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Gilson Pessôa: Os dois livros demoraram bastante tempo, porque as histórias dos artistas foram surgindo bem vagarosamente e como era o meu primeiro romance, havia certa

incerteza de como ficaria o produto final. Eu fui como que fazendo uma trilha com facão na floresta, sem saber ao certo como chegaria do outro lado (risos). A parte de pesquisa não foi muito aprofundada por se tratar de uma obra mais lúdica, onde o foco era mais no emocional e sensorial dos personagens. Mas eu gostei bastante do resultado final e por isso decidi publicar. O livro de poesias veio embalado na publicação do primeiro, onde tinha vários poemas e decidi publicar por medo de acabar perdendo numa pasta qualquer por aí.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?

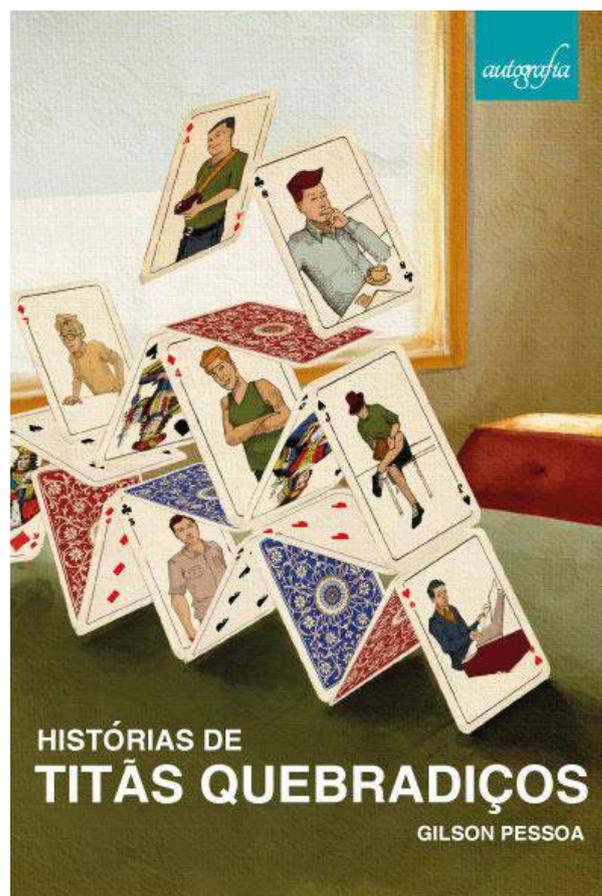
Gilson Pessôa: Eu gosto muito dos pequenos detalhes que rodeiam as histórias dos protagonistas. As pequenas demonstrações de afeto que dizem sem palavras. Os momentos em que os gestos encerram as narrativas. Sou cineasta frustrado, apaixonado por filmes, então as minhas narrativas são bastante visuais. Os poemas seguem uma estética simbolista, gosto especialmente daqueles que tratam de existencialismo e envolvem a tentativa de decifrar o mistério da figura feminina.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gilson Pessôa: Meus livros estão à venda em várias livrarias digitais, especialmente no site da Editora Autografia que lançou os meus livros: www.autografia.com.br Minhas obras também estão disponíveis no Submarino, Americanas e Livraria Cultura. Eu sou bastante acessível. Meu instagram é @gilsonpessoa3 e estou sempre disposto a interagir com os meus leitores, que podem conversar comigo mandando mensagens através do blog também.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gilson Pessôa: Eu estou escrevendo um livro de contos ambientados em um edifício com a escritora carioca Andreia Marques, sendo cada conto um apartamento. Algumas histórias estão interligadas, outras não. Além disso, estou escrevendo um livro de terror sobre investigações sobrenaturais no início do século XX e a continuação de “Histórias de Titãs Quebradiços”, com o título provisório “Duas mentes, dois universos”.



Perguntas rápidas:

Um livro: Grande Sertão: Veredas , de João Guimarães Rosa

Um (a) autor (a): Milan Kundera

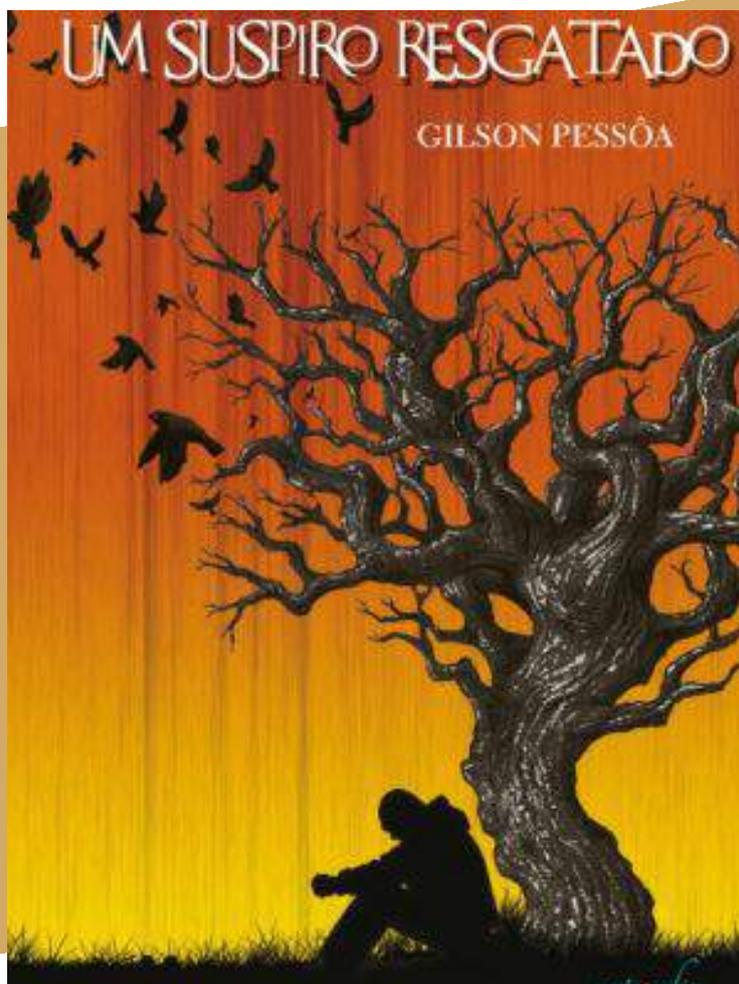
Um ator ou atriz: Al Pacino / Charlize Theron

Um filme: A lenda do pianista do mar

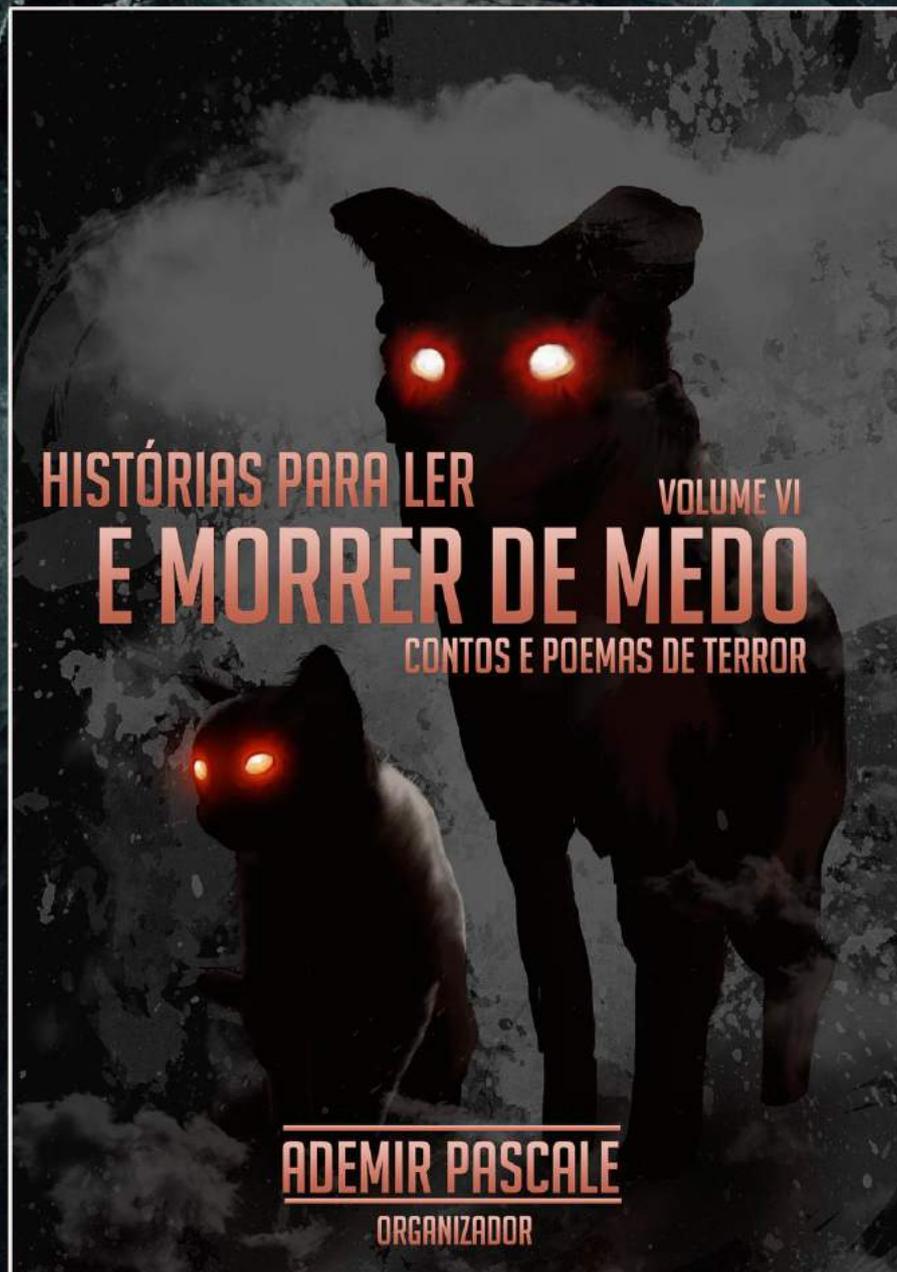
Um dia especial: Um dia cercado por um ambiente de paz e harmonia, seja no sítio ou na praia, cercado por pessoas queridas e familiares.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gilson Pessôa: O cineasta e poeta francês Jean Cocteau dizia que “escrever é compartilhar a solidão” e essa frase define muito a minha relação com a minha escrita e seus respectivos leitores. O feedback me alimenta e me motiva. Essa troca de ideias e reações entre o autor e seu público são essenciais. O dinheiro e a fama não significam nada se você só quiser alimentar o próprio ego. Respeito e admiro a escrita hermética e os neologismos, pois a arte se sustenta sozinha e não pede desculpas, mas o grande barato para mim é a troca de percepções com os leitores.



PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS
CLIQUE AQUI**

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR JOÃO BATISTA PONTES POR ADEMIR PASCALE



Natural de Nova Russas, Ceará, João Batista Pontes migrou para Brasília em 1960, com um diploma do curso primário e de datilografia na mala.

É formado em Geologia pela Universidade de Brasília, 1974; e em Direito pelo IESB – Instituto de Ensino Superior de Brasília, 2015.

Trabalhou como Geólogo de Pesquisa Mineral e na gestão e planejamento ambiental, nos Estados de Goiás, Paraná, Bahia e na Região Amazônica.

Por concurso público, foi admitido no Senado Federal, 1997, no cargo de Consultor Legislativo. Em 2011 passou à inatividade.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

João Pontes: Aposentado, passei a escrever artigos de opinião para jornais do Ceará e de Brasília, sempre enfocando temas políticos e sociais. Sempre tive como objetivo elevar a consciência da sociedade sobre temas de interesse coletivo, como forma de denunciar e combater a desigualdade social e econômica, que infelizmente caracteriza o País.

Passei, também, a escrever textos sob a forma de poemas, expressando as minhas concepções sobre o mundo, a realidade social e as relações humanas. Os textos foram se acumulando, até que decidi publicá-los no meu primeiro livro (Tantas Despedidas – Ensaios e Reflexões. Brasília: Guerra Editora, 2013, 107 p.).

Em 2018 reuni os textos mais relevantes, escritos no período de 2013 a 2017, e os publique no meu segundo livro (No Caminho, Sempre a Caminhar – Ensaios Socioeconômicos e Políticos. São Paulo: All Print Editora, 2018, 202 p.).

Paralelamente, continuei a escrever poemas. No meu terceiro livro (Devaneios – Ensaios Poéticos e Filosóficos. São Paulo: All Print Editora, 2018, 114 p.), estão reunidos os que foram escritos no período de 2013 e 2017.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Menino do Sertão" (Drago Editorial). Poderia comentar?

João Pontes: Trata-se de um livro semi ficcional, de memória, que descreve a trajetória de um menino (Jones, nome fictício) que saiu de uma pequena cidade do interior do Ceará e vivenciou experiências em diversas partes do Brasil. Com sua aguçada sensibilidade social esforçou-se para conhecer a realidade sociocultural das populações que habitavam essas regiões e as descreve no livro, de acordo com a sua peculiar percepção.

O livro traz informações valiosas sobre o início da construção da cidade de Brasília, aonde Jones chegou em 1960, com apenas 15 anos, assim como sobre as realidades socioculturais e econômicas das outras partes onde posteriormente trabalhou e viveu, especialmente a região amazônica.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

João Pontes: Por tratar-se de um livro de memória, não envolveu grandes formas de pesquisa. Ao contrário, o autor procura relatar a sua visão pessoal dos vários temas descritos no livro, escrito no período de 2018 a 2020.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

João Pontes: Escrevi chorando muitos trechos desse livro, principalmente os da parte inicial. Destaco o seguinte:

“Na noite de divulgação do resultado do vestibular da UnB de 1970, Jones ficou ouvindo por uma estação de rádio de Brasília a leitura, nome a nome, da relação dos aprovados em cada curso. Os aprovados em Geologia só foram anunciados por volta de duas horas da madrugada. Jones estava sozinho quando ouviu o seu nome e teve uma das maiores emoções de sua vida. Ajoelhou-se, e somente na presença de Deus, fez um juramento: jamais usaria os seus conhecimentos intelectuais para prejudicar os seus irmãos. Ao contrário, se comprometia a sempre ajudar os mais necessitados, da melhor forma que pudesse.

Ao longo de sua carreira profissional e de sua vida, nunca se esqueceu desse compromisso.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

João Pontes: O livro está à venda nos seguintes sites:

www.dragoeditorial.com - www.amazon.com - www.amazon.com.br

Mantenho um blog, onde os leitores poderão encontrar alguns artigos escritos mais recentemente: www.joaobpontes.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

João Pontes: Continuar escrevendo artigos de opinião e um novo livro retratando o Brasil que vivi.

Perguntas rápidas:

Um livro: Sapiens – Uma breve história da humanidade, Yuval Noah Harari

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna

Um ator ou atriz: José Wilker

Um filme: Amadeus, que além de nos fazer lembrar obras musicais do extraordinário Mozart, nos faz também perceber o quanto a mediocridade age para prejudicar as pessoas inteligentes.

Um dia especial: 24 de junho, meu aniversário.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

João Pontes: O livro Menino do Sertão relata o envolvimento do personagem Jones nos movimentos pela redemocratização do Brasil, ocorridos mais fortemente na década de 80 do século passado. Participação modesta, mas firme e consciente.

No entanto, ele jamais poderia imaginar que a tão sonhada democracia, que tanto lutou para ver implantada, fosse nos trazer ao momento atual, no qual vemos o nosso País entregue a uma classe política degradada. Sem dúvida, o atual desgoverno, que afunda o País em crises política, econômica e sanitária sem precedentes, é produto da degradação da classe política e de um povo majoritariamente inconsciente. Espera ele que o genocídio consciente que está sendo praticado possa ser interrompido e punido exemplarmente, para que nunca mais se repita.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA **MARA ASSUMPTÃO** POR ADEMIR PASCALE



Rosimara Rodrigues Assumpção, ou simplesmente, **Mara Assumpção**, gaúcha, casada, mãe de dois filhos, tem na escrita uma terapia, um prazer! Adora ler e escrever desde sempre! Graduada em Negócios Internacionais, com um MBA nesta área, em que trabalhou por toda sua vida profissional. Por conta de um sonho de ser professora, e se preparando para isso, fez uma especialização em EaD, e um mestrado em Educação. Mas então a vida acabou a levando por outros caminhos e, sem que fosse planejado, a escrita foi assumindo papel protagonista na sua vida: são contos, minicontos, poemas, reflexões, divagações em forma de textos, três livros publicados, e mais dois em produção!

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mara Assumpção: Desde sempre eu gostei de ler e escrever. Quando menina gostava de escrever versos rimados, lembro que adorava as rimas. Mas não mostrava a ninguém, tinha vergonha! Por volta dos 19 anos escrevi um romance, tipo “água com açúcar”, só minha irmã e uma prima leram. Depois disso, casamento, família, vida profissional e o máximo que escrevia eram meus diários pessoais. E a escrita ficou de lado, mas não os livros - tornaram-se companheiros fiéis! Com a aposentadoria, e tempo para fazer aquilo que me dá prazer, comecei a ler e estudar a espiritualidade, fenômenos mediúnicos, as religiões, o cristianismo primitivo. Nesta época, através de um trabalho voluntário em uma casa que acolhe pessoas abandonadas com deficiências neurológicas crônicas, veio a inspiração para o primeiro livro “Se eu pudesse falar” que é um romance espírita, que trata sobre deficiências físicas e o suicídio. O segundo livro veio em sequência, e, por consequência: “Idas & Vindas”, que fala sobre paternidade e drogas. Os dois livros publicados através do Clube dos Autores.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O Monastério – Memórias de um Cavaleiro Templário”. Poderia comentar?

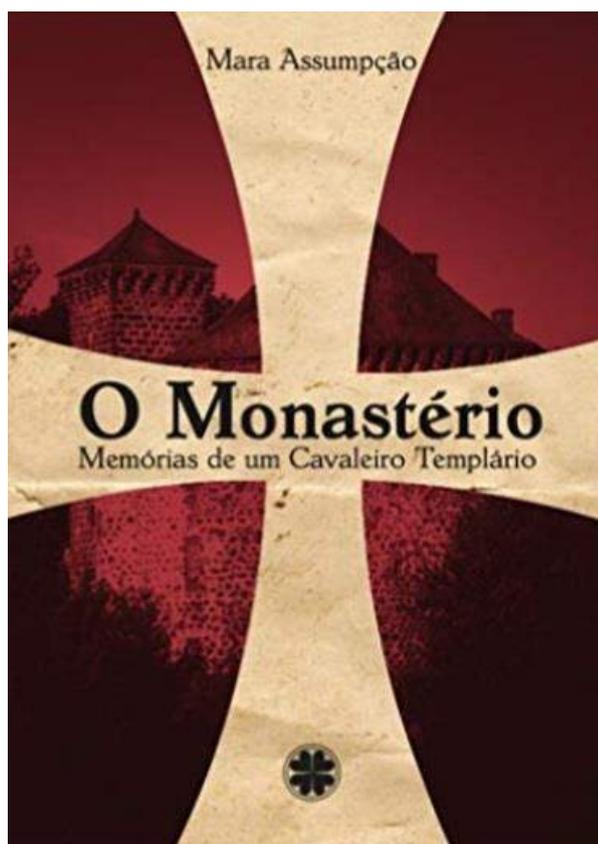
Mara Assumpção: O Monastério não foi um livro planejado, é um livro inspirado. Surgiu a partir de acontecimentos inusitados durante a visita ao Mosteiro de Poblet, final de uma viagem a Espanha em outubro de 2017. Esta experiência metafísica – na falta de melhor qualificativo, foi seguida por sonhos conectados ao monastério, logo que retornei ao Brasil.

No primeiro sonho, cinco dias após meu retorno, eu vi um templário chegando a cavalo no Mosteiro, estavam fatigados e exaustos, num cenário bem diferente do atual, reencontrando uma jovem mulher. Eu não entendia a conexão entre o monastério e os templários, e resolvi pesquisar a história do monastério, descobrir o elo de ligação entre o lugar e os templários. No início foi pura curiosidade, mas então, as conexões começaram a aparecer, e fui ficando cada vez mais instigada; por fim, pessoas que me conheciam, e com quem eu falei desta experiência me induziram a escrever. Eu sempre digo, que é um livro inspirado, por tudo isso e, também por que que mais de uma vez, tive sonhos, e quando acordava, tinha uma trama, ou conflito inteiro na cabeça, para desenvolver na história que contava.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Mara Assumpção: A minha pesquisa começou em novembro de 2017, buscando a história do monastério, depois, fui entender a vida dos monges cistercienses, fundadores do monastério em 1150. E então, descobrir a relação entre a ordem cister e os templários: o patrono, e idealizador da Ordem do Templo, é a mesma pessoa que reformulou toda a ordem cisterciense, e que hoje conhecemos como São Bernardo de Claraval. Os templários eram monges cistercienses, pertenciam a mesma ordem que fundou, e administra o mosteiro até hoje! Nesta época, ficou claro para mim, que eu precisava não apenas escrever sobre os templários, mas contar a verdadeira história sobre eles. Foi uma pesquisa difícil, por que existem muitos livros sobre os templários, mas muita coisa é pura especulação, misticismo, teorias variadas. Era preciso fazer a distinção, buscar a história documentada. Felizmente, nesta parte tive o auxílio de uma amiga que é bacharel em História. E depois conforme fui estudando e me aprofundando no tema, acabei descobrindo indicações de livros de estudiosos, historiadores importantes. Lia e assistia tudo que mencionasse os templários. Junto com os templários, tive que estudar alguns Papas, a história do domínio muçulmano na Espanha e Portugal, as Cruzadas, a vida mundana da Europa medieval e assim por diante. Foram dois anos de dedicação exclusiva para o livro.

A escrita e pesquisa eram feitas em paralelo; pois eu tinha necessidade de escrever a minha história, a história de Oderec – o meu protagonista, ao mesmo tempo em que precisava estar bem embasada sobre os fatos históricos, pois o livro navega entre a ficção e a verdade. Muitas vezes precisei, pausar a escrita para entender algum detalhe da vida na época, ou acontecimento real. Terminei de escrever o livro no final de 2019, e gostei muito do resultado, pois através das memórias de vida de Oderec, eu consegui contar a verdadeira história da Ordem do Templo, sob uma perspectiva mais intimista e espiritualista, mais focada nos personagens do que nos fatos.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Mara Assumpção: Um dos trechos mais especiais para mim, é justamente a narrativa de quando Oderec, retornando da Terra Santa, fica retido na França, numa época em que a Ordem do Templo já está sendo caluniada e perseguida pelo rei francês. E então, Oderec, atendendo ordens secretas do grão-mestre da Ordem, foge e volta para a Catalunha, numa longa viagem, sozinho, pelos Pirineus. Sua rota de fuga é passar alguns dias, escondido no Monastério de San Pablo – que foi sua casa desde os 09 anos, quando foi entregue por seu pai a Igreja, para que esta lhe educasse e formasse monge - para depois seguir para o castelo dos templários em Tomar, Portugal . Porém, nesta sua passagem ao Monastério, reencontra sua afilhada Martina, agora uma

jovem mulher, e então vive o amor. Esta parte, é a narrativa do meu sonho, dentro da história que criei, e, portanto, muita significativa para mim. É um trecho, que também dá uma guinada na história, por que a partir daí Oderec vai viver o dilema entre o amor por Martina e a devoção à sua fé, aos seus votos como cavaleiro templário. Os templários faziam votos de pobreza, obediência e celibato e, portanto, não podiam casar. Eram monges guerreiros!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mara Assumpção: O Monastério pode ser adquirido no site da Editora Trevo (www.editoratrevo.com.br), assim como Amazon e outras plataformas de vendas online, tipo Estante Virtual, Americanas, Submarino, Mercado Livre, etc.

Meus dois livros espíritos estão à venda no “Clube de Autores”, Amazon e demais plataformas de vendas online.

Através do meu site (<https://www.maraassumpcao.com.br>) é possível ter acesso aos “links” para compra dos livros, além de conhecer meu trabalho em contos, prosa poética, textos e divagações. Também tenho meu perfil no Instagram @escritas.by.mara, onde compartilho meu trabalho, além de textos e indicações de livros, poemas e citações de grandes personalidades, etc.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mara Assumpção: Certamente que sim, a construção do meu nome como escritora e poetisa é o meu principal desafio no momento. Já tenho outros dois romances em andamento: um romance histórico cuja temática são os cátaros, e o outro, mais místico e espiritualista, sobre a transição planetária. Além disso, participando de três antologias poéticas: Poesia Livre 2021 da Vivara Editora, Prêmio Poesia Agora Verão 2021 da Editora Trevo, e Permita-se Florescer da EHS Edições, livros já em fase de edição. Poesia é algo novo para mim, comecei a escrever em meados do ano passado, então ter meus poemas selecionados nessas antologias foi bem importante. Não descarto para 2022, um livro de contos e prosa poética. Já tenho material pronto para isso!

Perguntas rápidas:

Um livro: O meu, “O Monastério – Memórias de um Cavaleiro Templário”

Um (a) autor (a): Hermínio de C. Miranda, escritor, pesquisador e um estudioso da espiritualidade

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro e Lázaro Ramos

Um filme: Cidade de Deus

Um dia especial: O dia em que nasceram cada um dos meus amores, meus filhos e netos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mara Assumpção: Gostaria de acrescentar que meu trabalho traz muito das minhas crenças e fé, que são os pilares da minha escrita. Com minhas obras, tenho a pretensão de além de entregar entretenimento, compartilhar algum conhecimento, induzindo o leitor a reflexão sobre a grandiosidade da vida. Mas, não gostaria de ser rotulada como escritora espírita, por que escrevo para pessoas do mundo, independente de crenças ou fé. Minha escrita é universal, ainda que meus dois primeiros livros tenham sido romances espíritas. Minha visão e aspiração é a busca do bem, do nosso crescimento como pessoas, como humanidade e seres espirituais, que todos somos em essência.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

PRISCILA M MARIANO

POR ADEMIR PASCALE



Priscila Marcia Mariano nasceu em 03 de outubro de 1960, em São Paulo. Veio morar no Rio de Janeiro com dez anos, onde iniciou seu amor pelos livros, assim como pela escrita. Seus livros sempre focando em ficção, fantasia, principalmente, para o público infanto-juvenil e adulto jovem. Sua carreira teve estreia em 2009, com a publicação de dois livros: Rino o Guerreiro Alado e Um mistério na Serra do Mar. Em 2016, A Saga de um Pintor, romance/drama, chegou ao público através de Inocência Perdida. Participou de várias antologias no decorrer de sua carreira literária. Este ano, 2021, apresenta aos leitores Guerra entre Mundos. Uma fantasia para todas as idades.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Priscila M. Mariano: Desde muito jovem, antes mesmo de aprender a ler, contava histórias inventadas na hora. Fui escrever meu primeiro poema aos oito anos e comecei a escrever história, na época, fantasia, depois disso. Aos quinze já tinha várias histórias engavetadas, em papel de caderno e, ou ofício. Só vim a publicar em 2009 meus primeiros livros de ficção fantástica. Aos poucos enveredei para outros gêneros, incluindo contos.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Guerra Entre Mundos”. Poderia comentar?

Priscila M. Mariano: É uma história cativante. Sempre quis um tema deste estilo, onde seres humanos poderiam interagir com outras formas de vida. Buscando demonstrar que devemos não ter preconceito das pessoas que são diferentes. A união faz a força de um povo... Imagina qual força surgiria se todos, humanos ou não, lutassem pela salvação da Terra. Este é o tema central da história. Amizade, amor e dedicação para com todos e para consigo mesmo. É uma leitura de tirar o fôlego.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Priscila M. Mariano: Escrevi Guerra Entre Mundos em 2019. Depois de revisado várias vezes, mudado algumas coisas, em 2020 entreguei o original, a Edições Vila Rica. O processo de escrita foi rápido, pois as únicas pesquisas que fiz relacionado ao livro, foram regiões, cidades, ruas e países, e suas características estruturais. O tema central surgiu através do imaginário. Apenas me sentava a frente do computador e escrevia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Priscila M. Mariano:

Era questão de tempo Kiron invadir a fortaleza e ficar preso nela. Era este o plano. Enquanto as Sentinelas e alguns guerreiros dessem luta contra as Bestas, a armadilha seria acionada e tudo destruído. Apenas os da elite sabiam disso. O risco que haviam passado até então tinha sido sanado. Agora Kiron só sabia o que a resistência queria que ele soubesse. Em seguida, dariam um jeito nos espões que ainda circulavam entre eles. Isso seria para depois que eles conseguissem o seu intento, escapar do destino que Kiron queria para eles. Anton tremeu nas bases, sabia que desta vez Kiron não iria matá-los com rapidez, provavelmente, utilizaria todos os seus recursos de tortura para fazê-los sofrer. Ele estava com ódio. Pressentia isto. Seguiu Chiva que se deslocava entre os seus e dava ordens sem emitir qualquer som, não havia necessidade, as demais Sentinelas sabiam o que tinham que fazer. E então, quando o alerta de invasão eclodiu pelo complexo, ninguém foi pego de surpresa e todos agiram com calma e discernimento, sem atropelos.

— “Está na hora de você partir.”

Anton concordou e, acompanhado por duas Sentinelas, aventurou-se entre os guerreiros e avançou em direção ao cômodo onde estava o portal. E apesar de sentir-se um covarde, não ousou desobedecer Chiva. Seus irmãos já tinham sido deslocados mais cedo, ele era o único que ousara ficar até o último momento e não se arrependia disso. Estava pronto para abrir o portal e entrar, quando se viu diante de um guerreiro Lobiano que havia simplesmente barrado sua passagem e erguido a mão, onde ostentava uma faca curva, já com sangue.

Anton estremeceu e fez a única coisa que pôde naquele momento, gemeu agoniado, em busca da ferida que aquele desgraçado havia lhe feito e viu o sangue escorrer de seu peito. Só então sentiu a dor e começou a desfalecer.

— “Anton?!”

As sentinelas o pegaram antes que ele caísse e, com isto, esqueceram-se do traidor que já escapava entre os guerreiros que não haviam percebido nada.

— “Você deve matá-lo!” — sussurrou Anton para uma das sentinelas que imediatamente se prontificou a fazê-lo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Priscila M. Mariano: Guerra Entre Mundos pode ser encontrado no Amazon (E-book) e nas Edições Vila Rica (Físico), e com a autora. Assim como neste link:

Amazon: <https://www.amazon.com.br/gp/product/B08SVQD952>

Vila Rica: <https://www.edicoesvilarica.com.br/guerra-entre-mundos>

Links para descobrir um pouco mais sobre eu e meus livros:

<https://www.facebook.com/priscilamarcia.mariano>

<https://www.instagram.com/priscilamarciamariano/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Priscila M. Mariano: Sim, alguns. Tenho dois livros começados, um romance de época e uma fantasia.

Perguntas rápidas:

Um livro: Médico de Homens e de Almas.

Um (a) autor (a): Pedro Bandeira.

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

Um filme: Filadélfia

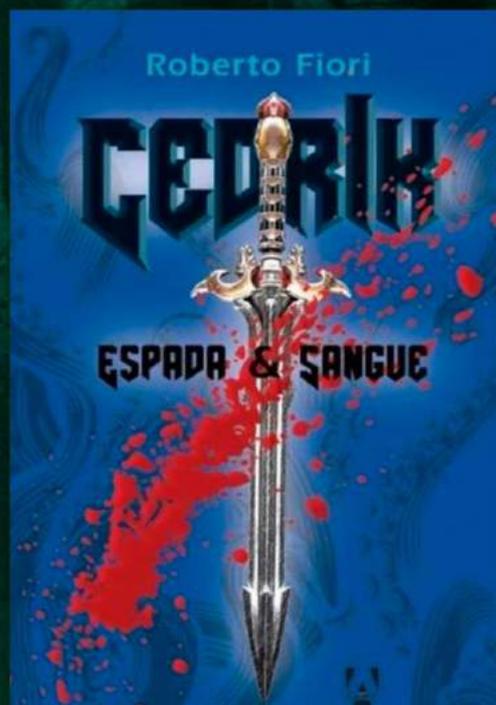
Um dia especial: Natal.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Priscila M. Mariano: “Leiam os autores nacionais! Há muitas histórias maravilhosas, é só dar a oportunidade a cada um de nós. Vamos prestigiar a literatura nacional?”.



Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU
CLIQUE AQUI

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

RAMÓN VASQUEZ

POR ADEMIR PASCALE



Ramón Vasquez é Gestor Pedagógico do Super Cérebro Recife, professor na área de negócios, pesquisador, especialista em Trabalhos de Conclusão de Curso e projetos empresariais. Como escritor: possui mais de cinco obras publicadas, dezenas de artigos de opinião e artigos científicos publicados em sites, eventos e revistas nacionais. É apaixonado por leitura, principalmente, Dostoiévsky e outros autores existencialistas. Nessa seara: romance, biografia, filosofia, sociologia, política e gestão são os assuntos de maior interesse. Sua vida é conectar-se com as pessoas por meio da educação, e auxiliá-las na construção de uma cultura focada no compartilhamento do saber.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ramón Vasquez: Sim! Começou em 2016, com a publicação do livro O mundo mudou... Justo na minha vez?, com o meu ex-professor e publicitário Valdênio Rodrigues. Além dessa obra, publiquei O universitário e a universidade: vivenciando oportunidades e desafios na trajetória acadêmica, que retratava a minha vida de universitário, por exemplo: estudar para provas, conciliar emprego e faculdade, participar de congressos, ler livros, estudar nos finais de semana etc. Em relação ao meu início literário, é bem engraçado, pois eu não gostava de escrever, tirava notas baixas em redação na época da escola, dentre outros probleminhas. No entanto, comecei a ler bastante na graduação de administração, tive alguns insights durante os quatro anos do curso e resolvi escrever o meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O mistério da Rua Magalhães Pinto”. Poderia comentar?

Ramón Vasquez: É sempre um prazer comentar os livros que escrevo. As personagens principais da narrativa são Luke e Angelika. O jovem casal busca um recomeço na vida de



recém-casados. Esse recomeço estava presente na fantástica Rua Magalhães Pinto. Uma rua com paisagem verde, flores, jardins, terra batida e um perfume agradabilíssimo que pairava no ar. Nos primeiros dias de casa nova, Luke e Angelika percebem algumas bizarrices na rua, como: a existência de uma casinha suspensa no tronco de árvore localizada no centro da rua, quatro idosas misteriosas e um idoso com voz mansa e um passado sinistro. Essa atmosfera peculiar é descrita no livro por Ramón Vasquez, após 80 anos, que foi a personagem que viu e ouviu tudo que se passou naquela rua. Desse modo, não é exagero concordar com Ramón Vasquez quando ele afirma: “Se eu pudesse dar um conselho, não para o leitor, mas para mim, seria: ‘Ramón Vasquez, não leia este

livro!’” O leitor deve ler a obra com uma boa trilha sonora. Recomendo: Dark Piano for Dark Writing (Youtube).

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ramón Vasquez: Não gosto de perder tempo escrevendo, desse modo, levei dois meses para concluir a obra – início, desenvolvimento e conclusão. Nesse período, tive quatro obras que me influenciaram na hora de escrever:

Série da Netflix: Jeffrey Epstein: poder e perversão. Ano: 2020.

Livro: Lady Killers: assassinas em série. Autora: Tori Telfer. Ano: 2018

Filme: A casa que Jack construiu. Diretor: Lars von Trier. Ano: 2018.

Documentário biográfico: Desvendando Serial Killers com Piers Morgan. Ano: 2017.

Essas obras foram essenciais para criar um clima de desconfiança, medo e pânico entre as personagens da Rua Magalhães Pinto.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Ramón Vasquez: Sim! Capítulo “Em casa”, página 31.

Luke invadia a casa onde morava. Gritava pela esposa, mas, ela não respondeu. Ele ficava mais nervoso. Ao chegar na cozinha viu o homem encapuzado alisando as partes íntimas da sua esposa com a faca. Luke ficou possesso com a situação, não via o momento de salvá-la e fugir da amaldiçoada, Magalhães Pinto.

— Solte a minha esposa, seu verme — gritava Luke. — Lixo humano! Verme! Se matar a minha esposa, irei matá-lo, com todas as minhas forças, seu animal!

— Calma, meu jovem. Conheci sua esposa esses dias. Linda, por sinal. Um, “tesão” de mulher. Posso nem beijar? Posso nem tirar uma casquinha? Gostaria de tocá-la mais intimamente. Você sabe, né? Estou tirando o capuz. Sem capuz. Sem mentiras. Sem nada. Sou honesto com você. Chega de mentiras!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ramón Vasquez: O leitor pode acessar minha página no Instagram @proflucasalmeidaoficial e conversar comigo no direct para solicitar o livro via WhatsApp, ou acessar o livro pelo QR Code que está no post de divulgação da minha obra. A obra é 100% gratuita.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ramón Vasquez: Sim. Entre meados de maio e início de junho estarei publicando uma obra nacional pela Editora Viseu. Este livro estará em formato impresso e digital. O livro retrata o drama de um homem brasileiro: casado, com filho, desempregado, vivendo de trabalho informal, até que um certo dia acontece uma situação que mudará a sua vida completamente...

Perguntas rápidas:

Um livro: Memórias da casa dos mortos

Um (a) autor (a): Fiódor Dostoiévski

Um ator ou atriz: Wagner Moura

Um filme: Tour de France

Um dia especial: 12 de agosto de 2020, marquei a data do meu casamento com a minha noiva (e futura esposa) Andressa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ramón Vasquez: Ser escritor ou professor, no Brasil, é um ato de resistência!

LIVRO NOVO

**Um psicopata pode morar
ao seu lado...**

**PEÇA JÁ
SEU EBOOK
GRATUITAMENTE
ATRAVÉS DOS
QRCODES**

RAMON VASQUEZ

**O MISTÉRIO DA
RUA MAGALHÃES
PINTO**

**ED. DO
AUTOR**

ENTREVISTA COM O ESCRITOR WILSON BARRETO FRÓIS

POR ADEMIR PASCALE



Nasceu em 7 de junho de 1960 em São Pedro do Jequitinhonha (MG), cursou o ensino básico em Itaobim (MG) e o ensino superior (Letras) na cidade vizinha, Teófilo Otoni. Já aos quatorze anos, dividia o seu tempo entre estudos e trabalho. Trabalhou em escritório de contabilidade (1975/1984); foi também professor da rede pública (1979/2020). Foi ainda diretor da E. E. Chaves Ribeiro, em Itaobim, e vereador e presidente da Câmara Municipal da mesma cidade. Procurando aprofundar seus conhecimentos, especializou-se em língua portuguesa (1989) e em literatura brasileira (2002). Concluiu o mestrado (2009) e doutorado (2018) em literaturas de língua portuguesa na PUC MINAS (BH).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Wilson Barreto Fróis: Iniciei o meu relacionamento mais consistente com a literatura a partir do instante em que optei por fazer o curso de letras, em 1977. A partir daí, a leitura de autores, como Cláudio Manuel da Costa, Castro Alves, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Manuel Bandeira e Graciliano Ramos, me convenceu a permanecer no universo literário.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Kafka em processo: da Lava à Vaza Jato”. Poderia comentar?

Wilson Barreto Fróis: Sim, porém mais um coautor do que propriamente um autor, em função da dinâmica da polifonia do texto. Nesse livro, desenvolvo a ideia de que o “estranho” universo de Kafka também inclui o nosso, sobretudo quando se observam as últimas ações da justiça brasileira nos últimos seis anos. E assim o faço por meio da inserção de ideias de vários juristas, sociólogos, filósofos, e do registro de diversas fontes jornalísticas, nacionais e estrangeiras. Coube a mim apenas a tarefa de associar tais textos à ficção de Kafka, tendo como base principalmente os romances O processo e O castelo.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Wilson Barreto Fróis: Em 2017, quando estava concluindo o doutorado em Belo Horizonte, escrevi um texto de vinte linhas aproximadamente, salientando a capacidade de reatualização da obra de Kafka. No entanto essa pequena produção ficou só nos meus arquivos. Já em março de 2020, quando a pandemia nos impôs a reclusão, resolvi aproveitar o isolamento social, transformando o texto iniciado em 2017 em livro. A absurdez cotidianamente registrada no contexto nacional do ano anterior inspirou e alimentou a construção do texto. Várias cenas da realidade momentânea, a meu ver, passaram a reescrever a ficção kafkiana. De março até julho de 2020, então, a partir de um olhar bifocal (ficção/realidade), concluí o livro em discussão.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Wilson Barreto Fróis: Quando, no terceiro capítulo, refiro-me à matéria do jornalista Glenn Greenwald em que se confirma nos bastidores da justiça brasileira uma característica do judiciário criticado em Kafka: a tramitação processual à margem do tribunal.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Wilson Barreto Fróis: Versão impressa: busca no site da Editora Viseu e de lojas parceiras (Amazon, Americanas, Shoptime, Submarino); formato digital: Amazon, Kobo, Apple, Google Play, Livraria Cultura.

Em relação aos meus trabalhos, dissertação e tese, na biblioteca digital da PUC MINAS. Além disso, publiquei quatro artigos em revistas acadêmicas da referida instituição.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Wilson Barreto Fróis: Sim, um deles: a correlação estético-formal entre a ficção de Murilo Rubião e as Escrituras, sonho transformá-la em livro.

Perguntas rápidas:

Um livro: Terra Sonâmbula, de Mia Couto

Um (a) autor (a): Franz Kafka

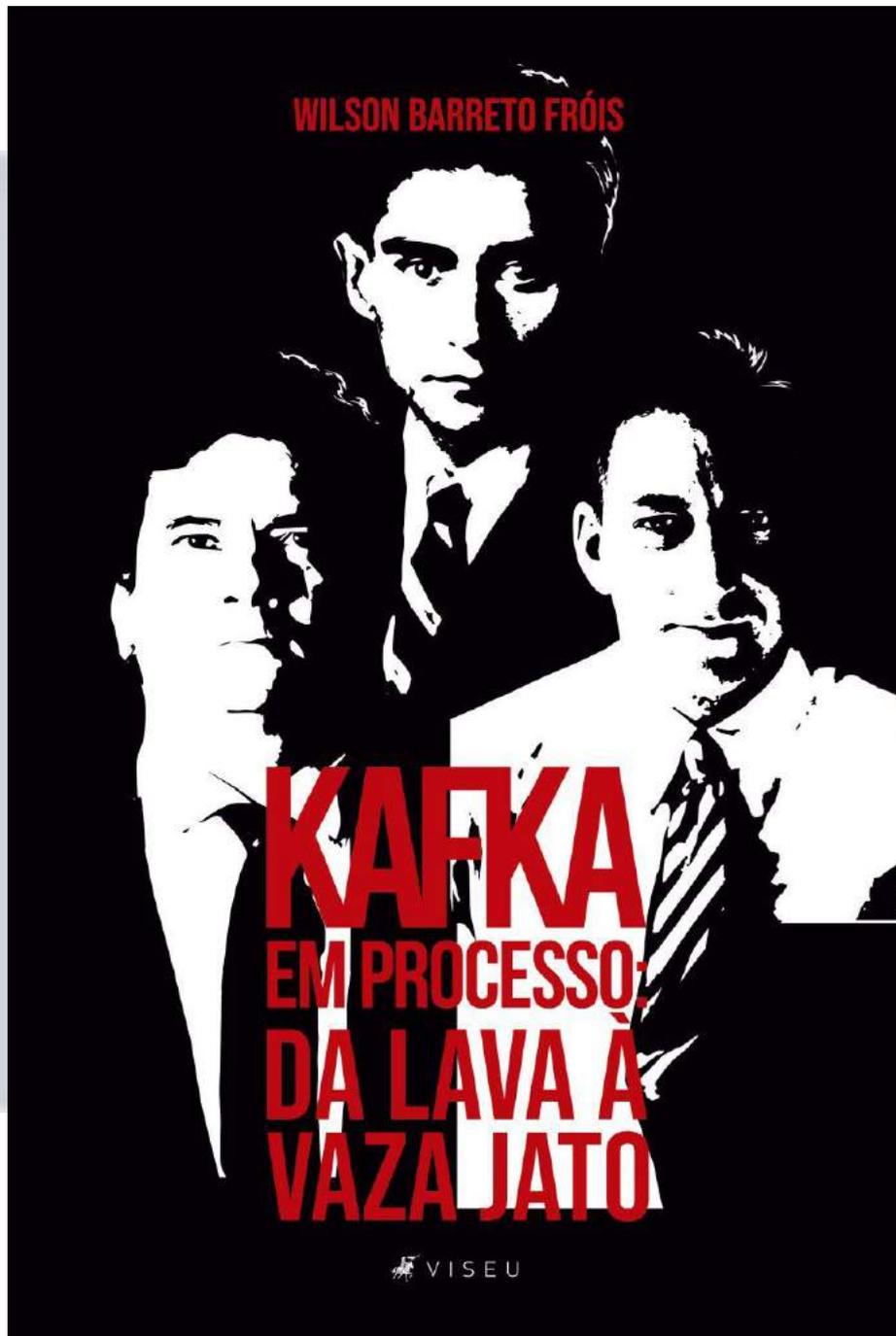
Um ator ou atriz: Paulo Gracindo

Um filme: Gladiador

Um dia especial: Dia das mães

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Wilson Barreto Fróis: Neste momento de crise, a literatura pode ser, além de um bom refúgio, um instrumento expressivo de resiliência.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR JOSÉ CARLOS CASTRO POR ADEMIR PASCALE



José Carlos Castro é enfermeiro, carioca, nascido em setembro de 1960. Formado pela UFF/RJ e UERJ/RJ em 1989. Servidor ativo do estado, participou de concursos literários promovidos pela FESP/RJ (hoje “CEPERJ”) em 96 e 98, sendo premiado com menção honrosa nestes dois anos. Em 1999 lançou “Aiumâna, o pássaro azul”, de cunho ecológico. Em 2018 publicou “Crime hediondo”, pela Drago Editorial, contando a estória do médico Durval de Oliveira e suas experiências anti-éticas. Em 2020 lança, também pela Drago editorial, “O fim da linha”, uma continuação independente do livro anterior. Nos dois livros, aborda o caos na saúde pública do RJ, a criação de cooperativas e organizações sociais, uma pequena história da evolução da poliomielite no Brasil e no mundo e, no “O fim da linha”, uma minibiografia do ex-presidente Getúlio Vargas.

Entrevista

Conexão Literatura: como foi o início no meio literário?

José Carlos Castro: acredito que os concursos pela FESP me incentivaram a prosseguir na carreira de escritor. Hoje, já no terceiro livro, não vejo como interromper esta árdua carreira.

Conexão Literatura: você é autor do livro “O fim da linha”, poderia comentar?

José Carlos Castro: “O fim da linha” para mim, é a minha “obra-prima”, até o momento. Me esforcei mais na escrita e até me arrisquei a falar sobre temas polêmicos como o ex-presidente Getúlio Vargas. Sei que uns o condenam e outros o aplaudem. Procurei me manter imparcial, focando no que ele fez de bom, mas também, apontando os “podres” do seu governo. Tive que acrescentar notas de pé e biografia consultada.

Conexão Literatura: como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

José Carlos Castro: tive que ler alguns livros sobre Getúlio Vargas, inclusive, raridades como “A obra de proteção ao servidor público realizada pelo presidente Getúlio Vargas (publicada pela imprensa nacional em 1943), onde tive acesso a algumas leis trabalhistas implementadas durante o seu governo. Até então, o servidor público era órfã de tais leis. Isto me ocupou o tempo por cerca de uns seis meses.

Conexão Literatura: poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

José Carlos Castro: talvez aquele em que Durval fala, cinicamente, do trabalho que realiza... “Dormi por várias noites em casa, ao invés de ir para as baladas, e deixei de me divertir em prol da evolução da ciência e da medicina. Galguei degraus nunca antes alcançados por nenhuma outra pessoa e cheguei perto de desvendar os meandros obscuros dos seres microscópicos no interior do nosso organismo. Mas, o que ganhei em troca? Me sugaram o sangue e me acusaram de ‘facínora’.

Conexão Literatura: como adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Carlos Castro: o livro físico pode ser adquirido on-line pela Drago Editorial ou por contato direto comigo. Criei uma página “Livroteca” em que transcrevi os contos pelo qual fui premiado pela FESP e outros contos que publiquei em coletâneas.

Conexão Literatura: existem novos projetos em pauta?

José Carlos Castro: sempre que termino um livro já dou margem a uma outra estória.

Conexão Literatura: perguntas rápidas:

Um livro: Os irmãos Karamazov

Um autor: Dostoiévski

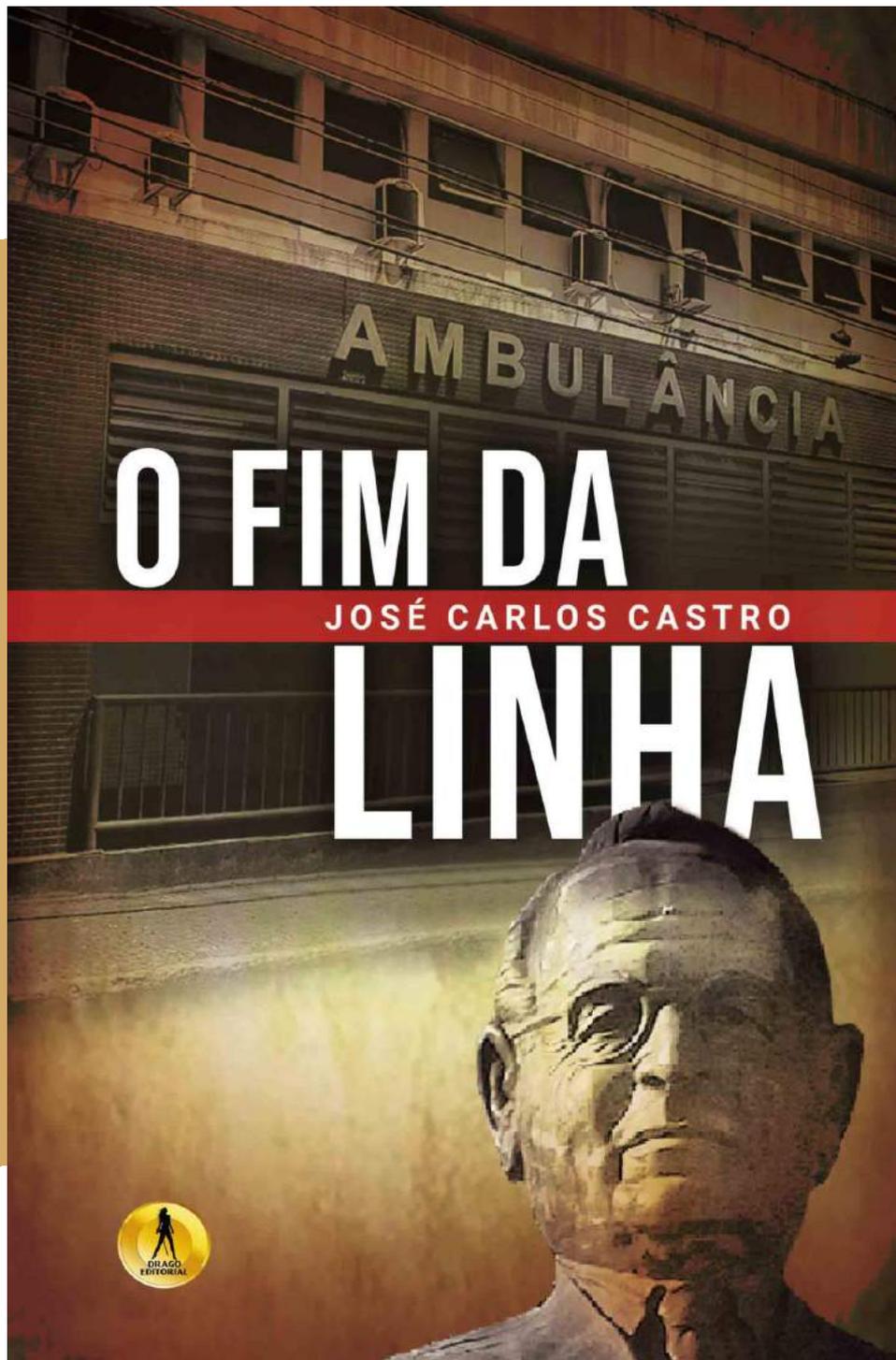
Um ator ou atriz: Tony Ramos

Um filme: Getúlio

Um dia especial: aquele onde faço o lançamento do livro e revejo amigos do dia a dia.

Conexão Literatura: deseja encerrar com mais algum comentário?

José Carlos Castro: nestes dias difíceis de Covid-19, em que até fomos intitulados de “heróis”, gostaria de lembrar que também necessitamos de um salário mais condizente com as tarefas que realizamos. É triste ver um auxiliar ou técnico de enfermagem do estado ter no seu contracheque o vencimento inferior ao salário mínimo. O nível superior recebe, no vencimento, um pouco mais do que o salário mínimo. É lamentável! Obrigado!



A winter landscape with snow-covered trees and a wooden fence under a sunset sky. The scene is dominated by a warm, golden-orange sunset sky that transitions into a cooler, blueish-purple hue. The foreground and middle ground are filled with snow-covered trees and a wooden fence, creating a serene and cold atmosphere. The text is overlaid on the upper left portion of the image.

CONTO: TERRITÓRIO

POR ROBERTO SCHIMA

PRÓLOGO

*O céu de um azul infinito
toldou-se para sempre de negro.
E o vento frio despejou filetes de lágrimas
a verter das estrelas sem jamais secarem.
Ah, a eternidade de um momento
que nunca deveria existir e,
como o findar de um dia o Sol deveria se pôr,
assim também deveria ser
com um momento de interminável dor.*

(De uma lápide em Tällberg.)

1 - TÄLLBERG

Suécia.

Tällberg.

Lago Siljan.

O inverno chegara cedo no belo e pacato vilarejo. A neve cobria as colinas, as ruas, os quintais e as construções de madeira como se fosse açúcar de confeitiro. Havia uma melancolia pungente no céu encoberto, nas árvores despidas, no vazio do cenário de contos de fada. Era uma beleza tristonha. Fazia pensar no outrora, naquilo que se deixara para trás, irremediavelmente fora do alcance das mãos. Duas centenas de almas ali viviam, refugiadas do vento, do frio e do sentimento de solidão em suas acolhedoras cabanas. Encontravam conforto no fogo da lareira, nas cobertas, nos livros, no licor de batata e, para os mais afortunados, nos braços mornos da pessoa amada.

Ao longe, o povoado assemelhava-se a um enorme sorvete de nata enfeitado de morangos. Das antigas fazendas, parte da aldeia vinha se transformando num retiro para turistas de outras cidades, os quais construía suas casas de férias. Hotéis e *resorts* estavam sendo erguidos, trazendo alguma inquietação ao coração dos moradores. No fundo, eles amavam aquela quietude ancestral, o rodopio da neve pelos grandes espaços de suas propriedades, o manto cinzento a cobrir o céu, a vista do enorme e tenebroso lago Siljan mais abaixo. Apegavam-se ao seu modo de vida rural e suas casas de madeira pintadas de vermelho. Não desejavam de modo algum ver Tällberg transformada numa Estocolmo. Tällberg era uma linda camponesa em agasalho branco; Estocolmo, uma dama sofisticada e cheia de afetação.

Mal sabiam os fazendeiros que o crescimento urbano seria a menor das preocupações que teriam, e que o alvo agasalho da camponesa manchar-se-ia de um vermelho impregnado de horror.

2 - O TERROR

Era uma manhã revigorante e véus de neblina depositavam-se nas partes baixas da aldeia.

Uma turista de nome Dagmar resolveu fazer uma caminhada do alto da Plintsberg Tällbergsvägen até as margens do lago Siljan. Era uma rua comprida, estreita e de suave declive. Estava totalmente deserta conforme desejava, longe da agitação de sua cidade natal e de seu maçante trabalho de balconista. A neve caía devagar e, de vez em quando, o vento fazia os galhos de abetos e pinheiros roçarem entre si como se trocassem sussurros. O solado de suas botas produzia sons crepitantes a medida em que andava. Seus pensamentos perdiam-se ao admirar as fazendas, as cercas e suas travessas fixadas na diagonal. Desejava muito morar em um lugar assim, um local encantador onde poderia realmente sentir a vida em sua plenitude, sensação essa reforçada pelo inverno que invadia seus pulmões a cada respiração.

Continuou a descer, sentindo-se tão leve quanto os flocos de neve que vertiam sobre as cabanas, os prados e as pastagens. Seguiu a curva formada pela Sjögattu de onde pôde avistar além das árvores, as águas sombrias do lago. Era uma visão mágica. Não por acaso, seus remotos ancestrais criaram uma rica mitologia sobre deuses poderosos e toda sorte de criaturas. Era impossível não pensar em forças elementais a habitar lugares como aquele, observando, espreitando, criando e destruindo através das eras. Já no final da colina, dobrou a direita na Laknäs Båthusgattu, a qual fazia uma curva e passava a margear o lago Siljan. Seguiu por uma trilha entre duas fileiras de abetos. Quando estava próxima à margem, ela ouviu um som que gelou seu sangue. Foi um rugido longo e grave como se viesse do fundo de uma caverna.

Dagmar estacou. Alguns metros a sua frente, por entre os troncos dos abetos, avistou uma sombra enorme se levantar sobre as patas traseiras. Tomando como base a sua própria altura, calculou que a coisa teria mais de dois metros. Possuía um focinho longo e orelhas pontudas feito um lobo. A seguir, a criatura correu beirando o lago e desapareceu. Trêmula de medo, a turista aguardou um momento. Ao se sentir segura, caminhou sorrateiramente até o lago. Não conseguiu prosseguir, pois deparou-se com o próprio horror.

O terror estava diante dela na forma de uma massa sanguinolenta. Era difícil intuir que, algum dia, aquilo fora um ser humano, não fosse pelos farrapos da vestimenta.

Sua vontade era a de gritar a plenos pulmões, não fosse o pavor de que o agente daquele massacre retornasse. Após prestar depoimento as autoridades locais, a jovem traumatizada retornou às pressas à cidade grande, concluindo que, afinal de contas, seu rotineiro trabalho atrás do balcão, rodeada por gente tediosa não era tão ruim assim.

3 - BJÖRN

Na reunião dos aldeões, em um dos bares da região, Björn, um fazendeiro corpulento de ombros largos, amante da boa cerveja, foi o primeiro a se manifestar:

— Deve ter sido um urso-pardo.

Houve protestos.

— Não há ursos nesta latitude.

— Está tomando *vodka* de alambique, Björn?

— Só se for de fabricação clandestina, fora das vistas do *Systembolaget*.

— Vai saber... E então, Stenberg, o que diz disso?

— Vão se ferrar os dois!

Até que uma mulher se intrometeu na conversa dos homens.

— O único "urso" por aqui é você, Björn — falou, referindo-se ao significado do nome deste.

Chamava-se Ágda. Era uma figura magra e alta, sem maiores atrativos, mas dotada de língua ferina. Nunca escondera sua inclinação pelo gigante nórdico, assim como este jamais dera qualquer esperança à mulher. Ela continuou:

— Virou comedor de gente?

O homenzarrão se irritou.

— Isso não é momento para brincadeiras. Uma pessoa morreu de modo horrroso! — E virando-se para um velho de barba longa e líder da comunidade: — Já descobriram de quem se trata, Sr. Nylund?

O Sr. Gjord Nylund tinha setenta e dois anos. Meneou a cabeça, cofiou a barba e soprou baforadas de seu cachimbo antes de responder.

— As mãos não foram encontradas. Dessa forma, será preciso aguardar o resultado do exame de DNA para se ter alguma pista. A polícia está percorrendo os hotéis, chalés e pousadas para ver se dão por falta de algum cliente. Por que acha que é um urso, Björn?

— Pelo tamanho que a testemunha descreveu. Grande demais para ser um lobo.

— Mas ninguém aqui mencionou lobo algum.

— Björn sempre teve simpatia por lobos — disse Ágda. — Talvez tenha algo a esconder de nós, não é, Björn? Está com algum mascote em casa? Ou o lobo estará diante de seu espelho?

Todos olharam para o gigante. A exemplo de seus ancestrais, traziam dentro de si uma combinação de medo e ódio em relação aos lobos. Muitos viam nesses animais a personificação do demônio ou uma praga a ser exterminada sem piedade, independentemente de quaisquer considerações ecológicas. A recente autorização do Parlamento para a caça em nada ajudou.

Björn perdeu as estribeiras.

— "Mascote"? Por que, mulher? Quer se juntar aos meus porcos?

Ágda ruborizou.

Antes que explodisse, o homem idoso fez um gesto brusco para que parasse.

— Já chega! Se não tem algo relevante a dizer, cale-se.

O homenzarrão indagou ao velho:

— Qual era a cor do pelo da criatura?

O líder do vilarejo consultou um bloco de papel que tinha em mãos.

— Preto... Segundo ela, era preto. Porém, isso não ajuda muito. O tempo estava encoberto. As árvores faziam sombra. A mulher estava apavorada. Não é um testemunho fidedigno.

— Mas é o único que temos — retrucou Björn, ainda perturbado. — Acredito ser um urso-pardo e, em vez de ficar de conversa fiada, vou apanhar minha espingarda e ficar de guarda, antes que ataque minhas vacas ou mate um dos leitões.

— E quanto as pegadas? — disse o homem que mencionara um alambique.

— A neve já cobriu tudo — falou o velho.

Björn pestanejou.

— Se não vão organizar uma patrulha — falou, enfiando o gorro na cabeça. — Vou cuidar do que me apetece.

E saiu em passadas largas, sendo engolido por uma rajada de vento.

O Sr. Gjord Nylund se voltou para Agda.

— Devia deixá-lo em paz, mulher.

— Ainda não me viu tirar ninguém do sério.

— Pois não queira ver Björn fora do sério.

4 - JONNA

Ao chegar a sua cabana, Björn parecia ter envelhecido dez anos.

Atirou seu gorro num canto, espantou a neve dos ombros, arrancou as botas e apanhou uma garrafa de cerveja. Sentou-se à mesa e começou a beber em silêncio, semblante inquieto.

O rangido de uma porta se abrindo fez-se ouvir ao fundo.

— Como é que foi? — disse uma voz fraca de mulher, hesitando.

Jonna tinha uma aparência frágil. Sua tez era pálida demais até para os padrões escandinavos; e os cabelos, de um loiro tão claro que davam a impressão de serem brancos. Mas ela aparentava ter somente vinte anos. Jonna não era albina, contudo sua natureza não deixava de ser igualmente especial.

Björn murmurou:

— Hoje ficou claro: sabem sobre você.

— Foram os barulhos que eu fiz! Eu tinha razão. Embora as outras moradias sejam distantes, os troncos das paredes e o vento nas árvores, eu estava certa: alguém me ouviria.

— Não. Aqui é bem isolado, estou certo disso. Certa vez dei um tiro na sala por acidente. — Apontou o buraco em uma viga. — Ninguém escutou. Para ouvi-la, alguém devia ter vindo bem perto da cabana.

— Quem?

— Tenho uma suspeita — falou o gigante, continuando a bebericar. — Uma leitoa...

— "Leitoa"?

— Modo de dizer.

— Seja como for, preciso partir. Não deve ser prejudicado por minha causa.

— Não, Jonna. Não estará a salvo em nenhum lugar, principalmente agora.

Björn se levantou e foi apanhar a sua arma, começando a limpá-la.

— Vou matar a besta antes que ela cause mais estragos. Uma coisa é perder algumas galinhas ou novilhos, outra muito diferente é alimentar-se de carne humana.

Jonna aproximou-se devagar do homem de quarenta e dois anos e o dobro de seu tamanho. Piscou repetidas vezes seus intensos olhos azuis. Pousou as mãos sobre os ombros de Björn e confessou:

— Não me deixe sozinha. Eu preciso de você.

Ele a abraçou delicadamente, temendo quebrá-la em seus braços.

— Não deixarei.

Acontecera seis meses atrás.

O amor inflamara Björn desde que a encontrara ferida, próxima a uma encosta montanhosa. Ele viajara em seu trailer pelo país a fim de explorar o extremo norte. Acabara em Riksgränsen, próximo à fronteira com a Noruega. Saiu para explorar os arredores, quando uma tempestade o surpreendera. Encontrara-a caída, quase totalmente oculta sob a neve. O corpo estava rígido. Levou-a até o trailer onde procurara reanimá-la. Não existiam hospitais em Riksgränsen, lugarejo muito menor do que Tällberg. Inicialmente, cobriu-a o melhor possível. Todavia, sem ver resultado e temendo perdê-la, Björn despira-se e a envolveu em seu corpo, cedendo seu calor para ela, enquanto ele próprio tiritava. Felizmente, fora brindado pelo sucesso. Até demais, diante da reação dela ao ver-se nua nos braços de um estranho nas mesmas condições. Björn não compreendera o seu dialeto lapão e, por meio de gestos, explicara da melhor forma o ocorrido. Fizera, então, menção de levá-la a alguma autoridade que houvesse na aldeia. A moça, desesperada, demonstrara claramente não desejar contato algum com o povo do lugar. Por fim, Björn trouxe-a para a sua cabana de troncos em Tällberg, na qual seu irmão, residente num vilarejo vizinho, cuidara dos animais em sua ausência. Não aproveitara nada da viagem, entretanto, fora-lhe proveitosa de um modo que somente em sonhos acalentara.

Em verdade, ela conhecia o idioma sueco, apenas apavorara-se diante do perigo iminente, fazendo uso do dialeto que lhe era familiar. Quando já estava restabelecida, contara a sua história ao gigante nórdico.

Jonna, delicadamente, afastou a garrafa de cerveja.

— É isso que você acha que eu sou, uma besta?

Björn deixou a arma e a flanela de lado.

— Eu nunca disse isso. E nunca mais repita isso. Aquela coisa lá fora é uma besta por causa da atrocidade que cometeu. — Contou-lhe rapidamente o que fora dito na reunião. — Você já fez algo parecido?

As mãos de Jonna estremeceram.

— A consciência torna-se embaçada nesses momentos. Até onde posso apurar, matei animais selvagens e alguns de criação, porém, nenhuma pessoa. Mas isso não é garantia alguma. Posso não me lembrar. Tampouco eu me sinto bem por ter massacrado aqueles pobres animais. Da última vez, os aldeões de Riksgränsen uniram-se em uma patrulha e conseguiram me encurralar. Só não me acharam porque eu me confundi à neve. Talvez tivesse perecido de frio, caso não me tirasse de lá.

— "Talvez"? Você estava nua, completamente gelada. Foi um milagre ter sobrevivido.

— Você foi meu milagre. Ajudou-me a me manter impotente nas épocas críticas do mês. Nunca me senti tão em paz quanto nos últimos meses. Não pedi para ser o que sou. Nas montanhas, eu queria que tudo acabasse... Não sei se o gelo conseguiria isso, mas, pelo menos ficaria lá, presa, imóvel para sempre.

— Era isso o que desejava? Matar-se?

— Não suportava mais a minha maldição. Pensa que fiquei satisfeita dos aldeões não me terem encontrado porque senão eles me matariam? Não, Björn. Eu temi por *eles*! Receei que a fera dentro de mim, acuada, os trucidasse.

— Eles não estavam armados?

Jonna sorriu sem vontade.

— Acreditavam estar atrás de um lobo comum... As armas não teriam efeito sobre mim, assim como a sua espingarda não terá. A menos que a bala seja feita de prata abençoada. Você tem esse tipo de munição?

Björn abaixou a cabeça, sem jeito, e enfiou a mão em um de seus bolsos.

— Algo como isto?

Jonna recuou diante do brilho do metal.

— Como?

— Pesquisei. Fiz com um medalhão de São Francisco pertencente a minha avó. Ela era muito devota.

— Quando? De que maneira pretendeu...

Björn desviou seu olhar do rosto de Jonna.

— Rezo todos os dias para que nunca seja necessário usá-la.

Num misto de emoções, a mulher compreendeu.

— Ainda que a tenha, os lobisomens são muito mais ágeis e fortes do que qualquer lobo e o faro é igualmente apurado. Possuem a escuridão a seu favor. Não será mais fácil exterminar a criatura lá fora do que seria eliminar uma alcateia inteira.

— Mas algo precisa ser feito, antes que ele volte a matar! Logo a Lua Cheia retornará. Se ele atacar alguém do vilarejo, não sei se conseguirei deter a turba que virá até aqui. Uma mulher suspeita que o lobisomem seja eu.

Jonna ficou exasperada.

— Pois é como eu digo: preciso partir!

— Não! — insistiu.

— Por quê?

Ele hesitou. Deveria contar-lhe? Ela o via como seu salvador, um amigo. Poderia até ter uma visão paternal sobre ele. Decidiu-se por uma verdade jamais dita a alguém:

— Porque você é tudo pelo qual vale a pena lutar.

— Björn! Eu não sabia... Mas eu... eu sou aquilo que você viu! Sou imperfeita, uma aberração... Sou... Sou um monstro!

Ele sorriu.

— Eu nunca desejei que você fosse perfeita porque sempre amei a perfeição que já existe em você. Ah, *honung*, para um lobisomem, seu faro é péssimo.

— Björn...

5 - ÁGDA

No bar, as pessoas começavam a se dispersar.

Havia um burburinho de despedidas.

Copos e canecos tilintavam.

Alguns risos soltos.

E apreensão.

O líder da comunidade, o Sr. Gjord Nylund, se achegou perto de Ágda.

— Você tem muito veneno nessa língua, mulher — ralhou.

Ela ergueu o queixo de forma atrevida.

— Ora essa, você não acha estranho o comportamento de Björn? Sou a única a perceber isso? Eu afirmo: ele é o lobisomem! Fenrir! Hati! Skoll! Chame do que quiser. Veja como é grande feito o urso em seu nome... É o maior de todos na aldeia. E sempre se mostrou tão solitário e esquivo. Quantos aqui já entraram na cabana dele?

— Isso não prova nada. Cada um tem a sua natureza. E o que o tamanho tem a ver com isso? Daqui a pouco, dirá que ele também é um troll. Cuide-se, Ágda. Sua voz destila a rancor.

— Como assim? — disse ela, chispas de ódio no olhar. — O que insinua, bode velho?

Outros chocaram-se ante a falta de respeito demonstrada por ela.

O líder do vilarejo continuou impassível.

— Todos sabem de sua atração por Björn... E que foi rejeitada por ele. E os que não faziam ideia, agora estão sabendo.

Se tivesse dado um bofetão em Ágda, o efeito não seria maior. Se ela também portasse um machado nas mãos, tampouco seria surpresa caso partisse o crânio do homem barbudo como se fosse um pedaço de tronco. Fez uma careta indignada, mãos crispadas e lábios trêmulos. Despejou as palavras que, até então, a consumiam:

— Pois saibam todos vocês que, semana passada, eu ouvi uivos partindo da casa de Björn... Uivos!

Houve um murmúrio surpreso no interior do bar.

Ela não pretendia fazer tal revelação, contudo, a raiva provocava coisas estranhas na mente, no coração e na língua.

— Uivos? — gemeu alguém.

— Sim, uivos! Ou Björn arranjou um lobo de estimação, ou acoberta um lobisomem, ou ele próprio se transforma na fera! — gritou Ágda.

— Como pode afirmar isso, mulher? Você viu? Por acaso, entrou na cabana dele?

— Eu?! Claro que não! Por acaso eu estava passando...

— Bisbilhotando, quer dizer — falou uma mulher num canto, rindo.

Outros riram também, seja por graça, seja para afugentar suas próprias apreensões.

Ágda, furiosa e humilhada, saiu da reunião, batendo a porta violentamente.

— Toma cuidado, megera! — gritou o dono do bar. — Se tem assombração em Tällberg, só pode ser essa bruxa. Eta mulherzinha mal amada. Se ainda fosse uma Ingrid Bergman...

— Ou Anita Ekberg — emendou alguém, fazendo um gesto sugestivo com as mãos em concha. — Ulalá!

— Vai dar um jeitinho nela, Stenberg — provocou outro. — Talvez seja mais como Greta Garbo e, por baixo daquele gelo, arda a chama da volúpia.

Riram mais intensamente.

— Prefiro me deitar com o monstro do lago — respondeu o dono do bar. — Maldito seja.

A menção da criatura assassina jogou um balde de água gelada no ânimo dos presentes.

O Sr. Gjord Nylund esvaziou o cachimbo, pigarreou e coçou a barba.

— Bem, senhoras e senhores, se esgotavam as piadas, sugiro que protejam-se em suas casas o melhor que puderem. Reforcem portas e janelas. Mantenham suas armas e cães por perto. Protejam seus rebanhos. Ouvidos atentos. Quem tiver, preparem armadilhas ao redor dos currais, mas — pelo amor de Deus! — não se esqueçam de onde as deixaram. Conversei com o Tenente Larsson, de Rättvik. Breve, teremos auxílio. Vamos nos aguentar. O pior é lidar com os turistas.

— E quanto a Björn? — indagou o dono do bar.

— A maioria de nós o conhece desde que ele e o irmão eram crianças. Esqueçam as bobagens de Ágda. Como você disse, Stenberg, coisa de mal amada. Cuidem-se!

O homem atrás do balcão arrematou:

— Penso que nem o lobisomem teria coragem de ir pra cama com ela.

6 - A CRIATURA

Nevoeiro.

Era uma cabana abandonada.

A Lua Cheia destacava-se por entre as nuvens.

A superfície do lago Siljan estava encrespada em razão do vento.

De dentro da escuridão, uma voz angustiada fez-se ouvir, sem nada haver para consolá-la.

Gemeu:

— De novo não!... Por quê? Por quê? Sou um, mas não uno. Há um monstro faminto dentro de mim, um dualismo entre o bem e o mal, a luz e a escuridão, a bondade e a maldade, a beleza e a fealdade, a inocência e a devassidão. Por que não nasci sob a harmonia que rege o dia e a noite, onde cada qual sabe o seu lugar? Por que fui feito um eclipse? Esse turbilhão que me consome, essa fúria que urra nas profundezas da alma querendo se libertar, rasgar, dilacerar, esmagar. Eu sou! Eu existo! Louvo todas as formas de vida, mas, dentro de mim, o mensageiro da morte emerge faminto de carne e sequioso por sangue.

Um oceano de dor acompanhou a transformação. Tendões estiraram. Ossos se partiram e reajustaram-se. Pelos grossos brotaram e cresceram por todo o corpo, assim como caninos longos e poderosos. As orelhas migraram para o topo da cabeça e tornaram-se pontiagudas. Garras enormes surgiram das extremidades dos dedos. Olhos

amarelos brilharam nas trevas. Finalmente, a fera monstruosa soltou um uivo agoniado e apavorante para a leitosa noite de inverno. A criatura assumiu o comando.

A porta de madeira pintada de branco era pesada e espessa, todavia, foi arrebatada como se sua constituição fosse a de palha seca.

Flocos de neve caíam lentamente do céu pesado e escuro.

A ventania soprava, fazendo os galhos das bétulas sussurrarem entre si.

A fera rosnou e farejou o ar. Ela sentira um odor peculiar da outra vez, antes de se abater sanguinariamente sobre sua presa à margem do lago Siljan. Havia outro monstro nas redondezas. Enquanto criatura solitária, não poderia tolerar um rival em seu novo território. Farejou novamente. Rajadas irregulares de vento e de diferentes direções não lhe deram muita segurança. De repente, uma brisa fugidia trouxe-lhe o cheiro. Foi apenas um segundo, mas o suficiente. Decidiu-se e disparou através do bosque em direção ao vilarejo. Dentro de si, o monstro sobrepujava o homem, porém, a mente do homem, ainda que ofuscada pela tempestade de areia da enorme tormenta que o assolava por dentro, revia suas vidas anteriores.

Um dia perdido no tempo, um circo viera de muito e muito longe, de uma terra de frio e densa escuridão para um lugar de sol, calor e praias douradas. Era um circo de atrações exóticas que nenhum outro no mundo exibira. Entre seus integrantes, houvera um homem magro com uma anomalia que fizera o seu corpo ser completamente tomado por pelos longos e sedosos, inclusive no rosto. Enquanto a luz, a bondade e a inocência ainda brotara de dentro da fera, ela fora até o sujeito na forma de homem e perguntara:

— Por que não raspa os pelos de seu corpo?

E o integrante do circo retrucara:

— Pra quê?

— Para ser normal — dissera o homem da Sardenha.

Em sua sapiência, o assim cognominado "homem-lobo" não se ofendera, e tampouco tivera ciência da natureza extraordinária do homenzarrão diante de si. Paciente, respondera-lhe:

— Eu sou normal do jeito que o Criador determinou para mim. Sou íntegro. Sou feliz desse jeito.

E fora fazer o seu número, imitando uma fera, posando para fotos, brincando com as crianças, dando autógrafos, sendo alvo tanto da admiração quanto da repulsa. Dentro de sua natureza excepcional e de sua vida errante, o lobisomem do Mediterrâneo o invejara como jamais tivera tal sentimento em relação a alguém. "Sou feliz desse jeito."

Aquelas palavras continuavam a ecoar em seus ouvidos latinos após tantos anos, assim como a sensação do involuntário afago de sua mão sobre a densidade lustrosa daqueles pelos.

Lágrimas corriam pelos olhos do monstro, misturadas ao ódio por sua sina, a solidão e a inveja que tinha de todos aqueles que viviam em um mundo que jamais o comportaria. Ele continuava a correr e correr sobre a neve, a quebrar o galho de ciprestes, abetos e pinheiros à medida em que avançava e o frio congelava a umidade em suas faces. Deixou o ódio fluir e tomar o lugar da amargura.

Já se encontrava nas cercanias do vilarejo quando, ao longe, avistou a mulher caminhando pela rua. Sentiu o cheiro. Não, não era a quem procurava, porém, a fome fez

seu resmungo através do estômago e bocarra salivou através da língua pendente. O instinto gritou mais alto e ele uivou para uma lua translúcida que a tudo observava por entre as nuvens.

7 - CONFRONTO

O uivo horrendo propagou-se pelo vilarejo de Tällberg.

Ágda interrompeu seus passos, petrificada.

Um som oriundo do inferno.

Sangue e morte.

A mulher arrependeu-se de imediato por ter, impulsivamente, retornado à propriedade de Björn. O que esperava encontrar ali? O que pretendia fazer? Continuar bisbilhotando desde que o gigante sueco deixara claro que seu coração pertencia a outra? Que outra? Ou seria pelos uivos que, tinha certeza, escutara de dentro da cabana em uma de suas incursões? Mas, agora, os uivos estavam do lado de fora e, ela percebia, a coisa vinha em sua direção. Toda a mágoa, todo o orgulho e todo o ciúme converteram-se num ponto insignificante. O que fazia no frio, na escuridão e ao vento numa estrada deserta? Lembrou-se do relato do Sr. Gjörd Nylund sobre o estado da vítima.

"Não era possível dizer se aquela massa sangrenta de carne era gente ou não."

— Meu Deus, não me deixe morrer assim... Ajude-me!... Björn!... BJÖRN!

No interior da cabana, Jonna e Björn agitaram-se ao escutar a criatura e, em seguida, o apelo desesperado da mulher.

Björn segurou firme a sua arma e apanhou a bala de prata.

— É Ágda!

— Ele está aqui! — gritou Jonna.

— Fique aqui.

Jonna fitou-o nos olhos, determinada:

— Você não irá sozinho.

Os olhos azuis eram dois lagos profundos.

O corpo branco como a neve começou a se transformar.

Dos braços tensos, brotou uma fina pelagem que se esparramou.

Era a primeira vez que Björn testemunhava. Das outras vezes, a pedido dela, deixara-a acorrentada em seu quarto nos fundos da cabana, com comida e água suficiente para atravessar a noite até ela retornar a forma normal. Então, ela se despia, deixava as roupas em um canto e, resignadamente, aguardava o desabrochar da fera em seu interior. Porém, agora não havia tempo para preparativos ou pudores e Jonna transformou-se sob suas vestes, estraçalhando-as. Björn engoliu em seco, não somente pela visão do corpo nu da jovem que amava, mas ante a aterrorizante criatura de lendas que ela se tornara. A fera de olhos azuis lançou um olhar amedrontador para Björn, rosnou e, em seguida, avançou para a porta, arrombando-a como se suas travas e dobradiças nada representassem. Ele teve certeza de que, se ela desejasse, a corrente não a teria detido.

Do lado de fora, a imensa mancha negra continuava a avançar em direção a Ágda. Em meio a escuridão, destacava-se o par de olhos amarelos. A neve crepitava diante das rápidas passadas. O lobisomem preparava-se para o bote fatal, quando o estrondo da

porta da cabana vindo abaixo o deteive. Então, de lá viu saltar uma fera semelhante a si próprio. Entrementes, os pelos dela não era negros como os seus, mas brancos feito a neve que caía. O contraste era tão mais impressionante, levando-se em conta que o monstro assassino possuía um porte físico três vezes maior do que Jonna. Até a elevada estatura de Björn não se comparava ao tamanho do lobisomem negro.

Ágda, cercada pelas duas criaturas, emitiu um gemido rouco e desmaiou.

Björn, refeito do choque, ergueu sua espingarda e tentou mirar na criatura.

Ambos os lobisomens se atracaram em movimentos rápidos, pesados e sanguinários. Punhados de neve, pedriscos e folhagem de outono se ergueram em volta. Garras e dentes à mostra. Rosnados. Olhares furiosos. Cada qual tentava rasgar a garganta do outro. Lutavam menos por suas vidas do que em defesa do território que acreditavam pertencer-lhes. Eram inacreditavelmente rápidos, verdadeiras forças da natureza: o vento, a escuridão, o frio, as águas do lago Siljan, o luar prateado que sobre tudo se abatia.

Björn recordou-se das palavras de Jonna sobre o fato de uma arma carregada com uma bala de prata não garantiria a vitória. Entendeu o porquê. Para um monstro daquele, imaginou que seria necessário uma metralhadora, senão um canhão. Mas precisava tentar e breve, pois, Jonna corria perigo. Via sangue sair de uma de suas orelhas. Ela arriscava tudo naquele confronto selvagem. Uma surpresa, porém, atingiu-o de modo quase tão contundente quanto ao lobisomem negro. As garras de Jonna, apesar de menores, moviam-se feito raio e traçaram feridas profundas no rosto e no peito do adversário. O lobisomem negro urrou e saltou para trás. Sangue tornava a macular a alvura da neve. Era o momento que Björn precisava. Apontou sua arma e atirou. A medalha de prata de sua avó, transformada em projétil, atingiu a criatura no ventre. A criatura cambaleou e caiu para trás. Jonna pulou em sua direção, pronta a abocanhar a garganta do oponente, quando a mulher que havia no interior da fera a fez parar.

A besta agonizava.

Algo mais acontecia.

Luz emergia das trevas.

Cauteloso, Björn aproximou-se. Ele e Jonna presenciaram a angustiante transformação do lobo em homem. Podiam escutar os sons dos ossos se ajustando. O homem agonizava tanto pelo tiro quanto pelas lacerações provocadas pelas garras da mulher. Em verdade, era forte o suficiente para se erguer, caso quisesse... Caso quisesse. Mas não queria. Não mais. Os respingos de sangue na pelagem branca de Jonna faziam lembrar os casebres vermelhos de Tällberg sobre os prados nevados. Logo em seguida, ela também se alterou, demonstrando sentir menos dor pela metamorfose do que o lobisomem negro. Björn retirou seu casaco e colocou sobre os ombros da jovem. Breve, tudo o que restava a seus pés era um homem de meia idade, cabelos pretos e tez morena, habituado aos mares quentes e o sol do Mediterrâneo. Num péssimo Inglês, ele falou, observando Jonna:

— Você é forte, mais forte do que eu. Deve ser um lobisomem muito antigo. — E voltando-se para Björn: — Obrigado por dar fim ao meu tormento. Um dia, depois que fui transformado, a paz deixou de existir em meu lar. Em minha loucura, assassinei minha família... E tanta gente mais que nem sei.

— Não fale — disse Jonna num Inglês pior do que o do outro. — Podemos tratá-lo.

— Não! Eu prefiro assim, irmãzinha. Finalmente, ficarei livre! Reencontrarei minha esposa e minha filha. Voltaremos a ser felizes conforme sempre fomos.

Jonna ajoelhou-se e tocou o braço do homem.

— Qual é o seu nome?

— Sou Mario Fonnesu, o sardo.

8 - A LENDA

Mario observou os olhos claros e úmidos de Jonna e a maneira como Björn depositava uma mão cheia de ternura sobre o ombro dela. Sentindo adensar as sombras da morte sobre sua visão, falou rapidamente:

— Vejo que o impensável une vocês dois. Todavia, chegará o tempo em que você, homem do Norte, ver-se-á obrigado a matá-la. Ou ela, involuntariamente, irá matá-lo num momento de insanidade, ou a alguém a quem se importe. É a nossa secular maldição. Mas há uma saída para ambos. Esse é o conselho que deixo a vocês.

Björn também se ajoelhou perto do moribundo.

— Qual seria, homem sardo? — indagou.

— Deixe-se transformar por ela! Criem uma alcateia e protejam-se um ao outro...

As sombras caíram sobre o palco da vida. E Mario Fonnesu, o nativo da Sardenha, morreu.

Havia piedade no semblante de Björn e remorso diante do homem que matara.

A tristeza obscureceu o semblante de Jonna... E, mesmo humana, uivou sua melancolia para o céu.

Björn correu para pegar seu carro, colocou Ágda dentro dele e levou-a para a casa desta, onde ligou o aquecedor e deixou-a sobre sua cama. Que acreditasse ter sido tudo um pesadelo ou o que lhe desse na telha. Não detestava àquela mulher. Somente sentia pena por ela. Em seguida, enrolou o corpo do sardo em um lençol e deixou-o afundar nas profundezas geladas e sinistras do lago Siljan. Apagou o melhor que pôde os rastros de luta. O silêncio pesara por toda Tällberg.

Nos dias que se seguiram, o gigante escandinavo tratou de vender sua propriedade para o irmão. Lotou o trailer com o que achava mais essencial e sem se despedir da comunidade, deixou o vilarejo em direção ao norte, seguindo para mais longe ainda do que o já distante lugarejo de Riksgränsen. Uma das maiores dificuldades que Björn encontraria pela frente seria a falta da cerveja.

O inverno atingiu o auge e nuvens pesadas vindas do Norte toldaram a Suécia de chumbo.

Dagmar, a infeliz testemunha, nunca mais reclamou de sua cidade ou de seu serviço.

A pacata e encantadora Tällberg continuou a atrair turistas da ruidosa Estocolmo.

Stenberg, o dono do bar, lamentou a ausência de Björn, o seu melhor freguês.

Ágda conheceu um homem, esqueceu os pesadelos e sossegou a língua.

O velho Sr. Gjörd Nylund removeu seus pensamentos muito tempo.

E durante um dos degelos do lago Siljan, um corpo apareceu.

No decorrer dos anos, na Lapônia, acima do Círculo Polar Ártico, surgiu uma fascinante lenda. Falava sobre um casal de predadores a vagar silenciosamente no crepúsculo perpétuo: um grande lobo cinzento e uma loba branca de olhos azuis. Lá, naquele clima glacial, estabeleceram o seu território. Os uivos que emitiam para as estrelas gelavam corações ao longo de quilômetros. Sob as majestosas auroras boreais, corriam feito o vento através das florestas e montanhas, atrás de renas selvagens. E, se de vez em quando se deparavam com famílias de nativos nômades, não os atacavam. Estes diziam que, apesar de causarem um misto de temor e admiração, essas formidáveis e fantasmagóricas criaturas eram os seus espíritos protetores: protegiam-nos e eram protegidos por eles. E aprenderam a amá-los por isso.

EPÍLOGO

O cinza no céu não surgiu somente para que pudéssemos valorizar o azul por trás dele. Mas para enriquecer de cores sombrias o nosso firmamento; trazer o peso da penumbra, da reflexão e da melancolia a equilibrar a leviandade das cores e o vazão de certas alegrias. Fazer valorizar a intrínseca profundidade de uma lágrima caída e o aprender das lições de uma vida perdida. (Dos pensamentos de Jonna.)

Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

Obs: Informações: *Google*, *Uiclap*, *Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br

CONTO: O CHALÉ SUÍÇO

POR MOLLERO TOMÉ



Conto

— Vejo que tem gente nova na vizinhança.

Olhando pela janela da cozinha, Débora disse a sua mãe apontando para um Chalé de madeira tipo Suíço construído há dois lotes de distancia da casa de seus pais.

— Sim, é do escritor, seu pai diz que é um homem do bem, viúvo há alguns anos. Eu acho muito estranho, ele não recebe nenhuma visita, está sempre sozinho — disse sua mãe

— Melhor tirar isso a limpo — falou Débora saindo, pulou a cerca, caminhando pelo gramado dos lotes ainda vazios que separava o chalé da casa de seus pais.

Pouco após o início da pandemia seus pais mudaram-se para este condomínio ainda em formação no interior de São Paulo. Medica socorrista em equipe de resgate na Cidade de São Paulo, já fazia meses que ela não conseguia uma folga para visitá-los.

Ao chegar à cerca branca de madeira que contornava o terreno do Chalé, ela o vê sentado no deck esperando pelo por do sol. Pulando a cerca e caminhando alguns metros pela grama recém-plantada até chegar ao deck, poucos metros distantes do grande lago que cobria quase todo condomínio.

— Oi, você não tem cadeira para visitantes? — Ela disse quando ele a olhou caminhando pelo deck

— Quando eu recebo visitas, do lado esquerdo da porta tem cadeira — e uma fração de segundos depois a vê entrando e saindo com uma cadeira, armando-a ao lado.

— Você parece solitário, enfrentando dias difíceis, algum trauma ou problema? — ela perguntou

Virou seu rosto em direção ao lago, bebeu um gole antes de responder.

— Vendi minha égua.

— Jura? Fez bom negocio?

— Não, me ferrei.

— Eu já imaginava vender uma égua nos dias atuais não é aconselhável

— Eu percebi depois que vendi.

— Se tivesse perguntado para meu pai, que é seu vizinho ele teria te dado essa dica.

— Então você é a filha doida do doutor e o que um médico entende disso?

— Eu não sou doida, meu pai era veterinário e o que você tem nesse copo?

— Tinto de verão, uma bebida espanhola.

— Tinto de verão em pleno outono, deve ser interessante, tem um copo para mim?

— Sim, em cima da pia tem um pouco na jarra, cuidado parece fraco, mas é forte.

— Eu sou forte — ela respondeu levantando e indo buscar um copo na cozinha.

Dentro do chalé pela janela ela o observou voltando olhar para o horizonte com o sol começando a chegar perto das distantes montanhas, uma rápida olhada pelo chalé antes de voltar a sentar ao lado dele.

— Hummm, muito bom, gostei — ela disse sentando ao lado dele

— Cuidado, não vou levar ninguém bêbeda pra casa.

— Não precisará disso, sou independente e responsável por mim.

— Que bom, então não tem problemas com horário para voltar? — ele perguntou

— Você esta me convidando para passar a noite aqui?

— Pensei que poderíamos fazer algo para comer.

— Desde que esse algo não seja eu, posso até passar a noite aqui, mas você terá que ir falar com meu pai antes.

— Sério? E sobre aquilo de ser independente e responsável por si — ele perguntou olhando para ela

— Sou dona do meu nariz, como fiquei sabendo que ninguém te conhece direito por aqui, eu quero saber se você é um homem de culhões ou se é só um garoto num corpo de homem querendo uma noite de sexo? — piscando para ele sorrindo.

Levando o copo para boca, ela voltou seu olhar para o lago por um tempo enquanto esperava que ele respondesse algo, mas o silencio cercou e preencheu o deck enquanto o sol já quase havia desaparecido atrás das montanhas, o anoitecer estava se fazendo presente quando ele levantou, dobrando sua cadeira e disse:

— Hora de recolher as cadeiras, vamos até a casa dos teus pais e pedir para você vir jantar.

— Você deve achar que eu sou louca não é? — ela perguntou

— Eu não seu pai já havia dito que tinha uma filha doida e assim você conhece o portão e não precisará mais pular a cerca.

— Ele deveria estar falando da minha irmã gêmea — ela disse rindo.

Os dois entraram no chalé, pequeno, acolhedor e aconchegante o chalé de madeira com cinquenta metros quadrados, sala de estar separada por uma mesa próxima a uma cozinha

compacta ao lado do banheiro e uma escada para mezanino onde ficava o quarto, uma decoração rústica misturada com modernismo.

Cerca de 250 metros rua acima onde ficava a casa dos pais dela, ela falou sobre a paixão pela vida no campo e do desejo que vinha crescendo de trocar a vida agitada pela tranquilidade do interior.

— Mãe, põe mais um prato na mesa que eu trouxe o escritor para jantar com a gente — ela gritou ao entrar em casa.

— Pensei que era você que iria jantar na minha casa? — ele disse

— Mudança de planos, mas quem sabe não tomamos outra de tinto de verão depois?

Ela puxou ele pela mão até a cozinha onde começou a ajudar a mãe com os preparativos para o jantar, ele sentou-se a mesa assim que o Pai dela chegou e começaram a conversar.

Entre perguntas e respostas, entre brincadeiras sutis trocaram informações sobre trabalho, momentos de vida, finalmente dois meses após ter mudado para o seu chalé suíço, fez amizade com seus únicos vizinhos na rua e de forma descontraída, trazendo sorrisos que iluminaram a mesa do jantar até a sobremesa ser servida.

— Doutor, eu quero falar com o senhor sobre (...) ele foi interrompido.

— Outro dia você conta a historia da sua égua, eu te acompanho até a porta. Ela disse já levantando para acompanhá-lo até a porta

— Eu não ia falar sobre a minha égua. Ele falou enquanto eles caminhavam até a porta.

— Eu sei. Ela disse rindo, virando de costas, entrando em casa e fechando a porta, olhando pela fresta da janela ele se afastando em direção ao chalé, ouve uma voz dizendo:

— Que você esta aprontando menina? — perguntou sua mãe

— Eu nada, o universo que aprontou comigo — ela respondeu rindo

Ela falou que tinha passado alguns dias em tratamento no hospital, por causa do Virus Corona e assim que teve alta saiu de férias, vendeu o apartamento e que veio em busca do sonho de ser Medica pediatra e ca pediatra, viver a vida mais simples e tranquila no interior.

— Você pode ficar com a gente enquanto isso — disse sua mãe muito feliz

— Eu sei, mas agora preciso entender o que esta acontecendo comigo mãe.

— Isso tem a ver com certo escritor que mora no chalé?

— Algo aconteceu quando passei pelo chalé ao chegar, senti um frio na espinha, despertou uma curiosidade e ao caminhar até lá essa tarde senti um frio inexplicável no peito que aquecia a cada passo, cada vez mais e ao pular aquela cerca me senti bem e leve.

— Ele é bem mais velho que você, tem quase a idade do seu pai.

— Algo me atrai física e emocionalmente para aquele chalé e eu quero descobrir o porquê de estar agora aqui com a cabeça lá.

— Então vai lá e descobre.

Ao amanhecer, antes do dia clarear, no chalé escuro o silêncio foi quebrado pelas batidas dela na porta. Algum tempo depois ele acendeu a luz e olhando pela janela a vê, parada na varanda com uma garrafa térmica em mãos.

— Bom dia, aconteceu algo? — ele perguntou abrindo a porta

— Bom dia, sim aconteceu e vim tomar café com você — ela respondeu

— Você se deu conta de que o dia nem clareou ainda?

— Sim e como eu ainda estou no dia de ontem, te proponho um café pra terminar o dia e começar uma história.

— Você também ficou mexida?

— Assim como você, eu sei que parece estranho, nem nos conhecemos direito, mas aqui nesse chalé estou me sentindo abraçada.

— O estranho pode ser bom e existe varias historias que começam entre estranhos.

— Então você aceita um café de uma estranha?

— O conselho era pra não aceitar balinhas, mas café eu não vejo problemas.

Puxando-a pela mão, na cozinha brindaram com xícaras o começo de uma nova historia. Passando quase o dia todo juntos até o entardecer, onde um maravilhoso por do sol se retirou, deixando o brilho da Super Lua iluminar aquela noite de outono, e o clarão que penetrava pela janela do mezanino, iluminava o quarto onde eles contemplaram o nascer de uma intimidade não imaginada.

Mollero Tomé o pseudônimo de **Roberto Molero** nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, filho de um pedreiro e uma tecelã, teve uma infância discreta na classe media andreense, estudando sempre em escolas publicas. Técnico em Comercio iniciou sua vida profissional aos 18 anos, atuando em empresas da região do Grande ABC nas áreas de Produção, Manutenção, Qualidade e Projetos Avançados, desde que se afastou das atividades nas indústrias, dedicou-se a recuperar as paixões de adolescência, fotografia em preto e branco, contar historia ou poemas.

Desse reencontro surgiu o primeiro conto publicado na revista Conexão Literatura em dezembro de 2020 e agora este novo conto.

CONTO IMAGINÁRIOS DO GATO PYN

A CASA AZUL DA ALMA

POR FLÁVIO VIDIGAL GUIMARÃES



ARTE BY FLÁVIO VIDIGAL GUIMARÃES

Conto**Parte 1.**

Certa vez, um Gato chamado Pyn, estava entediado com as brincadeiras da casa de seu amo, então, um certo dia, resolveu convidar a sua amiguinha Maria Mayaninha a procurar um jeito de poder entrar no mundo interior de algum objeto do mundo real.

Depois de procurarem por algumas horas por algo que pudessem entrar num mundo interior de algum objeto real da casa, nada encontraram...

E tendo passado alguns minutos de silêncio, Mayaninha teve uma ideia e disse:

— Vamos entrar no mundo real de um programa de computador, sendo pelo poder imaginário de um arquivo.

Passando dois dias, Mayaninha foi para a casa de seu amiguinho que tinha fama de ser entendido em informática. Ela pediu para ele emprestar o seu programa de criação imaginária guardada na memória de um pendrive.

Depois de ter trazido o programa do computador em sua casa, Mayaninha, ao ligar o computador, deixou passar o tempo de atualização e aos poucos, quando os sinais do computador deram os sinais de positivos da atualização do programa, ela percebeu que precisava pegar o seu pendrive de uso pessoal para gravar o programa, então foi procurar o pendrive numa gaveta do móvel, nos momentos da procura, ela viu uma caixa de um embrulho de papel antigo e dentro dele encontrou algo que foi de sua bisavó, então Mayaninha, tocada pela emoções da curiosidade, sentiu uma forte atração pela caixa e ao abrir o embrulho, viu que tratava-se de um livro de aparência muito antiga e, para o seu espanto, era com capa de couro e trazia gravado nela uma bonita imagem de uma casa de campo. A primeira folha do capítulo um, era a *Casa de Cor Azul*.

Depois que Mayaninha pegou o pendrive na gaveta, pensou: *Por que minha avó nunca nos falou desse livro da Bisavó? Qual o motivo de ter guardado tanto tempo aqui?*

Ao ler com atenção aquelas folhas amareladas e antigas, Mayaninha percebeu que o livro tratava-se dos segredos de uma antiga casa sagrada e que a cor Azul era a representação da origem do coração humano: o céu azul.

E acompanhando as cenas vivenciadas por Mayaninha, gato Pyn entendeu a situação do momento e das emoções dela, com ar de espanto e admiração pelo misterioso livro encontrado, Mayaninha acabou convencendo que o gato Pyn deveria junto com ela, entrar no mundo interior daquele raro livro que foi de sua bisavó.

Assim, Mayaninha e o Gato Pyn resolveram acoplar esses dados do livro do programa do computador na memória do pendrive. Gato Pyn, disse:

— Sim, iremos pela força dos processos imaginários dentro desse arquivo. Vamos entrar no mundo interior misterioso desse antigo livro de teus antepassados Mayaninha.

Parte 2.

Continuando a experiência de aventurar na viagem do programa do computador, com os dados informativos guardados no arquivo denominado por Mayaninha de “A casa Azul”, na busca, Mayaninha e o Gato Pyn foram comunicados de que já estavam em conexão com as primeiras impressões vindas dessa Casa Azul e para espanto de todos, perceberam um mundo muito diferente do mundo real e de que estão acostumados. Em poucos passos, já estavam em frente a uma enorme porta em formato com luzes azuis e brancas e com tons suaves e sutis, além de energia digital. Aos poucos, foram levados pequenos pássaros de cores de tons azuis e assim, Mayaninha e o Gato Pyn ficaram com certo receio. Admiraram a primeira parte da área externa da grande Casa Azul e seu fantástico mundo do Reino Filosófico da Letra “A”.

Depois, num momento, os dois foram invadidos por uma sensação de silêncio profundo e raro no local.

Assim, o gato Pyn pensou e Mayaninha percebeu telepaticamente: *Em meu instinto felino, percebi que neste reino nada fica oculto!*

Próximo deles, haviam várias letras, mas todas elas com um olhar fixo na grande letra “A”.

Mayaninha estava meio atônita e maravilhada com tantas impressões incríveis, com suas sensações estranhas. Muito diferente do que ela está acostumada. Ela virou para o Gato Pyn e disse:

— Ué, Gato Pyn, estamos no verão! Mas aqui é uma outra realidade e o ambiente não é tão quente. Por que é assim?

E uma das letras, levou os dois amiguinhos para uma área da casa, onde havia um pequeno jardim com plantas Amazônicas, e aos poucos, Gato Pyn e Mayaninha ouviram sons de vozes diferentes. A primeira era o som de uma ave, ela vinha de uma árvore próxima, e ao chegar perto dela, vieram sete aves, uma deles, era o famoso pássaro Uirapuru.

Mayaninha já o conhecia pelo folclore do Amazonas contado nas histórias de sua avó.

E Mayaninha perguntou ao Pássaro se ele era mesmo o Uirapuru:

— Você que é a ave encantada do Amazonas?

— Sim, sou eu — respondeu.

Ele continuava falando e até demonstrou seus cantos bonitos e encantados, mas ele expressou falas ásperas e de um tom de advertência.

Aos ouvir isso, Mayaninha e o Gato Pyn ficaram apreensivos e preocupados.

Mas eles ouviram outra voz, desta vez da Letra “A”:

— Ah, então vocês são os visitantes ilustres que vieram ao nosso Reino da Casa Azul. O que desejam saber de Reino dos Ancestrais?

Continua no próximo capítulo...

Flávio Vidigal Guimarães é poeta, escritor e artista plástico, deficiência auditivo. Dedicar seu tempo em escrever em seu perfil no Facebook e no Instagram e aqui na Revista Conexão Literatura. Tem formação em Teologia e Educação Social. Atualmente mora em Parintins, cidade do interior do Estado do Amazonas.



CONTO: SETE DIAS
POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

É como me tivessem arrancado o coração!
sentimento de perda, vazio latente que dilacera a alma!
A única esperança é saber que há um novo amanhecer,
e que esse recomeço possa se realizar em alguma existência!
(Míriam Santiago)

Chegamos a junho, mês do amor, em que namorados, noivos, maridos, esposas e amantes deixam de lado suas desigualdades, seus ranços e seguem aproveitando a data comemorativa mais fervorosa do calendário: o Dia dos Namorados!

Dia em que as floriculturas (presenciais ou por aplicativo, por conta da Covid) mais trabalham preparando arranjos de flores, entre outros presentinhos. Dia em que aromas de flores e de corpos exalam felicidade e juras eternas de amor.

Mas para mim este mês será diferente, minhas palavras expressam homenagem a quem dedicou a vida inteira ao amor verdadeiro (tão mencionado no filme Malévola). É claro que aproveito para brindar à querida data e a todos que conseguirão comemorá-la de certa forma, porém, apenas me reservo neste momento em que me encontro tão frágil, a homenagear minha saudosa mãe, que deixou aos 83 anos de idade, a Terra, obedecendo o chamado da existência de todos os seres vivos que assim residem neste Planeta.

E como no próprio título, queridos leitores, dona Neyde, ou Neydoca, foi-se em apenas sete dias. Passando mal no Dia das Mães (9 de maio), data que para mim jamais será esquecida, com princípio de infarto do miocárdio, se internou na UTI, ala do hospital mais bem cuidada, acontecendo na terça-feira seguinte uma parada respiratória, pela qual foi sedada e nunca mais acordou.

Tivemos apenas (meu irmão e eu) a segunda-feira, dia em que ela ainda lúcida pedia para ir embora daquele lugar, mas a melhora não se concretizou; parece que a melhora da morte existe de fato.

É com lágrimas ao rosto que me lembro dela, com aparência jovem, bonita de quando eu era apenas uma criança. Não me vem à mente o invólucro da idade, e sim, a juventude, pois afinal, para aqueles que acreditam, não é o espírito livre do tempo? Então, se para ela a felicidade estava há anos de sua realidade atual, que seja feliz em seu começo, de quando eu pequena aprontando as mais diversas traquinagens, de quando ela não podia piscar se estivesse em algum lugar fora de casa que eu já bagunçava e a ouvia gritar e brigar comigo: “Não se pode sair com essa menina, não temos sossego, ela não para quieta em lugar algum!”. Há, meu coração se encheu de glórias ao recordar esse passado.

E tantas coisas que ela curtiu conosco... Principalmente quando nos levava (um bando entre os filhos e amiguinhos) ao cinema, que alvoroço!

Acrescento ainda momentos felizes ao participarmos, anualmente, das apresentações no Ginásio do Ibirapuera, na capital paulista, onde morávamos, o Holiday on ice – para quem não conhece é um show de patinação no gelo – no qual ficávamos maravilhados e não nos cansávamos de todo ano assistir.

E porque não dizer dos piqueniques na Praia dos Sonhos, em Itanhaém? Após subir e descer por entre as rochas dessa praia maravilhosa, eis que aparecia um lugar legal para esticar a toalha de mesa e nos deliciarmos com guloseimas, e ainda apreciar uma paisagem de tirar o fôlego com o mar batendo nas rochas, espirrando muitas vezes água salgada e quebrando a cena, mas tudo na diversão e felicidade.

Há, um dos momentos mais felizes era quando dona Neyde e meu pai nos levavam à histórica – sim, porque foi inaugurado em 1968 – Cidade da Criança, parque de diversões que fica no centro de São Bernardo do Campo, atrás dos antigos estúdios da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, lugar em que literalmente eu deixava minha mãe maluca!

- Não sei o que viemos fazer aqui, ela não obedece, não venho mais – brigava Neydoca comigo, mas sempre com jeitinho eu conseguia voltar...

Posso completar ainda com os passeios ao Parque Zoológico, na Vila Santo Estefano, lugar onde também fazíamos piquenique.

Poderia ficar escrevendo o dia inteiro e relatando os memoráveis entretenimentos de outrora em família, mas acho que esses já são suficientes. Depois disso tivemos tantos outros eventos, alguns ruins e outros saudáveis.

Agora na velhice, no período em que voltou a morar conosco (meu esposo e eu) tivemos também mais momentos de felicidade, de um ritual de vivência que se iniciava com medicamentos e terminava ao desligar a televisão, bem tarde da noite, apagando a luz do quarto para que pudesse descansar, cotidiano que agora faz tanta falta!

Que ela possa seguir em frente, já que não houve sofrimento, Deus, o nosso Criador divino a levou com carinho, em silêncio, e assim de mansinho, eu segurando a sua mão fui acompanhando sua partida pelo aparelho a que estava respirando. E ela foi se libertando, deixando seu corpo para trás, guiada pela Luz Cósmica do Infinito.

Eu te amo minha mãe, jamais te esquecerei!

Miriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:
<http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: miriammorganuns@hotmail.com

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.07.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura